

Obras completas

de A. F. de Castilho

XVIII

Excavações
Poeticas

VOLUME III



LISBOA
EMPRESA DA HISTÓRIA DE PORTUGAL
95, Rua Augusta, 95
1905

OBRAS COMPLETAS
DE
ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 18.º

VOLUMES PUBLICADOS:

- I — AMOR E MELANCOLIA.
- II — A CHAVE DO ENIGMA.
- III — CARTAS DE ECCO E NARCISO.
- IV — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (1.º v.)
- V — FELICIDADE PELA AGRICULTURA (2.º v.)
- VI — A PRIMAVERA (1.º vol.)
- VII — A PRIMAVERA (2.º vol.)
- VIII — VIVOS E MORTOS — Apreciações moraes, litterarias, e artisticas.
- IX — VIVOS E MORTOS (2.º vol.)
- X — VIVOS E MORTOS (3.º vol.)
- XI — VIVOS E MORTOS (4.º vol.)
- XII — VIVOS E MORTOS (5.º vol.)
- XIII — VIVOS E MORTOS (6.º vol.)
- XIV — VIVOS E MORTOS (7.º vol.)
- XV — VIVOS E MORTOS (8.º vol.)
- XVI — EXCAVAÇÕES POETICAS (1.º vol.)
- XVII — EXCAVAÇÕES POETICAS (2.º vol.)
- XVIII — EXCAVAÇÕES POETICAS (3.º vol.)

NO PRÉLO:

- XIX — O PRESBYTERIO DA MONTANHA.

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

XVIII

EXCAVAÇÕES POETICAS

VOLUME III



LISBOA
EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora

LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA
Rua Augusta, 95 || 45, Rua Ivens, 47
1905

LXIX

NA FESTA DE UM BAPTISADO

A 3 DE JANEIRO DE 1843

Gentil botãosinho de candida rosa,
que, n'este recanto do mundo tão triste,
em quadra tão feia, cruel, invernosa,
aos ares incertos da vida surgiste;

de amores e bençãos, de abraços e beijos,
effeito mimoso, mimoso incentivo,
gentil botãosinho, por ti mil desejos
se vêem transformados no gosto mais vivo.

Viceja, e te exalça, prospéra, e floresce;
para ti as horas se hão feito doiradas;
e o místico orvalho, que sobre ti desce,
promette virtudes e prósperas fadas.

Mas ;ah! ;quem soubera, formoso innocente,
soletrar dos fados os livros escuros!
;e aos paes, aos amigos, expôr claramente
de que hão-de ser cheios teus amplos futuros!

; De que altos praseres, de que intimas glorias
se não accendêra mais de um coração!
Mas quem do passado mal crê nas histórias,
de ler *buenas-dichas* não tem presumpção.

O mais que me é dado farei n'este dia:
á tua saude farei mil saudes;
e votos ao Anjo que a infancia vigia,
para que te inspire seu genio e virtudes.

LXX

EPIGRAMMA

André Pinto andar não póde;
manda medico chamar;
chega o medico..... receita.....
je André Pinto põe-se a andar!

VÉNIA

Se me perguntassem como, por quê, e para quê engendrei este abortinho de epigramma, á fé que me poriam em grande apêrto, porque sempre cri na medicina, não tanto, verdade seja, como alguns doutores novos pretendem que accreditêmos, mas o bastante para sempre os consultar e obedecer-lhes com um escrupulo, que ás vezes transcenderá para fanatismo. Epigrammei-os, porque *Marcial*, *Molière*, *Filinto*, e *Bocage*, os tinham epigrammado; epigrammei-os porque era isso moda, e o ha-de ser sempre, como aquell'outra tontaria de falar e escrever contra as mulheres; epigrammei-os, finalmente, porque não tinha outra coisa que fazer n'essa hora, nem me doía nada.

LXXI

A FRANCISCO DE ASSÍS RODRIGUES

INTRODUÇÃO

Melhores versos do que estes, merecia o peregrino busto, que em 1836 fez, retratando-me, o meu amigo Francisco de Assis Rodrigues, lente de escultura na Academia das Bellas Artes de Lisboa. Como semelhança e imagem, e como obra artistica, de todos obteve applausos.

Rodrigues foi, assim como seu pae, discipulo de Machado de Castro, cuja cadeira hoje occupa, e a quem pagou parte da sua immensa divida de alumno e amigo, escrevendo em elegante prosa o seu elogio, publicado por mim na *Revista Universal Lisbonense*, a 17 de Novembro de 1842. Tambem eu tinha uma divida grande e antiga para com o autor da estatua equestre, cuja amisade já em casa achei quando vim ao mundo; e a maior, e a insolúvel, chegaria ella, se os seus desejos se houveram podido realisar.

Para a escultura é que eu tinha nascido.

Já entre os dez e onze annos de idade, a minha mais querida e continuada occupação era imitar, não só a figura humana, senão quantos objectos da Natureza havia conhecido, e trasladar quantas fôrmas em vulto se me offereciam ao tacto. Um Genio alado, de pouco mais de um palmo de altura, que por esses tempos fiz, acertou casualmente de ser mostrado a Machado de Castro; a anatomia externa, mas que outros méritos ahí faltassem, digo afoito, que devia de ser boa: era ponto por ponto copiada do vivo; copiada de mim mesmo. O effeito que lhe produziu, que vol-o diga elle mesmo; que, para isso, lanço aqui fielmente trasladado um documento, que ainda conservo autographo e assignado.

«Joaquim Machado de Castro ficou tão estupefacto e aturdido, quando viu estes ultimos brinquedos plastico-puerís, do snr. Antonio Feliciano de Castilho, especialmente attendendo ás suas circumstancias, que todo se inflammou nos seguintes

DESEJOS.

PRIMEIRO

«Que Deus fosse servido dar ao dito menino prompta, e firme saude, dando-lhe a sua perfeita vista, etc.

SEGUNDO

«Que o mesmo Senhor dilatasse mais ao dito Machado ao menos dez annos de vida sadia.

TERCEIRO

«Que o Príncipe Regente, nosso senhor, ordenasse ao pae do dito menino que o entregasse ao dito Machado, e a este que fosse cultivando este singular pimpolho, segundo as luzes que tem na escultura adquirido; mandando Sua Altesa apromptar todos os meios que o dito professor julgasse convenientes a preparar um prodigio.

«E como (por desgraça e labéo da nossa Nação) as artes, n'este Reino, se podem chamar *beccos sem sahida*, desejaria mais:

QUARTO

«Que Sua Altesa Real mandasse matricular o dito menino em o Collegio dos Nobres e fortificação, para alcançar por este modo augmentos e postos, etc. etc. E que no tempo d'estes estudos, os lentes d'aquellas aulas com este da de escultura combinassem e regulassem as applicações de um tão distincto alumno.

«Eis aqui como se podem formar prodigios, e utilizar-se a Nação de genios extraordinarios.

«A respeitavel antiguidade é tão celebre pelos Themistocles, Lycurgos, Socrates ¹, e Avicenas; como pelos Apelles, Phydias, Diocenos, e Policletos, etc.

Lisboa, 7 de Dezembro de 1811.

JOAQUIM MACHADO DE CASTRO.»

¹ Socrates primeiro foi escultor que philosopho, e as meditações, a que o conduziu a escultura, o entranharam na philosophia.

Sabido é como todos os seus, tão portuguezes, tão artisticos, e tão amigaveis desejos, sahiram frustrados; por amor da Arte me pesa, não por cubiças de fortuna; que se a penna vale pouco, menos vale por ora o cinzel n'esta pobre terra. No mesmo Machado se viu a prova: que testou este depois de meio seculo, e mais, de primorosissimo trabalhar? glórias á Patria (que n'outra parte houveram sido maiores); pobreza e penuria (que maiores não podiam ser) a suas filhas.

Como o Jáó, que pediu esmola para Camões, levantei brado, (que o devia mais que ninguem) pedindo esmola para as orphans de Machado. Não somos ainda de todo mortos; alguns jornaes fizeram ecco á *Revista Universal Lisbonense*. A *Restauração* empenhou-se na boa obra mais ardentemente que nenhum. A instancias de meu irmão José Feliciano de Castilho, se reuniram, a 29 de Julho, na Bibliotheca publica, muitos dos nossos literatos e artistas, para concordarem no meio por que se poderia «*accudir á pobreza das filhas do autor da estatua equestre.*» Assentou se em que se faria logo uma representação a seu beneficio no theatro de S. Carlos. Para promover, e dirigir, esta festividade, se elegeu, d'entre os presentes, uma junta composta dos senhores: Conselheiro José Joaquim Gomes de Castro (presidente) — Conselheiro Rodrigo da Fonseca Magalhães — Conselheiro Francisco de Sousa Loureiro — Doutor José Feliciano de Castilho — Doutor Luiz Antonio Rebello da Silva — Francisco de Assis Rodrigues — J. S. Mendes Leal Junior — J. J. Dias de Carvalho

(thesoieiro) — A. da Silva Tullio (secretario).

Alguns dias depois, a 11 de Agosto, executava-se em S. Carlos o mais variado e brilhante espectáculo que nunca se ali vira, constando do bem conhecido drama do snr. Mendes Leal — *Os Dois Renegados* — representado gratuitamente pela Companhia portugueza, e de muitas peças de musica vocal e instrumental, tambem gratuitamente desempenhadas pelos mais distinctos artistas de Lisboa. O concurso era quanto a casa podia comportar, e de mais cortesão e esplendido. Não era mais espectáculo o tablado, que a plateia e camarotes: os logares infimos, e as torrinhãs, resplandeciam, egualmente guardados, como a ordem nobre, de senhoras da primeira grandeza, de condecorações, e de tudo quanto o Estado tem de mais alto por sua posição social. Foi uma festa verdadeiramente nacional.

As beneficiadas recolheram perto de oitocentos mil réis d'este beneficio. E porque a benemerita e solícita junta se não limitou só em Lisboa, de Coimbra, onde houve para o fim um baile publico, lhes vieram cento e cincoenta mil réis. E ainda se espera do Porto o auxilio que juntamente lhe foi pedido, para ir solvendo esta divida nacional.

¡ Oxalá que assim continue o Povo portuguez, em quanto o publico thesoiro não póde, a alimentar a progénie de quem pensou mais na Patria do que nos filhos! Será isso ainda algum incentivo aos talentos, que até hoje mais tinham grangeado a seus donos amarguras, do que favores.

Não sejamos porém péssimistas ; e confessemos, por honra d'esta idade, que, se ainda hoje se não dá aos engenhos o necessario arrimo de que elles carecem para florescer e frutificar, algumas demonstrações de aprêço se lhes começam de offerecer. A estatua equestre d'el-Rei D. José, que nossos paes consentiram ficasse anonyma aos olhos da posteridade, vai receber esta inscripção mandada insculpir (sendo Ministro dos negocios do Reino o snr. Antonio Bernardo da Costa Cabral), por portaria de 23 de Janeiro de 1844.

JOSEPHO. I

Augusto. pio. felici. patri. patriæ

Quod. regiis. juribus. adsertis. Legibus. emendatis

Commercio. propagato. militia. et bonis. artibus. restitutis

Urbem. funditus. eversam. terræmotu. elegantiore. restauraverit

Auspice. administro. ejus. marchione. Pombalio. et. Collegio.

negotiatorum. curante.

S. P. Q. O.

Beneficiorum. memor

A. MDCCLXXV

P.

Joachimus. Machadius. Castrius. finxit. et sculpsit. Bartholomæus.

Costius. statuam equestrem ex ære fudit.

EPISTOLA

O' tu, que a sciencia, que o genio dirigem,
ó novo, piedoso, melhor Prometheu;
o fogo, que accendes no céu, sua origem,
por ti á materia de novo desceu.

Tu dizes á terra:—«! Levanta te humana!»
E a terra, lembrada da mão do Senhor,
converte-se em homem, levanta-se ufana,
e exprime os affectos do seu Creador.

A' pedra de Paros tu dizes:—«! Sê viva!»
A pedra estremece, ressoa... acordou;
o véo desaparece da nayade esquiva;
e o pêjo lhe veda dizer-te «Aqui estou.»

O sol namorado sorri-lhe á lindeza,
lhe apura delicias em candida luz,
admira-lhe o immovel da trança não prêsa,
da urna lhe espera torrentes a flux.

Suspiram mancebos, suspiram donzellas,
contrarios pesares ao ver a immortal;
uns, só de que o mundo não crie eguaes bellas;
as outras, de que a Arte creasse uma equal.

Com tantos prodigios tu mesmo encantado,
ordenas ao bronze, que entôe canções;
já arde, já ferve, já brilha coroados
de loiros eternos, o eterno Camões.

¡Oh! basta. Ir avante seria já crime;
¡oh! basta, que usurpas do vate o laurel.
Descança contente do arrôjo sublime,
e faz pedaços o altivo cinzel.

Mas não. De heroes lusos a turba agitada
te assalta nos sonhos, te aponta o porvir,
te pede mais glorias, te impelle, e te brada
que alfim dos sepulcros os faças surgir.

Não ha resistir-lhes: é Vasco da Gama;
é Castro, de Diu terrivel Heitor;
e o nume Albuquerque, por quem inda chama
a Aurora, viuva de tanto esplendor;

é Sancho, que aos loiros enlaça a oliveira,
e escuda os vencidos co'a espada Real;
são mil outros lustres da historia guerreira,
indígetes numes do teu Portugal.

Em pantheon sacro mudou-se a officina;
povôa-a congresso tremendo, sem par.
¡Que nomes! ¡que rostos! a inveja se inclina,
se prostra em joelhos forçada a adorar.

Ditoso cem vezes, ó tu, que das fadas
condão de prodigios lograste ao nascer,
que extrais tuas glorias das glorias passadas,
do goso triumphos, da lida praser.

¡Que alegre e ditoso não vives entre este
congresso, obra tua, teu socio, amor teu,
que as vezes te suppre dos paes que perdeste,
de filhos, de esposa, que o Ceo te não deu!

Eis tua familia. Velhice, nem morte,
não hão-de em seus membros ferir-te jamais;
por elles, ao menos, triumphas da sorte,
e já dos vindoiros o applauso escutais.

Se as leis se transformam, se ha paz, se arde a guerra,
se o Povo é tiranno, se aos Reis beija os pés,
se vai dia ou noite na face da terra....
não sabes, não curas; do mundo não és.

Os vivas, os morras, por perto, por longe,
sorrindo e scismando mal sentes passar,
qual sonha cegos e anjos o tácito monge
na cova, ao murmúrio do vento e do mar.

Tudo isso que estruge... resolve-se e expira:
as vagas das turbas, do Oceano o escarceo.
E a obra indiff'rente que o genio te inspira,
resiste, e sem termo rirá sob o ceo.

¡Que de oiro! ¡que tempo! ¡talvez que desgraças
não foram já paga de ephémeras leis!
em quanto a flôr-mármor, que cinges ás Graças,
verá desfolhar-se mil c'rôas de Reis.

¡Que digo! Altas glorias, socego, praseres,
não são, não são esses teus unicos bens:
do amor ás virtudes, do afêrro aos deveres,
tu crias modelos, e oráculos tens.

Com cada gigante que avivas á gloria,
conversas; estúdal-o; embébel-o em ti;
depois, em seu rosto cifrando uma historia,
tua alma o contempla, vos mede, e sorri.

Assim, bronze e pedras, assim troncos rudes,
que estão povoando teu mundo de paz,
quaes tu lh'as emprestaste imprimem virtudes,
e a vida te esmaltam, se vida lhes dás.

Amigo, ¡que sorte brilhante e quieta!
¡que palmas sem odios! ¡que placido ermar!
Amigo, ¡que invejas sentira o poeta,
se a terna amisade soubera invejar!

¡Oh! ¡quem pelo escôpro trocasse esta lyra,
e o sol reaccendesse que a infancia me encheu!
Teu canto de mármore, que invejas inspira,
talvez que irmão émulo achasse no meu.

Das artes o genio, teu mestre, o grão Castro,
ao ver meus brinquedos fadou-me escultor;
por sobre o meu berço luziu pois o astro,
que te enche a existencia de raro fulgor.

Fatídico o velho sondára a minh'alma;
quanto elle augurava, sinto eu dentro em mim.
Artista, cingira te, ó Lysia, uma palma
que houvera zombado dos tempos. ¡Oh! ¡sim!

¡Oh! ¡sim, que a cingira! que o fogo de artista
baldado inda aos pulsos e á mente me vem.
Dos Castros, Thorwaldsens, e Phydias, na lista
o meu, qual teu nome, se lêra também.

Sim, sim; ¡que de glorias! ... Lembrança importuna,
não mais me persigas, me tentes em vão.
Typhéu com montanhas me opprime a fortuna;
aos sins que murmuro, responde ella: Não.

Misérrimo Tântalo, os frutos e as aguas,
faminto, sedento, jamais tocarás.
Não olhes ess'arvore; esquece tuas máguas,
e ao som vê se dormes do rio fugaz.

De inglório sepulcro nas trevas aváras
expira, ó minh'alma, rebelde Vestal.
Ser mãe, ser ditosa, ser nume, sonháras,
e esteril seu fado do amor foi rival.

Venceu-te; sumiu-te; perece ignorada;
não és a primeira que a sorte desfez.
¿Não vês tanta perla no mar sepultada?
¿no germen extinctas mil plantas não vês?

Resigna-te, e morre. No tronco silvestre,
nas penhas, do raio pulvéreos tropheos,
continha-se o Olympo, se o escôpro do mestre
chegasse primeiro que a furia dos Ceos.

¿E é esta cabeça de loiros despida,
de quem tu coroadado te apiádas, te does!?
¿E' esta, a quem pròdigo off'reces a vida,
que eterna e brilhante só cabe aos heroes!?

¿Por quê?! ¿porque allivio de exilio amargoso
uma harpa saudosa me sôa entre as mãos?
¿Por quê?! ¿porque as penas da mente repousó,
aos proximos eccos mandando uns sons vãos?

Suspende, suspende. Camões esculpiste;
Camões redivivo nos olha; ¿não vês?
Do empenho sacrilego a tempo desiste;
o que é dos Elysios ao Lethes não dês.

E' tarde: a mão ignea que a súbitas lavra
sem conto os portentos, e a minha apertou,
correu mais ligeira que a sôlta palavra;
não pude detê-la no vôo... acabou.

Eterno me has feito; mas dize-me: ¿que ha-de,
ao ver-me entre numes dizer o porvir?
que á esplendida Gloria, que á doce Amisade,
pontifice de ambas soubeste servir.

Lisboa—Abril de 1836.

FIM DAS EXCAVAÇÕES POÉTICAS

NOTAS DOS EDITORES

ÀS

EXCAVAÇÕES POÉTICAS

NOTAS AO VOLUME I

Pag. 11, linha 28.

... Sterilis... diu palus, aptaque remis
Vicinas alit urbes et grave sentit aratrum.

Esses versos são de Horacio na *Arte Poetica*.

A proposito da caducidade forçada dos vocábulos de um idioma, diz o grande Mestre: «Devemo-nos á morte, nós e tudo que é nosso. Essas docas edificadas de pulso regio, em que o mar é contido, e em qua as armadas se abrigam do norte; esses paues, outr'ora infecundos e só cortados dos remos, hoje transformados em terrenos que o arado revolve, e de que se alimentam as proximas cidades; esses rios, outr'ora funestos ás plantações, mas obrigados pela industria humana a tomar melhor curso; tudo isso, obra do homem, tem de perecer.»

Pag. 13 lin. 12—Data do Prologo

Adscrevemos a este Prologo a data de Março de 1844, que o autor lhe não pôz. Como nos atrevemos a isso? porque em fins de Abril já encontramos as *Excavações poeticas* annunciadas para venda na *Revista Universal*, Tomo III, pag. 439 (fins de Abril); logo, não é muito arriscado conjecturar que mais de um mez antes se imprimisse o Prologo.

Pag. 15 — O Morgado de Assentiz

O actual Prior de Santa Engracia, Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, cujo distincto e applicado espirito é geralmente apreciado, teve a extrema bondade de nos offerecer a seguinte certidão:

—Logar do sello.—Certifico que a fls. 276 v. do Livro n.º 9 dos Baptisados d'esta freguezia de Sancta Engracia de Lisboa se encontra um assento do theor seguinte:

«Aos dezenove dias do mez de junho de mil setecentos sessenta e nove annos, n'esta parochia de Sancta Engracia, puz os sanctos oleos solemnemente a Francisco, que foi baptisado em casa pelo Padre Pedro Joaquim, e nasceu em os dois dias do mez de março proximo passado, filho legitimo de Manuel Antonio de Almeida e Vasconcellos, e de Dona Leonor Felicia Francisca de Paula Xavier da Costa, moradores na rua dos Barbadinhos, e recebidos n'esta freguezia. Assistiu como padrinho o Secretario de Estado o Ex.º D. Luiz da Cunha.—O Prior, Thomaz Castello.»

Nada mais se contem no assento, a que me reporto.—Lisboa, Real Parochial Egreja de Santa Engracia, 27 de Agosto de 1904.

O Prior, Monsen. Alfredo Elviro dos Santos.

Do cartorio da freguezia do Santissimo Coração de Jesus obtivemos esta outra, enviada pelo Rev.º Prior o snr. Eduardo Antonio Ribeiro Cabral:

—Logar do sello.—Certifico que a fls. 104 v. do L.º 3.º respectivo d'esta freguezia, está o seguinte assento:

«Aos cinco dias do mez de fevereiro de mil oitocentos e quarenta e sete annos, n'esta freguezia do Santissimo Coração de Jesus, rua Direita de Sancta Martha, falleceu, com todos os sacramentos *Francisco de Paula Cardoso de Almeida Vasconcellos Amaral e Gaula*, solteiro; filho de Manuel Antonio de Almeida Vasconcellos Cardoso Amaral e Gaula, e de Dona Leonor Felicia Francisca de Paula Xavier da Costa, natural d'esta cidade. Não consta que fizesse testamento; e foi no dia seis sepultado no cemiterio dos Prazeres; de que fiz este termo que assi-

gnei.—O Coadjutor, José Ignacio de Gouvêa Coutinho.

Está conforme.—Lisboa, e P.^{al} do SS^{mo} Coração de Jesus, 2 de Setembro de 1904. — O Coadjutor, Arthur Cabral Saccadura.

Entre estes dois documentos, interessantes por mais de um motivo, e que mostram a exacção das afirmações de Innocencio (das quaes alguém duvidou) desenrola-se uma larga existencia de setenta e oito invernos, placida e agitada, estudiosa e indolente, dedicada e egoista, rumorosa e silenciosa, acompanhada e erma. A vida do Morgado representa muito á propria a transição das regalias das classes aristocraticas para os entretenimentos litterarios das classes medias. Tudo isso se acha bem estudado por Innocencio no *Archivo Pittoresco*, e pelas *Memorias de Castilho*. Não repetiremos portanto os quadros que lá se encontram.

Notaremos apenas uma coisa: o espirito *moderno* e constitucional do Morgado de Assentiz era conhecido. Sumido na sua *Thebaida*, em quanto durou o calamitoso reinado do senhor D. Miguel, escuta os lamentos poeticos de Castilho, homisiado e esquecido como elle. A pintura das tristezas da epoca é friante, e mostra a identidade de crenças entre o velho e o novo.

Pag. 15—Verso solto

«Muito se tem disputado sobre o dever-se, ou não se dever, rimar»—diz Castilho no seu *Tratado de metrificação*. Não ousamos nós entrar na contenda; ambas as opiniões se defendem, e bem. Lá traz o mesmo Mestre argumentos á farta; e pondera:

«Os versos sem rima, ou sôltos, a que tambem chamam *brancos*, teem por si:

«1.º—maior facilidade de se fazerem;

«2.º— não pôem o pensamento do poeta n'um como leito de Procrustes, que aos pequenos os estira e desloca, aos grandes os ennovella e esmaga para se ajustarem á medida;

«3.º— a possibilidade de estender ou encurtar cada periodo;

«4.º— mais variedade;

«5.º— maior naturalidade »

Logo depois accrescenta:

«Os versos rimados teem não menos que allegar em seu favor:

«1.º—que, se as rimas excluem ideias, tambem ás vezes as apresentam, ou as chamam;

«2.º—que, por isso mesmo que retardam o trabalho, fazem concentrar n'elle maior attenção, e consequentemente lhe proporcionam mais primor;

«3.º—que disfarçam durezas, frouxidões, e outros vícios, que em versos sôltos se não desculpariam;

«4.º—que dão aos periodos symetria;

«5.º—que tornam a forma poetica mais perceptivel e saborosa ao commum dos leitores e ouvintes;

«6.º—que ajudam a memoria, pois, chamando cada desinencia pela sua semelhante, mais promptamente suscita a palavra, e com a palavra vem a phrase toda como que apegada».

Tudo isso assim é; basta affirmal-o um pratico d'aquella ordem, que tambem escreveu:

«A rima é um postigo e um enfeite. As Linguas de si formosas dispensam-n-a; as menos bellas teem razão para a tomar; as feias, necessidade».

Ahi está implicitamente explicado o motivo por que os Portuguezes, os Castelhanos, os Italianos, usam com largueza o verso sôlto; e o por que os Francezes, por exemplo, o não conhecem.

E comtudo, hoje empregamol-o pouquissimo nós outros; e uma das causas é (sejamos francos) a sua irrecusavel difficuldade.

Para compensar a falta dos donaires da rima, aquelle *chocalhinho* a que se referia um antigo poeta, é mistér dar em troca certos requisitos que não custam pouco trabalho e engenho; a saber: concisão e nervo no estylo, variedade nas pausas para quebrar a monotonia, diversidade musical nas desinencias predominantes de cada verso, rythmo e harmonia no andamento. Ora achar essas perolas não é tarefa para todos.

No *Cancioneiro* de Resende não ha exemplo de versos soltos; e o mais antigo poeta em cujas obras elles se nos deparam, é talvez na *Castro* o Doutor Antonio Ferreira, nascido em 1528. Veem depois d'elle Jeronymo Côrte Real no *Naufragio de Sepulveda* e no *Segundo cerco de Dio*, e Fernand'Alva-

vares do Oriente na sua *Lusitania transformada*; a esses seguem muitos outros até Filinto, Bocage, e Almeida Garrett, e d'estes até hoje.

Creado com a concisão do estylo antigo sempre vigoroso e grande, facil foi a Castilho domesticar e manejar a seu talante o verso sôlto, que era o nosso hexametro; e deixou n'essa especialidade metrica primorosos exemplares não escassos, mas inexcusáveis. Nobreza de expressão, vigor de phrase, balanço metrico sempre musical, periodos partidos a proposito e com toda a arte, eis ahi os principaes adornos das peças sôltas de Castilho, correspondentes (notal-o-hemos de passagem) aos seus periodos de maior pujança creadora. A versão dos *Fastos* é o ultimo tentame no genero; d'ahi em diante invadiu-o o alexandrino rimado, e o poeta entregou-se lhe todo.

¿Por que motivo se não dignarão os poetas modernos de versejar em verso sôlto? Não é de certo por desconhecedores da sua belleza, ou inhabeis para arrostarem com as suas agruras. Anda ahi questão de moda, apenas. Tudo rege, e em tudo domina, essa formosa louca; bem o diz logo no Canto I o *Hyssope* de Antonio Diniz da Cruz:

Nos vastos intermundios de Epicuro
o grão paiz se estende das chyméras,
que habita immenso povo, differente
nos costumes, no gesto e na linguagem.
Aqui nasceu a Moda, e d'aqui manda
aos vaidosos mortaes as várias fórmas
de seges, de vestidos, de toucados,
de jogos, de banquetes, de palavras,
unico emprego de cabeças oucas.
Trezentas bellas caprichosas filhas
presumidas a cercam, e se occupam
em buscar novas artes de adornar-se.

Pag 18 lin 1—Socios teus no folgar, teus socios
no estro.

Todo o rancho dos poetas da segunda metade do seculo xviii foi conhecido e intimo do Morgado de Assentiz; todavia parece-nos que o seu valido foi Bocage. Das suas relações com o inimitavel Tolentino, escassos vestigios claros nos ficaram. Consul-

te-se a extensa e preciosa Memoria sobre Bocage pelo Conselheiro José Feliciano de Castilho.

Pag. 18, lin. 4—Os Bersanes.

João dos Santos Bersane foi pae dos dois poetas Antonio e José Bersane Leite, amigos de Bocage, e conhecidos sob os cryptonimos pastorís de *Tionio* e *Josino*.

Por morte de João dos Santos Bersane, publicou Bocage a elegia que principia:

*Não morre inteiro o justo, o virtuoso;
na memoria dos homens brilha e dura.*

A Josino dedicou a ode:

Euro batendo as asas procellosas;

uma epistola:

*Josino, meu Josino, a cujo lado
gosei de alegres venturosos dias;*

e o idyllio *Armia*.

Antonio Bersane era tido em grande conta por Bocage, que escreveu d'elle:

Do meu Tionio a lyra milagrosa;

e lhe dedicou um soneto:

Tributo em ais no coração gerados.

Este Antonio foi Escrivão das decimas.

Consulte-se sobre estes assumptos o *Diccionario popular* dirigido por Pinheiro Chagas.

Pag. 18, lin. 6—Antonio Lobo de Carvalho

Era vimaranense, poeta satyrico, fallecido em 1787. D'elle trata Innocencio.

Pag. 18, lin. 8—Os Malhões.

São o advogado Francisco Manuel Gomes da Silveira Malhão, nascido em Obidos em 1757, engraçadissimo autor do livro *Vida e feitos*, que se lê ainda

hoje com muito gosto, e onde as tropelias da estudanteina veem retratadas a primor; e seu joven e mallogrado irmão Antonio, que elle menciona como improvisador fogoso e cheio de estro. Francisco foi pae do sizudo e eloquente prégador Francisco Raphael da Silveira Malhão. D'este conservamos no nosso cartorio muitas cartas autographas.

Pag. 18, lin. 10—João Xavier de Mattos

Era poeta desigual, mas talentoso; e teria subido alto, se tivesse mais applicação.

Lendo as suas obras, alguns dados autobiographicos se nos depararam. Parece ter nascido em Lisboa; ha um soneto que principia: *O patrio Tejo*. Comtudo, em muitos sitios menciona com saudade *a sua aldeia*. Refere-se n'um soneto á condição pobre do seu nascimento: *N'este que julga o mundo abritimento*; e em muitos outros passos insiste na sua penuria. Na epistola III conta ter ficado orphão de pae e mãe em tenros annos, e em varios trechos menciona ser fraco e doente. De humilde geração eram seus paes; diz elle proprio n'uma canção: *De baixo tronco venho. Humildes ramos por avós só tenho*. Do soneto que principia *Meu amado Mondego*, póde inferir-se talvez ter cursado estudos na Universidade; mas parece não seguiu carreira, ou a interrompeu. Elle mesmo diz: *Eu não honro a nação, nem sirvo o Estado*. Ignoramos se casou; não nos lembramos de ver allusões a tal entre as amiudadas menções das suas namoradas; mas parece ter tido um filho, que sahiu para fóra do Reino, segundo o soneto *Abre as azas de linho, ave rasteira*. Vê-se que este poeta era muito da casa dos Marquezes de Niza, Marquezes de Unhão, Condes de Pombeiro, etc.; e seguindo (até certo ponto) o costume de dependencia, quasi servil, que tanto amesquinhava os litteratos do tempo, não deixa de mostrar certos sentimentos de hombridade e dignidade, que o honram. Como artista, como metrificador, julgamol-o muito bom, e avantaja-se (quanto a nós) á maioria dos seus contemporaneos, exceptuando o inclito Bocage. Tem elegancia, facilidade chistosa, e nobreza na dicção. Os seus epithetos são sempre certos e conceituosos. Revela escola classica da melhor.

Pag. 18, lin. 13 — Miguel Antonio de Barros

Nasceu, segundo Innocencio, pelos annos de 1772. Autor de varias producções dramatico-poeticas e lyricas.

Pag. 18, lin. 13 — Antonio Joaquim de Carvalho

Foi cabelleireiro, mas o seu natural talento, e o seu irresistivel pendor para as Letras, obrigaram-n-o a largar a thesoira e empunhar a lyra. Innocencio, concluindo o seu artigo sobre este poeta, diz:

«Este poeta, hoje quasi desconhecido, mereceu no seu tempo muitos applausos; e, no estylo joco-serio, em que escreveu boa parte das suas obras, quasi pôde comparar-se a Nicolau Tolentino. O snr. Castilho (Antonio) na *Epistola* ao Morgado de Assentiz, que vem nas *Excavações poeticas*, tratando dos poetas d'aquelle tempo, diz a respeito d'este:

*...o Carvalho, em quem discordes
natureza e fortuna andaram sempre.*

Já não é pequeno elogio dado por Mestre tão competente, e n'este caso tão insuspeito:»

Pag. 18, lin. 19—Valerio Maximo

Ha muita gente para quem o nome de Valerio Maximo será hoje enigma; pois a obra d'este compilador ainda merece lida. Temos á vista uma preciosa edição quinhentista (1527, 20 de Fevereiro) por Lourenço Hilayre; pertenceu a Castilho, e por ella estudámos.

Valerio Maximo, cuja personalidade social é ainda problema controverso, foi um colleccionador de anedotas, talvez o primeiro do genero (chronologicamente falando), um observador attento de factos minimos, e scenas urbanas e politicas da antiga Roma. Por isso Castilho o apresentava ao Morgado de Assentiz como bom modelo para seguir na narração de scenas, factos, ditos, da Lisboa velha. O que a perguiça incuravel do Morgado deixou perder... é incalculavel

Pag. 18 lin. 19--O Suppico

Pedro José Suppico de Moraes, Moço da Camara do Infante D. Francisco, irmão d'el-Rei D. João V,

seguiu as pisadas de Valerio Maximo: collegiu casos antigos e modernos, ternos, epigrammaticos, serios, risiveis, moraes, politicos, de grandes, de pequenos, de antigos, de modernos, de nacionaes, de estrangeiros. Os seus dois volumes de *Apophtegmas* (Lisboa, 1720) entreteem e instruem.

O Bispo do Pará, D. Frei João de S. José Queiroz, nas suas *Memorias*, prefaciadas, annotadas, e publicadas, pelo insigne Camillo Castello Branco, traz a pag. 109 e seguintes muitos apontamentos, altamente dramaticos, para a biographia de Suppico.

Pag. 19 lin. 8—Bastos

Ignoramos quem fosse o Bastos, a quem se refere Castilho, pintor de paizagens na sala da *Tlebaida* do Morgado de Assentiz. Artista conhecido não era de certo; se não, talvez Raczyński o não tivesse omitido.

Pag. 19 lin. 10—Leoni

Francisco Evaristo Leoni vem mencionado nos *Vivos e mortos* de Castilho, Tomo I, e nas Notas.

Pag. 19 lin. 11—O bom Padre

José Theotonio Canuto de Forjô foi bom e applicado homem de Lettras, traductor dos *Annaes* de Tacito. Innocencio refere-se-lhe com o devido elogio.

Pag. 23, lin. 4—Quinta da Azenha Velha

Ainda existe, com a mesma denominação, mas o seu aspecto mudou completamente. O bicho devastou-lhe a vinha e os pomares; um proprietario reconstruiu o predio, que era abarracado, e ergueu ahi um cubo de alvenaria com janellas em bico, a que chamam ogivaes. Para satisfação da sua vaidadesinha, embebeu-lhe na frente uma lapide com o seu nome.

Quem sai de Carnide para o poente, segue á Pontinha; chega á Casa de pau, e encontra ahi a intersecção dos dois caminhos de Santo Eloy e do Casal-novo; toma por este, chega ao valle, e um pouco ao norte, atraz das arvores do casalinho das Arrombas, avista a Azenha-velha.

Ahi passou Castilho umas semanas de lua de mel,

depois do seu 2.º casamento em 6 de Maio de 1839; ali compôz alguns versos, que vão n'este volume.

A quinta, os proprietarios, a residencia do poeta, as suas tradições, tudo vem minuciosamente archivado nas *Memorias*;

memorias que só conhecem
os que a dita conheceram;
memorias feitas da cinza
das venturas que morreram,

como diz, com tanto sentimento e elegancia, o vibrante poeta Fernandes Costa no seu lindo *Livro das Soledades*.

Pag. 23—Xácara de Santa Iria.

O gosto de Castilho pela toadilha singela da poesia popular, mais uma vez se manifesta aqui. N'este homem havia, a par do amor ás altissimas bellezas do classicismo antigo, um pendor innato, irresistivel, para as tradições poeticas da nossa terra. A lindissima lenda de Santa Eyria, Yrene, Irene, ou Iria, acordou em Castilho estas melodiosas redondilhas, rescendentes ainda aos rosmaninhos e incensos das festas da Castanheira do Vouga.

Estes versos foram certamente inspirados pelo que diz o grande D. Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Lisboa. Para se avaliar o trabalho lyrico de Castilho, aqui transcrevemos a prosa elegante e vernacula do eminente chronista da Egreja lisbonense.

As scenas passam no tempo em que os Visigodos senhoreavam a Peninsula hispanica, e em que por toda ella dominavam as crenças christans. Nabancia (hoje Thomar) tinha por Governador um nobre Godo chamado Castinaldo, cujo filho, o joven Britaldo, se enamorou perdidamente de uma formosa recolhida de certo mosteiro de donas na dita cidade. Oíçamos a narração de D. Rodrigo:

Santa Eyria ou Yrene, virgem e martir.

«Corria o anno do Senhor de 653, que foi o terceiro do reinado de Resisvinto, quando succedeu o glorioso martyrio de Eyria, ou Yrene, natural da villa de Thomar, a que os antigos chamaram *Nabancia*, nome que ainda hoje conserva o rio

Nabão, que a rega, e que parece o deus á povoação; e depois se chamou *Thamar*, por imposição dos Moiros, que, com o senhorio e tirannia, mudaram o ser e nome ás coisas, porque nem ainda uma pequena esperança lhe ficasse aos Christãos do que tinham possuido por tantas edades.

«Passaram os tempos; e com a ordinaria mudança d'elles tomou a villa o nome do rio, com differença só de uma letra, que é o que permanece, ressuscitando ao rio o seu antigo: *Nabão*.

«Autor ha, que dá a Leiria, cidade poucas leguas distante de Thomar, por patria d'esta Santa, levado ou da allusão do nome (argumento de grão força no mui antigo), ou tambem de uma tradição que dura entre os naturaes, a qual affirma que o edificio de umas casas, que está meia legua d'aquella cidade, sitio do nascimento do rio Lis, o é tambem da nossa insigne Martyr; coisa em que não achamos muito fundamento, por ser a opinião contraria favorecida de quasi todos os autores que escrevem d'esta materia; de cuja honra não é justo que privemos um tão nobre e excellente povo como Thomar, cabeça em outro tempo da religião militar dos Templarios, e hoje da nossa portugueza de Christo, como herdeira e successora de sua grandeza e dignidades.

«Nasceu esta Santa de cavalleiros nobres, ricos e catholicos, chamados Ermigio e Eugenia; nomes, de que se pode inferir ser o pae godo, e a mãe romana, ou natural e portugueza.

«Era senhor de Nabancia Castinaldo, ou Governador de toda aquella comarca pelos Reis godos, com titulo de Conde. Assim chamavam aos que governavam districtos em que se dividia a Lusitania, pequenos sempre por não dar occasião ás tirannias do poder grande, justo receio de Principes eleitos, que, como nunca firmes no imperio, sempre lhe fica a grandeza dos vassallos suspeitosa, ou pela emulação que offerece, ou pelos ciumes que causa.

«Tinha este Castinaldo, de Casia, matrona de grão respeito e sangue, um filho unico, herdeiro de sua casa, por nome Britaldo, mancebo de grandes esperanças.

«Havia um Recolhimento no lugar, onde se creava Yrene, a cargo e cuidado de Casta e Julia, suas tias,

irmans de seu pae, em companhia de outras donzelas, aventajando-se a todas egualmente em fermosura que em virgude; e, para que esta luzisse com maiores augmentos, a encommendou Célio, varão perfeito, Abbadé de um mosteiro da invocação de Nossa Senhora da mesma villa, e tio da santa donzella, irmão de sua mãe Eugenia, a um monge seu, chamado Remigio, que florescia com fama de Santo e sabio, para que de sua doutrina e santidade em os primeiros annos fosse instruida no perfeito estado das virtudes. Chegou com esta creação ao mais solido d'ellas, sendo exemplar, n'aquella tenra idade, de grande admiração em toda aquella terra.

«Professavam as Religiosas d'aquelle tempo mais recolhimento que clausura; e assi, iam aos templos ouvir os divinos officios. Porém Yrene negava-se tanto a esta devota liberdade, que só uma vez no anno a admittia.

«Indo no dia do Apostolo S. Pedro visitar a egreja, que estava visinha aos paços do Governador Castinalo, viu-a ali, n'aquella occasião, Britaldo seu filho; e afeiçãoou-se de maneira á sua fermosura e rara modestia, que, apertado do fogo de amor que o abrazava, e refreado da honestidade da virgem, que não consentia manifestar-se incendio tão mal nascido, lutando entre um e outro affecto veio a cahir gravemente enfermo. Augmentava-se o mal com a desconfiança do remedio, porque os medicos lh'o não podiam applicar, ignorando a causa que o proprio enfermo lhe encobria. A doença, que parecia incuravel, sarou com a vista de Yrene; porque revelando-lhe Deus o estado de Britaldo, fiada na divina graça, e levada do espirito do Ceo e caridade do proximo, o entrou a visitar, com o recato e companhia devida á sua modestia e profissão.

«Tratou logo de o desenganar em suas pretensões; e foi facil, pelo estado em que o tinha posto a enfermidade. Quiz, comtudo, lhe promettese a purissima donzella, que jamais se afeiçãoaria, ou casaria com outro que elle não fosse. Não pareceu a Yrene recusar o partido, como aquella que todas suas afeições tinha postas no Celestial Esposo. Deixou-o com isto melhorado no corpo, e já de todo convalescido n'alma, que de uma e outra enfermidade lhe foram sua vista e palavras medicina saudavel.

«Alegres os paes com a saude do filho, começaram a fazer tanta estimação da Santa por cujo meio a alcançára, que lhe renderam graças como a milagrosa, publicando maravilhas tão grandes e favores do Ceo, que deu motivo a toda aquella terra para celebrar o nome de Yrene, e consultal-a como a oraculo em suas necessidades. Agradecido Britaldo a este beneficio, parou nos desejos desordenados com que amava a Santa, socegando-se só com a promessa de que não deferiria a outra vontade que não fosse a sua, satisfazendo com este modo aos ciumes, como a effeito ¹ mais violento da afeição. Tornou-se a Santa alegre para o seu mosteiro, de se ver livre do perigo a que a conduziu a caridade; mas como foi acção de Deus, mal podia ter outro fim.

«Passados dois annos, que a santa virgem gastou sempre em exercicios espirituaes, tentou o diabo, como vigilante leão na perdição das almas, segunda vez dar assalto á immobil fortaleza da castidade de Yrene, tomando por instrumento ao monge Remigio, mestre seu nas letras e no espirito. Foi o caso, que, afeiçoado desenfreadamente este monge da fermosura da santa donzella, trocando os primeiros conselhos, que na virtude lhe dava, em abominações, lhe manifestou a torpeza do seu appetite; e dando-lhe um e muitos assaatos, ficou sempre firme, qual esposa de Christo, cercada dos lirios da pureza, cuja frescura nem o ardor do sol queima, nem o rigor do vento murcha. Accusou a Santa, não só com desprezo e severas palavras, mas com valor tão heroico, o brutal despejo de Remigio, que, indignado egualmente que corrido, propoz vingar-se; e foi d'esta maneira:

«Buscou traça para lhe dar uma bebida, feita com tal confeição, que pouco a pouco lhe foi enchando o ventre, ao modo de mulher pejada. Cresceu a suspeita de o estar, entre os maus (como succede de ordinario); e com mais certeza, quando ouviram que o mesmo mestre o certificava; e como as demonstrações exteriores, ao parecer, o não desmentiam,

¹ O original diz textualmente: *como a affecto mais violento da afeição*. Quiz-nos parecer que havia ali erro de imprensa: *affecto* por *effecto*, isto é, *effeito*. «*Affecto* da afeição», não era coisa que D. Rodrigo escrevesse.

começou o crédito da Santa a perecer, duvidando de sua virtude e pureza até os bons, que, n'esta parte, levados da murmuração publica, se mostraram mais enganados das apparencias do mal, que certos da realidade do bem.

«Chegou esta fama a Britaldo, e com ella o desejo de se vingar; e como os ciumes nunca admittem discurso, se não é em damno de quem os padece, trocando a affeição em odio executou sua raiva na innocencia de Yrene, que, sendo tão justa, era avaliada por peccadora. ¡Taes são os juizos dos homens!

«Buscou, para effectuar seu danado animo, um soldado familiar seu, a que deu conta do caso, pedindo-lhe a brevidade da vingança, a qual injuria imaginada não admittia dilação alguma.

«Costumava Yrene sahir a orar ás ribeiras do Nabão, que corriam dentro dos limites do seu Recolhimento. A este logar a foi buscar o soldado, e a achou, depois de matinas, posta em oração, com os gíolhos em terra e os olhos no ceo, tão fóra dos affectos da vida mortal, como se já a não tivera; e atravessando-lhe uma espada pela garganta, rendeu a Santa o espirito a Quem para si o havia creado. Para encobrir tão grande maldade, de que já estava receando o castigo, despojando a Santa dos religiosos vestidos com que estava, deitou o bemaventurado corpo no rio. Amanheceu o dia, sendo o mais alegre para a Santa, e o mais triste para aquella terra, pois n'elle perdeu o thesoiro que mais a enriquecia.

«Vendo as tias da virgem, Casta e Julia, que não apparecia, como eram tambem das que padeciam suspeita contra a honestidade da sobrinha, julgando que pelo temor da infamia se havia ausentado, tiveram gravissima pena, porque, divulgando-se a nova no logar, se estendeu de maneira, que, cobrando forças com a distancia, já em bocca de todos a tinham por verdadeira.

«Mas Deus, que, por seus secretos e profundos juizos, provando seus escolhidos, dá muitas vezes poder e ousadia aos maus para que os persigam, por lhes grangear merecimentos de maior corôa, não consentiu que durasse muito tempo opinião tão errada dos homens contra a virginal pureza d'aquella insigne Martyr; antes revelando todo o successo ao

Abbate Célio, seu tio, e o lugar onde acharia seu sagrado corpo, manifestou o caso inteiramente ao povo; o qual, dando graças ao Ceo por tão grande maravilha, o foram buscar, com solemne procissão, ao Tejo, defronte da villa de Santarem, aonde o tinha lançado a corrente do Zêzere, em cujas aguas entrou pela foz do Nabão.

«Chegando a procissão ao sitio da Ribeira... (oh! quão maravilhoso é Deus com os seus Santos!) se abriram as aguas do Tejo milagrosamente, retirando-se, e fazendo livre estrada até onde estava o corpo, collocado em um sepulcro admiravel, obra dos mesmos Anjos. Chegaram a o venerar com todo o acatamento, derramando outro rio de lagrimas, já de gosto, já de sentimento.

«Intentou o Abbade, e os que com elle iam, tirar o corpo da virgem d'aquelle sitio; e, por mais força que a isto fizeram, o não poderam mover; com que, persuadidos a que era vontade de Deus que ali ficasse, se recolheram, levando consigo alguns de seus cabellos, e parte da camisa, como preciosas reliquias, as quaes poséram no mosteiro de Célio, que é hoje o das Religiosas de S. Francisco, intitulado *Santa Yria*; que foram remedio milagroso a muitos cegos, aleijados, e outros enfermos em que tocaram.

«Apartada a procissão do sepulcro, tornou o rio a seu antigo curso, occultando tão precioso thesoiro debaixo de suas aguas.

«Enriqueceu esta Santa a villa de Santarem com seu precioso corpo, mudando-lhe o nome antigo de *Scalabis* no que hoje permanece, e com tão pouca corrupção como mostra a voz: *Santarem*, e *Santa Yria*.

«Muitos annos depois, querendo a Rainha Santa Isabel, mulher d'el-Rei D. Diniz, 7.^o d'este Reino e unico do nome, visitar aquelle Santuario, tornou o Tejo a retirar-se com semelhante milagre ao primeiro, e lhe deu lugar a que chegasse a venerar o sagrado sepulcro; acção mysteriosa, devida a ambas estas Santas, a que o Ceo favoreceu com tal milagre, para que uma visse o que queria, e outra fosse vista de quem a desejava. Conta-se que, querendo el-Rei D. Diniz seguir os passos da santa Rainha, lh'os atalhou o rio, mostrando que aquelle singular favor do Ceo era mais devido á santidade, que ao sceptro.

«D'esta sorte hospedou a invicta Martyr Yria a gloriosa Isabel, honra e lustre das Corôas de Aragão e Portugal. Deixou a santa Rainha, d'esta visita, um grande bem aos vindouros: que foi, sabermos o sitio certo onde jazem as sagradas reliquiãs da nossa Martyr, pondo um padrão, que hoje mesmo vemos no mesmo logar, tão eminente, que nunca o Tejo o encobre, por mais inundações que haja.

«Obrou a intercessão da Santa não só saude, allivio, e consolação, aos que imploravam seu soccorro, mas ainda (aos que foram occasião e verdugos do seu martyrio) penitencia e arrependimento; porque Remigio, o monge depravado, que lhe ministrou a bebida, em companhia de Banão, creado de Britaldo, executor da maldade, chorando suas culpas se foram a Roma, onde alcançaram perdão d'ellas do Summo Pastor da Igreja; e o mesmo se affirma que succedeu a Britaldo, autor principal d'este martyrio.

«Succeheu no anno de 653, a 20 de Outubro, que é o dia em que o celebra esta Sé de Lisboa; sendo Pontifice Martinho, e reinando em Lusitania el Rei Resesvindo. Deram por testemunhas d'esta verdade umas pedras e seixos, que ainda agora se acham no logar em que foi degolada a Santa, e no rio em que foi lançado seu corpo, com nodoas de sangue, tão vermelho e fresco, que parece haver pouco tempo que ali se derramou; que, como milagrosos vestigios, são dignos de toda a veneração.

«Escreveram a vida d'esta Santa, de mais dos Breviarios e Martyrologios romano e de Hespanha, os autores ecclesiasticos d'ella; e o Cardeal Baronio nas suas notas; Frei Luiz dos Anjos, chronista dos Ermitães de Santo Agostinho; e em livro particular Frei Duarte de Araujo, Religioso da sagrada Ordem de Christo.»

D. Rodrigo da Cunha — *Historia ecclesiastica da Igreja de Lisboa*—Lisboa—1642—Parte I, cap. XXV, fol. 54 e seg.

Pag. 37 lin. 5 — Quinta da Murteira

Da quinta da Murteira, junto a Aguim, na Bairrada, pertencente a um tio paterno de Castilho, e onde o Poeta passou largas temporadas da sua mocidade, tratam detidamente as *Memorias de Castilho*.

Pag. 40 lin. 17

... Et dulces moriens reminiscitur Argos

é fragmento de um verso de Virgílio, no livro X da *Eneida*. Na batalha é ferido o egregio Antor, que se fôra da Grecia para a Italia ser companheiro de Evandro ; cai varado por um golpe que lhe não era dirigido, *alieno vulnere* ; morre olhando pela derradeira vez para o ceo, e lembrando-se da sua saudosissima Grecia. O raminho cortado lembrava-se da sua arvore natal.

Pag. 41 lin. 4

Hortas da Calçada do Duque

Esses sitios acham-se muitissimo mudados do que eram em 1840 ; pode consultar-se a *Lisboa antiga — O Bairro Alto* — 2.^a edição tomo I. No logar exacto da parte exterior do pateo da actual *Escola Academica* levantava-se uma bonita casa independente, de dois andares, muito pintadinha e elegante, onde Castilho residiu desde meado Junho de 1837 até fim de Dezembro de 1841. Pertencia o predio, assim como o palacio contiguo, ao Contador da Relação, Francisco José Caldas Aulete, cuja familia travou então relações com a de Castilho. Essa pequena casa mencionada não tinha jardim ; mas a baixo do palacio, e confinando com a quinta dos Marquezes de Castello Melhor (desapparecida pela intrusão absurda da estação do caminho de ferro) seguia o logradouro do palacio do Caldas, vasto trato de terreno arborizado e agricultado, d'onde se gosava um prospecto admiravel, e verdadeiramente theatral, dos morros orientaes de Lisboa. Chamava-se a isso as *hortas da calçada do Duque*. Junto d'essa amostra rural, encravada entre as casarias do restante do Bairro alto, aspirava effluvios campestres o espirito bucolico de Castilho, e ahi escreveu e poetou muito. A geração actual pouco percebe d'essas amenidades ; mas imagine-as ao menos. As *Memorias de Castilho* dão conta fiel d'isso tudo.

Pag. 41—Os treze annos

Esta cançoneta foi posta em musica, mas infelizmente não sabemos quem a compôz, porque na copia manuscrita que possuímos não vem nome.

Pag. 47 lin. 3—Manuel Baggesen

«Celebre poeta dinamarquez; nasceu a 15 de Fevereiro de 1764. Depois de ter estudado a valer, dedicou-se todo ás Musas. Revelaram logo os seus primeiros cantos um talento pouco vulgar. Tomou para modelos Klopstock na poesia sacra, e Wieland nas suas obras comicas; eram esses então os dois maiores poetas da Allemanha. O Duque de Augus'enburgo mostrou-se-lhe generoso Mecenas, e offereceu-lhe meios de realisar uma viagem á França em 1787. De outra vez, em 1793, foi até Vienna e Italia. Conheceu e desposou na Suissa a neta do celebre Haller. Era o tempo em que a França, tão infeliz nos seus assumptos internos, triumphava por fóra. Estabeleceu-se Baggesen em Paris desde 1800 até 1811, anno em que foi nomeado Professor de Litteratura em Kiel com o titulo de Conselheiro de Justiça. Pouco depois rebentavam as suas desavenças com Oehlenschlaeger e a nova escola litteraria; d'essas disputas brotou um diluvio de libellos e satyras, que tornaram a estada em Dinamarca insoffrivel a Baggesen. A sua pouca economia, e essas circumstancias ultimas, augmentaram-lhe o azedume do genio; soccorreu-o então o Duque de Holstein. Sentia-se pessimamente de saude; e apesar de confiar nas aguas de Carlsbad, que foi tomar, falleceu a 3 de Outubro de 1826.»

(Extrato de um Diccionario
biographico).

Pag. 47—A infancia

Essa traducção de J. Baggesen, assim como as outras, de poetas escandinavos, eram ditadas pelo Poeta sobre versões litteraes que lhe preparava sua mulher, profunda conhecedora d'aquelles idiomas do Norte, por ter sido educada desde pequenina em Suecia e na Dinamarca; podemos affirmar que são exactas.

Vamos demonstrar esta asserção, apresentando aqui, a titulo de curiosidade, uma traducção da elegia de Baggesen poetada por um Francez, J. D. (Jean Dubos) muito antes de Castilho. Eil-a :

Traduction d'une élégie danoise de J. Baggesen

Il fut un temps heureux où j'étais bien petit ;
Dans toute ma hauteur j'avais une aune à peine ;
Mon âme cède aux pleurs quand elle y réfléchit ;
Mais ces pleurs ont un charme où souvent je
m'enchaîne.

Sur le seuil maternel je badinais gaiement,
Au galop m'élançais sur les genoux d'un père,
Libre des soins rongeurs qui font notre tourment,
Libre des Grecs, de l'or, et des traits de Glycère.

Cette terre semblait bien moins triste à mes yeux,
Bien moins autour de moi s'éloigner et s'étendre.
Les astres, quelques points qui brillaient dans les
cieux,
Enfant ! je désirais des ailes pour les prendre.

O Lune, en te voyant dans ton disque argenté
Au bord de l'horizon glisser en bas sur l'île,
« Que ne puis-je — disais je — en ce lointain asile
« Connaître d'où tu sors, ta grandeur, ta beauté ! »

Je m'admiraïs de voir à l'Orient renaître
Dans un ciel, émaillé des plus riches couleurs,
L'astre qu'à l'Occident j'avais vu disparaître,
Et perdre en des flots d'or ses dernières chaleurs.

Je pensais à ce Dieu dont tant de bienfaits brillent,
Qui me créa, forma ce soleil imposant,
Et ces perles du ciel qui sans nombre fourmillent,
Tombent d'entre ses mains, couvrent le firmament.

Avec un saint respect je disais la prière,
Que ma mère enseignait à sa tremblante voix :
« Fais que tous mes efforts, Dieu bon que je révère,
« Soient de devenir sage et docile à tes loix ! »

Mon cœur priait encor pour mon père et ma mère,
Et pour ma tendre sœur, et pour les habitants ;
Pour le Roi, pour le pauvre errant dans la misère,
Et qui vers toi ois ourbé soupirait ses tourments.

Où sont-ils, où sont-ils, ces beaux jours de l'enfance?
 Mon repos et ma joie avec eux est passé! ..
 Un lointain souvenir est ce qu'ils m'ont laissé;
 Dieu, gardez m'en toujours toujours la jouissance!

28 Septembre 1826
 à Elseneur.

J. D.

A traducção de Castilho deve ser de Março de 1838, visto como *O Panorama* de 31 d'esse mez já a insere como novidade.

Pag. 54 lin. 5—*Pauperum tabernas*

Isso é de Horacio, Odes, Liv. I, IV.

*Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas
 regumque turres.*

A pallida morte percute com o pé, indifferente-
 mente, tanto a choupana dos pobres, como os alca-
 çares dos Reis.

Pag. 59 lin. 3—*Vaidade das vaidades*

Isso é de Salomão no *Ecclesiastes* (I, 2). *Vanitas
 vanitatum, et omnia vanitas*; e outra vez (XII, 8)

Pag. 59 lin. 8

Ó curas hominum, ó quantum est in rebus inane!

Este verso é de Persio na satyra I.

;Oh cuidados dos homens, que vacuidade nas coisas
 todas

Pag. 65 lin. 5—*A Revista*

Esse jornal não deve por fórma alguma confun-
 dir-se com a *Revista Universal Lisbonense*. Era, se
 nos não enganamos, um órgão do partido miguelista,
 e eivado das intolerancias acrimoniosas de então, que
 felizmente acabaram de vez. Hoje os membros do
 partido miguelista présim, apreciam, respeitam, os
 constitucionaes; e estes veneram os seguidores sin-
 ceros e convictos do absolutismo. Ha lugar para to-
 dos.

Pag. 66 lin. 10

... Quum tot ubique

Vatibus occurras...

E' de Juvenal n'uma satyra :

... Stulta est clementia, quum tot ubique
Vatibus occurras, perituræ parcere chartæ.

Como quem dissesse : ; Ser indulgente para com um papel destinado a morrer pela sua insignificancia ! não vale a pena a clemencia ; os poetas hoje são mais bastos que a praga ; a cada canto da rua topamos com algum.

Pag. 70 lin. 1—Sebastião Corvo

Diz Innocencio no seu immortal *Diccionario* em 1862 :

«Sebastião de Andrade Corvo, ou Sebastião Corvo de S. Vicente, Doutor e Lente Cathedratico da Faculdade de Mathematica da Universidade de Coimbra, e Director da Academia do Porto. Tendo sido primeiro Religioso na Ordem de S. João de Deus, passou a ser Freire professo da militar de Christo, cujo convento em Coimbra habitou só por espaço de alguns annos. Affirma-se que seguira n'outro tempo com enthusiasmo as doutrinas liberaes; porém que, chegada a revolução de 24 de Agosto de 1820, pretendêra fazer parte da Junta provisoria do Porto, como representante da Universidade, o que não conseguiu, sendo-lhe preferido Frei Francisco de S. Luiz; e que o despeito causado por essa preferencia o levára a lançar-se com egual ardor no partido contrario, praticando pelo tempo a diante alguns excessos, que provocaram a sua exclusão da Universidade em 1834. Comtudo, uma testemunha insuspeita n'este caso, qual devemos considerar o snr. Dr. Simão José da Luz, nas *Revelações*, pag. 299 e seguintes, fala d'elle com louvor, e o appellida *um dos mais dignos e respeitaveis Lentes, que n'aquelle tempo tinha a Faculdade de Mathematica*, e conta ahi mesmo a seu respeito aneddotas curiosas

«Diligencieí — continua o eminente bibliographo — obter noticia certa das datas do seu nascimento e obito ; porém não foi possivel achal-as até hoje. Sou-

be apenas que nascera na cidade do Porto, e tivera por pae Francisco Maria de Andrade Corvo; que se matriculára no 1.º anno do curso philosophico da Universidade em 1799, apresentando então certidão de Baptismo, e outros documentos, que depois lhe foram entregues por despacho de 13 de Outubro do mesmo anno, não existindo por isso no archivo competente. Consta que morrêra na provincia do Minho pelos annos de 1840 pouco mais ou menos.»

Accrescentaremos que Sebastião Corvo era parente proximo (parece-nos que tio) do talentoso Lente da Escola Polytechnica, litterato, diplomata, e Ministro, o Conselheiro João de Andrade Corvo, ultimo senhor do antiquissimo morgado da Torre da Sanha.

Pag. 88 lin. 7

A loba, que, por signal, era ruiva

Recordação de verso e meio do Livro I da *Eneida* de Virgilio:

*Inde lupæ fulvo nutricis tegmine lætus
Romulus excipiet gentem.*

Quer dizer: Romulo, depois de ter folgado alegre os annos da innocencia ao abrigo do seio ruivo da loba sua ama, ha-de capitanear uma nação.

Pag. 89 lin. 15

... Video meliora proboque,
Deteriora sequor...

Palavras de Ovidio no Livro VII das *Metamorphoses*, v. 21. Traducção livre: Bem reconheço que esse caminho da direita é mais bem gradado, mais alegre, e mais curto; mas então, meus amigos? tomo pelo da esquerda; não está mais na minha mão; deixem-me.

! Tantos latinorios!—exclamarão certos leitores. Sim, tantos latinorios; que lhe querem? era moda de nossos paes, isto de se recordarem dos seus melhores mestres, e mencionar-lhes com saudade as palavras e as sentenças. Que mal havia n'isso, quando eram geralmente comprehendidos? o mesmo mal que hoje ha para os folhetinistas que citam Francez.

Tenham paciencia os que se arripiam com o Latim.

Ha dezenas de annos já um erudito escriptor, Julio Janin, latinista insigne, e immortal traductor de Horacio, dizia, no scintillante prologo á sua obra *Le Livre*, que os lardeados de citações latinas atrapalhavam as senhoras, mas que, se alguma se atrevia a interpellar os homens de Lettras, elles olhavam para o texto, e... falavam n'outra coisa, disfarçando. Cá é muito peor; ha quem responda:

— Isso é Latim, minha senhora; não sei o que significa, nem quero saber. Eu não admitto Latim; Latim não presta; os Romanos eram uns papalvos; são uns fosseis; saltemos essa semsaboria.

Pag. 92 — Ode de Horacio

Aqui apresentamos a traducção d'esta ode, tirada da celebre edição de Julio Janin (Paris, 1865):

«Navire infortuné, tu veux donc affronter de nouveau les fureurs de la pleine mer? Prends garde, ancre-toi dans le port. Tu le vois, les bancs sont dégarnis de rameurs; entends gémir ta carène impuissante. O malheur! le vent d'Afrique a brisé ton mât, tes antennes; et pas un cordage, et pas une voile, et pas un dieu qui t'aident à dompter le flot sans pitié!

«Noble enfant des forêts de l'Euxin, tu vanteras en vain ton nom glorieux, ton illustre origine. Les peintures dont ta poupe est ornée ne sauraient rassurer ton pilote; il a peur; il te voit déjà le misérable jouet des vents et de l'orage. Object de mon ancienne inquiétude et de ma peine aujourd'hui, prends garde, et ne va pas oublier, dans ces eaux tourmentées, que les blanches Cyclades sont un écueil.»

Observaremos que na nossa licção latina da Ode original posémos letras minúsculas (ou de caixa baixa) no começo dos versos. Alguns gritarão talvez *Aqui d'el-Rei*; mas não vale a afflicção; isso usou se em antiquissimos codices de autores classicos; e, entre os editores novissimos, alguns com muito bom criterio reusscitaram o costume, que era sensato; haja vista a edição alleman estereotypica, n'este momento á nossa vista, dirigida pelo sabio Carlos Her-

mano Weise—*Lipsiae, sumtibus et typis Caroli Tauschnitii, 1864.*

¿ Maiusculas no principio dos versos ?! ¿ por quê ? ¿ e para quê ? Foi Castilho o primeiro moderno que rompeu com o uso, e innumeraveis poetas portuguezes e brazileiros o seguiram. Outros não seguem; estão no seu direito, mas não sabem allegar razões. Só por birra, vezo, ramerrão, costume, geito, usança, posse velha, perguica, irreflexão, timidez, fetichismo... se explica muita coisa.

Pag. 93 lin. 2—O Conde de Basto

Ao Conde de Basto, Desembargador José Antonio de Oliveira Leite de Barros, foi dirigida essa Ode. Era homem detestado, e com justiça, pelos constitucionaes, e um dos servidores politicos, que, pelo seu espirito autoritario, cruel e estreito, mais comprometteram a causa do senhor D. Miguel. Faltava a este Principe o talento de se rodear de bons ilhargas, e isso perdeu-o irremediavelmente.

Se o senhor D. Miguel, depois de Regente em nome de seu Irmão primogenito, por Sua Alteza reconhecido seu Rei e senhor, e por Sua Alteza jurado solemnemente em Vienna de Austria, tivesse mantido as suas promessas, tivesse continuado como Logar-tenente d'el-Rei D. Pedro IV, tivesse casado com sua Sobrinha, teria a sua descendencia hoje no Throno, e tinha evitado ondas de sangue e lagrimas. O que o perdeu foi a extemporanea ambição, e os pérfidos conselhos dos seus mal orientados partidarios.

Que o senhor D. Miguel possuia o embrião de altas qualidades, é innegavel. O insuspeitissimo Barão Hyde de Neuville, Embaixador de França em Lisboa, e que de perto conheceu a Sua Alteza, escreveu, que a indole d'este Principe *o haveria podido tornar homem superior*, mas que a sua *falta de educação o tinha deixado sumir-se na cathegoria d'aquelles entes apaixonados, que só almejam perigos, e só reconhecem a sua espada.* E mais a diante accrescenta, que a opinião publica (em 1824), *sem desculpar o Principe, não esquece o seu nobre comportamento em Maio de 1823; e que cada qual procura persuadir-se de que a mocidade d'elle, a sua inexperiencia, e a total carencia de educação, é que o tornaram facil instrumento dos ambiciosos...*

Do *Diccionario popular* dirigido por Manuel Pinho Chagas transcrevemos o artigo relativo ao Conde de Basto.

«Nasceu em 1749 na freguezia de S. Gens, do extinto concelho de Monte-longo, hoje concelho de Fafe.

«Era filho legitimado de André de Oliveira Leite de Barros, Senhor da Casa de Breu, em Basto, e de D. Brigitta do Valle.

«Matriculando-se na Universidade de Coimbra, concluiu o curso de Leis em 1780, e em 1795 foi despachado Desembargador da Casa e Relação do Porto; no anno seguinte, Desembargador ordinario da Casa da Supplicação, e em 1799 passou a Desembargador de agravos do mesmo Tribunal.

«Escolhido em 1800 para Fiscal da Junta dos tres Estados, e em 1803 para Deputado da Casa do Infantado, subiu em 1805 a Desembargador do Paço.

Em Maio de 1806 foi lhe dada a commissão de Juiz relator do Conselho de justiça do Almirantado, e em Março do anno seguinte nomeado Inspector geral dos viveres, transportes, e hospitaes do Exercito, e Intendente de policia do mesmo Exercito.

«Depois da chegada de Beresford, as diversas repartições militares que estavam a cargo do Desembargador Barros, foram entregues a varios individuos, e aquelle magistrado ficou unicamente Chefe da Auditoria geral do Exercito, posto em que se conservou durante toda a guerra da Peninsula, e ainda depois, em todo o tempo que o General inglez exerceu o commando em chefe do nosso Exercito.

«Pelos serviços que então prestou, recebeu do Soberano, em 1813, uma Commenda na Ordem de Christo, com a dotação de 90.000 réis, e em 1819 a mercê de senhorio do concelho de Rossas e da Alcaidaria mór de Guimarães, bem como as Commendas de S. Nicolau dos Valles, e a sua annexa de Santa Comba.

«Fiel sectário do Governo absoluto, não poudo conformar-se com o estabelecimento do systema parlamentar, inaugurado entre nós pela revolução de 1820; e quando, tres annos depois, se tratou de fazer cahir a Constituição, Oliveira Barros não foi extranho aos manejos que para isso se empregaram;

e por isso, depois da *Villa-francada*, foi nomeado Conselheiro de Estado, e membro da Comissão incumbida de formular o projecto de Constituição, n'esse anno promettida por D. João VI.

«Chamado aos conselhos da Corôa em 19 de Março de 1824, sendo-lhe então confiada a pasta do Reino e Justiça, desempenhou um papel importante na *Abri-lada*, e nos primeiros dias depois d'essa revolta exerceu as funções de Ministro da Guerra.

«Em consequencia da mudança politica realisada no principio de Maio, e da sahida do Infante D. Miguel para fóra de Portugal, foi Oliveira Barros exonerado de Ministro da Justiça, em 11 d'esse mez, e a 24 deixou de servir como Secretario dos negocios do Reino, ficando o expediente d'essa repartição a cargo do Marquez de Palmella até 15 de Janeiro de 1825, em que o futuro Conde de Basto foi definitivamente exonerado.

«Quando o Infante D. Miguel voltou ao Reino em 1828, e organisou o seu Ministerio, chamou logo o Desembargador Barros, e entregou-lhe as pastas do Reino e da Marinha.

«No desempenho d'estas commissões mostrou então o antigo Auditor do Exercito uma energia e ardor, bem pouco naturaes na avançada idade que tinha n'essa epoca.

«Defensor estrénuo e decidido do systema absoluto, e persuadido de que a violencia era o meio mais facil e proficuo de suffocar as ideias liberaes, não duvidou nunca em levar ao cadafalso todos aquelles que suppunha chefes, ou mesmo auxiliares, de quaesquer movimentos revolucionarios; e a Alçada do Porto, encarregada de castigar os promotores da revolução de 16 de Maio de 1828, não foi senão o prologo d'esse drama de sangue e terror, que por uns poucos de annos teve constantemente em susto as familias liberaes d'esta nossa terra, e que só terminou quando os soldados de D. Pedro, e do Duque da Terceira, despedaçaram as fôrças da Praça Nova, e do Caes do Sodré e abriram as portas das prisões, em que jaziam encarcerados tantos martyres da Liberdade.

«D. Miguel, reconhecido aos serviços do seu Ministro, agraciou-o em 1828 com a Commenda da Torre e Espada; e em 1829 deu-lhe a Gran-Cruz de

Christo, e o titulo de Conde de Basto em duas vidas.

«Foi o Conde de Basto duas vezes casado: a primeira em 1778 com D. Leonor Leite de Barros, da qual houve um filho que morreu de avançada idade, tendo sido sempre demente; e a segunda em 1829 com D. Catherina Lusitana Corrêa de Moraes Leite de Almada, filha do Conde da Azenha.

«Obrigado a retirar de Lisboa em 23 de Julho de 1833, pela aproximação das forças do Duque da Terceira, dirigiu-se o Conde de Basto a Coimbra, e ahi chegou no dia 2 de Agosto; mas sentindo-se logo doente, falleceu na noite de 4.

«O seu cadaver foi sepultado na egreja do convento de Thomar d'aquella cidade, dizendo o *Correio do Porto*, jornal official do Governo de D. Miguel, que mais tarde seria trasladado para o seu jazigo em Basto. A mudança politica, que se operou dentro em pouco, veio porém impedir a realisação d'esse projecto; e quando os constitucionees entraram em Coimbra, em 1834, foi o cadaver do Conde de Basto tirado do tumulo, arrastado pelo templo, e dilacerado.

«Foi o partido vencedor, que, exaltado e ebrio pelo triumpho da sua causa. praticou desatinos e excessos, como os havia tambem commettido o Ministro de D. Miguel quando se julgava omnipotente. Triste cegueira a dos Ministros, e a dos Povos, quando se deixam dominar pelas paixões politicas; e triste exemplo do pouco que valem as honras e grandezas, concedidas pelo favor do Imperante, quando se não fundam em serviços prestados ao bem publico.»

Como additamento a esse trecho, que julgamos authenticico quanto ás datas, e infelizmente o é quanto ás apreciações, diremos o seguinte: temos informação de pessoa que em 1878 conheceu em Guimarães a senhora Condessa de Basto; teria então quarenta e poucos annos de idade; andava sempre vestida de luto, e tinha um modo tristissimo. Morava com sua mãe no seu *paço* do Campo da Feira, e iam muitas vezes ambas visitar as senhoras Pintos de Simões, que moravam na rua de Santa Maria, defronte do mosteiro das Claras. Essa mãe era uma agradável e santa velhinha, pequenina, muito branca e piladinha, D. Grácia Leite de Almada Machado e Mello, Dama

da Ordem de Santa Isabel, de setenta e um annos, viuva de Martinho Corrêa de Moraes e Castro, 1.^o Visconde da Azenha.

O Conde de Basto do tempo do senhor D. Miguel, nada tem que ver com os antigos Condes de Basto, Castros de treze arruelas, ultimamente representados pelo talentoso Marquez de Vallada, e hoje por seu filho o Conde de Caparica.

Pag. 95 — Elegia latina

Para que as pessoas menos versadas no Latim, e senhoras principalmente, possam penetrar o sentido d'estes versos de Castilho, feitos na Castanheira do Vouga, aqui os damos tão bem traduzidos como soubemos e podemos:

A' Musa

por occasião de começar a escrever versos latinos

«O' Musa da Castália, tornemo-nos á busca de novos cantos, cantos que vou modular em Lingua extranha á minha Lingua patria. ¿Tem por ventura gloria universal o nosso idioma nativo? ¿quaes são as corôas de loiro que me destinam? ¿Que importou que eu outr'ora cantasse as Nymphas, os campos bravios, os Faunos, as rosas da primavera? ¹ De balde a Musa do Teio ancião ² me ensinou a celebrar os cuidados juvenis, e as taças de Baccho. De balde me atrevi a apresentar-me com os cothurnos tragicos; ninguém, ou duas pessoas apenas, lê versos portuguezes. Já me envergonho de trabalhos sem fama; ó Musa romana, presta-me hoje a tua douda lyra. Agrada-me banhar-me na lympha da fonte do Lacio; ó Ovidio, abalanço-me a pretender os teus laureis. De ora avante, não me hei-de deixar levar a devasar as cumieiras do Pindo patrio; desamparo estes aridos chãos. Adeus, campinas estéreis, e tu, ó cidade do Mondego, e vós, adeus, ó barbara turba, ó Getas, que habitais nas margens do Tejo. Já outros nunes me reclamam; é-me forçoso seguil-os, e obedecer ás tuas imposições, ó doirada Fama. Soltae pois, ó Musas, as velas da minha barca, e guiae-a mar em

¹ Allusão aos primeiros poemetos do autor.

² Anacreonte, natural de Teos.

fóra para onde me aponta a gloria. Sêde propicios á minha fuga, zephyros; e apparecei vós tambem, ó céruas deidades povoadoras do mar. Hão de por toda a parte os povos ouvir-me correndo com o plectro as cordas da lyra romana; hão-de conhecer-me as venturosas ondas do Tibre, e os cachões do Rhódano e do Rheno; ha-de acolher-me o Sena, e o Nilo, e o gelado Tânaís, e a Islandia, e as praias que banha o primeiro albor do sol. Sólta a barca, ligeira Musa; e vós, que assim deixo, adeus, para sempre adeus.»

! Singular versatilidade a dos poetas! Ahi vemos o amigo de Portugal, ahi vemos o apaixonado paladim da Lingua portugueza, ahi vemos o escritor moderno a quem ella mais deve, ahi vemos Castilho ... pintar-se-nos co no um transfuga. Mas reparemos: n'esta sua mesma apparente deserção dos arraiaes da vernaculidade, mostra-se, mais que nunca, fervoroso adepto de Portugal, porque se refugia no Latim. Latim e Portuguez são um; a nossa Linguagem é romana; e quem n'ella *imagina* (como disse o Epico immortal)

com pouca corrupção crê que é latina.

Pag. 97 — In natalem meum

Eis uma traducção tal qual d'esta bellissima elegia:

Ao meu anniversario natalicio

«Lá chegam, propicios a versos festivos, os signos contados pelo numero dos meus dias. Já o terceiro sol depois de cinco lustros luziu para mim; quero celebrar-o no meu risonho anniversario. Vamos pois, enchei de galhofeiro baccho essas taças, a fim de que o licor jovial excite os nossos animos. Quem quer que sejas, tu cuja mente se cbumbra de nevoeiros, ausenta-te d'aqui, pois virias macular as nossas alegrias. Ausentae-vos para longe, ó cuidados, ausentae-vos, ó calamidades, para que nada acerbo venha agoirar o recém-nascido. Mas vós, adornae de violetas as mezas. espargi loiros no nosso limiar, enquanto os nossos deuses Lares se coroam de murtas. Convem cercar de verdura ennastrada a fronte do poeta,

e offerecer suaves vinhos novos aos numes bons. Perdôa, progenitor dos deuses, perdoae, divindades marinhas, e perdôa, Marte, tu que na cruenta mão brandes as tuas armas. Perdoae vós todos, a quem são estranhos os cuidados ruraes. ¿Que tenho comvosco? rustico sou, e o meu culto é o campo. Vós, porém, ó nymphas, apparecei, vós, nymphas gloria minha; candida turba, desamparae hoje as vossas silvestres moradas, e as vossas sacras fontes, e os rios tão gratos ás suas margens, e os antros que habitais, variegados de coloridas flores. Venha não menos Cybele, coroadada de fronde, e a alegre Pales, guardadora dos pastos, e a loira Ceres, e o pae Baccho, e os bicornes Faunos, e Flora, e quantos numes encerra o campo. Mas, antes de qualquer outro, entrae nos meus tectos, ó castas nove deusas Thespiades. Eil a, a occasião dos votos; com a divinal presença d'ellas estremeceram estas paredes, e senti penetrarem numes no meu ardente coração. Agora, eu vol-o supplico, silencio ás mentes e ás palavras; vou soltar em humilde canto as minhas expressões. Deuses e deusas, a quem coube o cuidado dos meus campos, vós, a quem agrado na minha singeleza, vós, que eu invoco, depois de collocado o bolo sacro, e no meio do inteiro vigor da minha juventude, alcançae para mim isto que vos peço: seja qual fôr o tamanho do fio que as Parcas me tecem, quer seja para mancebo, quer seja para ancião, sempre se alegrem nos meus lares a Musa, a santa liberdade, e a corada pudicia; cantem-me em volta as aves, verguem de pomos os ramos, e abundem sempre as ovelhas no meu pasto; não falem sombras no verão, nem zephyros, nem verdura; nem careça de bom fogo o severo inverno. Abhorreço a um tempo as riquezas, e a ardua pobreza; dae-me pois gosar da commedida simplicidade. Pura a alma, e o corpo são; e tenha eu sempre amigos, a quem possa contar no numero dos poetas. Para longe d'este albergue, e ignore-lhe até o caminho, o que na doirada cidade se aprouve em construir a sua residencia. Mas bem para longe, em primeiro lugar, todo o rumor de fama; esse encha as cidades, e cante os altos tropheos dos eminentes generaes, os fortes commettimentos dos varões, os successos e nomes dos Reis, ou os direitos do Povo decahidos por tristes vicissitudes. A um camponez

como eu, que lhe importa conhecer palacios, de que não precisa? eu caibo no bosque e na minha mesquinha habitação. Sejam todos os meus cuidados saber o que produza o campo, o que dê a cabrinha; se conveem soes ou chuvas, e se o anno é fertil; em que latada cresce a vinha, e em que arvores importa enxertar os ramos novos na fendida casca, e em que tempo. Pequeno theatro para louvores, mas immenso para mim, que me satisfaço com as seguras dadivas dos deuses. ¿E para que hei-de invejar o luxo, e o sceptro dos Tirannos, se sempre me volvem agradaveis as noites e os dias? Nem temo as versatilidades da sorte; nem sou tão insensato, que julgue necessario trazer comigo arinas a meu lado. Aqui ninguem me teme, nem sou guardado por forças vigilantes; em quanto durmo, fica patente a nossa porta O que cômo, creou-o a terra; o que bebo, creou-o a vinha; cai das arvores o meu melhor sustento. Não se me preparam lans duas vezes tintas em purpura; bastam-me os vélos negros da minha ovelha. Vi os eu fiados ao pescoço das raparigas, e crescer a sua tarefa nocturna entre cantilenas. Quem o preferir, vôle, entrado de oiro, em carro de oiro, para que em volta lhe admirem as opulencias; trõem ruas e praças com a sua espumante quadriga; siga-lhe no encalço um tropel de cem cavalleiros. Eu por mim, em quanto me aprouver, passearei de vagar entre as minhas sombras, e ninguem me virá espiar os passos. I lityro, o formoso pastor, divaga n'estes mesmos prados, e repete camigo as sabidas cantilenas; e á margem do fluente ribeiro cantamos ambos, ora os doces carmes de Gessner, ora os de Quita. Rescendem as violetas, chama-nos a aragem, e convida-nos a penetrar no bosque, onde habita com seus cantos o rouxinol. D'ahi divago sem plano, por onde os pés me conduzem; ou me assento, ou me entrego a um suave dormir. ¿Que posso desejar mais? Portanto, ó deuses e deusas dos lavradores, fazei com que estas minhas preces as não levem as ventanias nem a aragem. Consenti deslize a minha existencia n'esta paz apetedida, e venham a cobrir-me por fim, piedoso como sou, estes mesmos torrões. Algum dia, talvez, lá para o futuro, o passageiro, avistando estes cumes, que outr'ora esconderam os meus lares, dirá: Salvé, campo, onde a grande terra esconde os ossos do

poeta, sem pedra tumular. Taes como sois, sagrados logares, hei-de respeitar-vos, pois tivestes o condão de tornar feliz um homem.»

Pag. 99 lin. 29

Allusão ao poeta allemão Gessner, e ao noso Domingos dos Reis Quita, muito apreciado de Castilho, e a quem Innocencio chama «um dos melhores, se não o melhor, dos nossos poetas bucolicos.» Pedegache deixou d'este um bom retrato biographico; mas o que melhor fala em favor do autor das Eclogas, são ellas; é o seu estylo doce, a sua versificação melodiosa, e a melancolia vaga que expira o seu dizer, talvez precursora da prematura morte, que cedo arrebatou o infeliz cantor á gloria da sua Patria.

Pag. 105 lin. 10 — O alto das Chagas

Farece-se já bem pouco o largo das Chagas com o que era em 1829, e com o que nós todos conhecemos. Pela Camara Municipal foi consentido ao snr. Conselheiro José Dias Ferreira, entupil-o com edificações, de que só S. E. tira lucro, e que nos roubaram a vista do Tejo. Seja assim; quem mais não pode, protesta.

Pag. 108. linhas ultimas — Pompeia

Essa pintura rapida da destruição de Pompeia pela erupção do Vesuvio do anno 79 de Christo, foi repetida pelo nosso Poeta na sua celebre Epistola 1.^a a S. M. a Imperatriz do Brazil em 1855, onde se lê:

*Terremoto imprevisto aguardava a mansão.
Tal, no ameno paiz onde ereis semi-déa,
impróvida folgava a genial Pompeia,
á hora em que o Vesuvio, em seus rocturnos veos
envolvendo a cidade, o campo, o mar, os ceos,
e mirando-a feroz, a morte lhe arrojava;
e co'a morte o sepulcro; e n'elle o olvido: a lava.*

Fóde consultar-se, como documento historico, uma carta de Plinio, o moço, ao seu querido amigo Cornelio Tacito, descrevendo a erupção; é de testemunha presencial. O admiravel romance inglez de Lord Litton Bulwer, *The last days of Pompei* é documento litterario de não menos valia e agrado.

Pag. 117, lin. 5 — O meu parente Tolentino

Esse parentesco, de que muito se ufanava Castilho, e com toda a razão, era apenas por afinidade. A 1.^a mulher do Poeta, a senhora D. Maria Isabel de Baêna Coimbra Portugal era sobrinha neta de Nicolau Tolentino de Almeida, por ser neta da irman d'este, D. Joaquina Thereza Froes de Brito, nascida em 1737, fallecida em 1824, casada com o Desembargador Manuel da Silva Coimbra de Carvalho, nascido em 1707, fallecido em 1759.

Pag. 122 lin. 12 — Cantata

E' antiga a singular costumeira de querer um sujeito qualquer, a quem as Musas não tinham bafejado, mimosear a sua *dama* com versos adequados á sua pessoal situação, compostos por outrem. Nunca entendemos o gosto que pode dar esse trajo de pennas de pavão; essa mendicancia de um presente offerecido em nosso nome. De coisas d'este genero dizia Castilho, com a sua graça habitual:

—É fazer cortesias com o chapeo alheio.

E entretanto o facto existe, e existiu. D'esse uso absurdo nasceram confusões absurdas. Basta correr as obras de Camões, e outros, para topar com sonetos que só parecem destinados a desorientar a critica. «Patria minha, Alemquer» — está certamente murmurando entre si o leitor erudito.

A *Cantata* de Castilho está incluída na lista dos taes versos, por conta alheia. Supponhâmos que d'aqui a seculos apparecia; provava-se que era obra do poeta do *Amor e melancolia*; e sahia a campo um critico exclamando:

—Demonstra-se por este trecho que o cego Castilho foi guerreiro.

De um namorado sabemos nós, que, não se atrevendo a escrever á dona dos seus pensamentos, tanta era a consciencia da magreza do seu estylo, pediu a um amigo lhe valesse. O amigo annuiu, e escreveu; a rapariga entabolou com este uma interessante correspondencia, julgando sempre ter por interlocutor o tal. Cresceu a paixão, e os dois ajustaram casamento. Qual não foi o espanto da bella quando se aproximou, ao achar, em logar do autor de tão lindas paginas, um espirito banal, vulgar, e chato! ter-se-

hia ido deitar dos Arcos das aguas livres a baixo, se não preferisse desmanchar os ajustes.

Garção escrevendo em inglez á sua visinha, em nome do peralta namorado, é outro exemplo innocente de que este secretariado amoroso é não só ridiculo, mas perigosissimo.

Hoje parece-nos que o uso acabaria; e ainda assim, quem sabe? a credulidade humana é perenne. D. Thomaz de Mello, ennamorando uma visinha rebelde com os sons de uma flauta alheia, que adrede fazia passar por sua, é o caso mais recente que se nos depara.

Pag. 127, lin. 14—Jugurtha

Rei mauritano da Numidia. Qualquer dictionario biographico dirá ao leitor os pontos de contacto d'esse buliçoso Principe com o senhor D. Miguel.

Os liberaes viam então a Historia sob um ponto de vista exagerado e terrivel, que hoje nos espanta, a nós, que (por ventura nossa) só temos ahi n'um palco pequenino as pequeninas guerras dos pequeninos guelphos e gibellinos chamados progressistas e regeneradores.

Agora vemos capinhas,
muito curtos pellotinhos—

escrevia Garcia de Resende.

Pag. 130—Defensa de um inconstante

Esta cançoneta obteve a consagração musical. Foi o talentoso e mallogrado João Evangelista Pereira da Costa quem lhe escreveu a melodia, parece que em Dezembro de 1829, nos alegres serões do Rocio, minuciosamente descritos nas *Memorias de Cast lho*.

Pag. 145, e 147—Filinto Elysio. O seu a seu dono

Esses epigrammas contra Filinto nada significam, senão inexperiencia juvenil. D'elles se penitenciou Castilho muitas vezes com a sua probidade habitual. As duas seitas de Filintistas e Elmanistas, que dividiam a mocidade academica na Coimbra de 1820, desabafavam em epigrammas reciprocos; são bata-

lhas pouco mortíferas, com muita fumaceira e pouco lume; tudo isso se desvanece com os annos e a reflexão.

D'estes *odios* existe vestigio nas obras de Antonio Figueira Saraiva (*Saraiva e Castilho*, Tomo I, pagina 218); oiçamos o honrado narrador, que se dirigia em carta ao seu velho Castilho:

«Pouco antes de nos conhecermos pessoalmente, ou de vires tu e teu irmão Augusto convidar-me para ser um dos da *Festa de Maio*, principio como te lembrarás de nosso conhecimento e amisade (foi hontem, Maio de 1822, ali em Coimbra), ouvi, uma noite, já tarde, ruido e risadas em certas janellas, nas costas de duas casas, das que, como a minha, circundavam o quintal do meu antigo Lente Fortuna, junto á sua morada na rua da Mathematica. Eu morava então, como sabes, pois ali mesmo me vieste procurar, na Couraça dos Apóstolos, defronte do Hospital, duas portas ou tres a baixo da sobredita casa do Fortuna, que faz com a Couraça esquina. Se não tiverem alterado este meu palacio, lá se hade ver, no quarto de traz (que era o meu) do segundo andar com janella para o menciado quintal, forrado o tecto de papel branco semeado de estrellas, com uma silva em roda, no bordo, quatro ramos nos cantos, e no centro uma especie de corôa, com as minhas iniciaes, A. R. S., no meio; tudo por mim proprio borriscado com penna e tinta de escrever.

«D'aquella janellinha mesma escutei o dialogo que se estava passando entre as d'essas outras duas casas no circuito, á direita da minha, e a pouca distancia. Uma das taes casas era a tua n'aquella ruita estreita, que a baixo desemboca na Couraça, e cujo nome já me esquece; a outra casa ficava-te perto, ao lado, e moravam n'ella estudantes amigos teus, com quem tu e teus irmãos estaveis gracejando á custa de Filinto. Então fizeste, e da tua janella repetiste em voz alta, de modo que assim os aprendi então mesmo, sahidos da forja ainda quentes, os tres epigrammas *anti filintistas*, de que nas tuas *Excavações* honradamente deste satisfação».

No Tomo II, pag. 283, torna a referir-se ao assumpto, e diz:

«O seu a seu dono—escrevia o meu saudoso amigo Castilho, quando nas suas *Excavações poeticas* dá uma satisfação pelos epigrammas, que em 1822 compozera (ou antes improvisára) uma noite, em Coimbra, e os quaes eu aprendi, ou me ficaram de cór, no momento mesmo em que elle os compôz, quando ainda não nos conhecíamos. Vivíamos, eu ao lado do nascente, e os Castilhos ao norte, em volta do grande quintal que fôra do Lente Fortuna, ficando atraz das casas, no angulo entre a rua da Mathematica e a Coarça dos Apóstolos.

«Um serão, já bem tarde, ouvi do meu quarto o Castilho, que de janella a janella (dando como a minha para o dito quintal) recitava, gracejando, a uns amigos estudantes, muito *filintistas*, que habitavam ao lado, e a pouca distancia, os ditos epigrammas, sendo elle então, como eu mesmo, *anti-filintista*. Na questão que vogava a respeito do mesmo Filinto, era o meu condiscipulo Almeida Garrett o chefe dos *filintistas*; e Castilho o da parcialidade opposta. Ambos se emendaram: Garrett moderou sua paixão; Castilho seu antagonismo por Filinto.»

Pag. 151, lin 8

As palavras de Séneca, logo no capitulo I do Livro I do tratado *da Ira*, são estas:

... *Ut autem scias, non esse sanos, quos ira possedit, ipsum illorum habitum intueri. Nam ut furentium certa indicia sunt, audax et minax vultus, tristis frons, torva facies, citatus gradus, inquietæ manus, color versus, crebra et vehementius acta suspiria; ita irascentium eadem signa sunt. Flagrant et micant oculi, multus ore toto rubor, exæstuante ab imis præcordiis sanguine; labia quatuntur, dentes compriuntur, horrent ac subriguntur cavilli; spiritus coactus ac stridens, articulorum se ipsos torquentium sonos, gemitus, mugitusque, et parum explanatis vocibus sermo præruptus, et complosæ sæpius manus, et pulsata humus pedibus. et totum concitum corpus, magnasque minas agens, fœda visu et horrenda facies depravantium se atque intumescantium. Nescias utrum magis deestabile vitium sit an deforme.*

Traducção:

Ora para que saibas que não estão em seu juizo os possessos de ira, repára-lhes no aspecto. Porque, assim como por signaes certosse conhecem os loucos, pelo seu rosto atrevido e ameaçador, pelo triste da sua frente, pelo torvo do seu semblante, pelo seu desmandado no andar, pelo irrequieto do gesto, pela sua tez incerta, pelo seu suspirar frequente e tormentoso, assim tambem pelos mesmos indícios se percebe o homem tomado de furor. Ardem-lhe e brilham-lhe os olhos, enrubesce-lhe o rosto, ferve-lhe o sangue lá desde os intimos do coração; tremem-lhe os labios, cerram-se-lhe os queixos, ouriçam-se-lhe os cabellos; a respiração fica oppressa e rumorosa; sólta sons, gemidos, mugidos; a palavra sai de rondão em vozes intercortadas; as mãos entrebatem-se a miude; os pés percutem o chão; o corpo agita-se todo, ameaçador; é feia e medonha a figura dos que assim se contorcem e abalam nos impetos da ira. Não atinarás em dizer se é mais detestavel esse vicio, do que horrendo.

Pag. 155 — Epistola ao senhor Dom Miguel

Hoje, que Portugal vive em paz, hoje que as gerações desaprenderam os grandes odios internacionaes de Lusitanos e Romanos, de Portugallezes e Leoneses, de Portuguezes e Castelhanos, de Portuguezes e Francezes, e (o que era mil vezes peor) os de Portuguezes e Portuguezes, hoje que raiou uma era tranquilla, custa a comprehender a indignação de nossos paes ao falarem do periodo de 1828 a 34. E comtudo esses odios historicos tiveram sua rasão de ser sob este sol ardente, e no meio da refrega mais que incerta de duas parcialidades de irmãos. Conservar os documentos litterarios de taes desavenças politicas é interessante; não para accender lume já apagado sob as cinzas, mas para acarretar materiaes para a chronica futura de Portugal.

Eis ahi, certamente, o por que em 1844 Castilho preservou da destruição essa Epistola fulminante. Não temos nós hoje, portanto, o direito de a supprimir.

A justificação d'esse trecho nervoso e vibrante, se não a sua completa desculpa, acha-se largamente

apresentada no capitulo I do Livro III das *Memorias*, impresso ha treze annos no *Instituto* de Coimbra. Seria ocioso repetil-a aqui.

Pag. 155 lin. 2 — Promisi ultorem, et verbis
odia aspera movi.

Palavras do pérfido Sinon, relatadas na narração de Enêas, no livro II da *Eneida*, v. 96: prometti um vingador, e com as minhas palavras fometei a aspe-
reza dos odios.

Pag. 160 lin. 15 — Escravos

No seu constante mau humor, Lord Byron lembrou-se de nós para nos picar. No seu poema *Childe Harold*, estancia XVIII, chama aos Portuguezes «Desgraçado povo de escravos». Mais de uma vez temos demonstrado que o não somos, e o não que-
reinos ser; que o digam Leonezes, Castelhanos, Fran-
cezes, e Inglezes.

Pag. 160 lin. 21

Fomos servos, mas servos insoffridos,
servos sempre em murmurio...

Imitação do celebre verso do Conde Alfieri:

Servi siam, si, ma servi ognor frementi.

Pag 163 — A um amigo

Esse amigo era o sogro do Poeta, o snr. Manuel Claudio Xavier Vidal, Official ordinario, graduado em Official Maior da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, antigo Addido e Secretario de Legação, e Consul Geral na Suecia e na Dinamarca.

Nas primeiras tres quadras d'esta poesia ha uma formosa ellypse, muito latina. *A ti, isto é tibi.* A ti, *scilicet* dedico isso que se vai ler.

Pag. 173 lin. 14 — O Inspector do Arsenal do
Exercito

Era o Major Antonio José da Silva Leão, depois Barão de Almofalla, Inspector interino do Arsenal do Exercito, por portaria de 3 de Setembro de 1833; exonerado por decreto de 14 de Setembro de 1836.

NOTAS AO VOLUME II

Pag. 5—Os sonhos

Este bonito madrigal mereceu ser posto em musica pelo insigne João Evangelista Pereira da Costa em Lisboa a 12 de Dezembro de 1829. Possuimos o autographo pela penna do grande compositor.

Pag. 32, lin. 17—Epicuri de grege porcus

E' de Horacio no ultimo verso da Epistola IV do livro I.

*Me pinguem et nitidum bene curat: cute vises
quum ridere voles Epicuri de grege porcum.*

Ver-me-has gordo, luzidio com a pelle florida, quando quizeres escarnecer de um sequeaz de Epicuro.

Pag. 35—Elegia á morte da Chronica

Essa finada era a folha official intitulada *Chronica constitucional*, e resuscitada sob o nome de *Diario do Governo*.

Pag. 35, lin. 5—Qua data porta ruunt

Palavras de Virgilio logo no Livro I da *Eneida* Eólo, para desencadear as ventanias que incommodem a esquadra de Enêas, dá com o conto do seu bastão no monte onde os ventos se resguardam, e elles pelo hyato aberto arremeçam-se no espaço, e irrompem por aquella porta que se lhes franqueia.

Pag. 35, lin. 17 — **Officiaes das Reaes Secretarias**

Deviam certamente andar descontentes, porque os lucros da folha official eram propriedade d'elles. Commutou-se-lhes esse lucro nos chamados *emolumentos*, que auferiram muitos annos, e já acabaram.

Pag. 36, lin. 1 — **Balas fôfas**

Cremos que esse instrumento typographico já desapareceu de todo, substituido pelos *bolos* de gutta-percha. As *balas* eram uma especie de hemispheras de sola enxumçada adaptadas a um cabo. Com ellas impregnadas na tinta de imprensa se humedeciam os typos.

Pag. 36, lin. 6 — **Mechas**

Eram as avoengas dos nossos actuaes *phosphoros*. Tiras de papel molhadas em enxofre. Pertencem á historia dos costumes velhos.

Pag. 36, lin. 31 — **Isabel das botas grandes**

Bisca ao poema de José Maria da Costa e Silva intitulado *Isabel, ou a heroína de Aragom*. Este douto escritor, a quem repugnavam as terminações portu-guezas em *ão*, entendeu substituil-as por *om*. Foi uma veleidade singular que não achou eccos na litteratura.

Pag. 51 — **A fonte fria do Bussaco**

No tempo dos Frades, e ainda dapoís, foi esta fonte o mais pittoresca e solemne que é possível. Hoje perdeu o cunho. A imaginação do architecto substituiu as antigas bellezas silvestres por um systema de escadinhas, patamaresinhos, e repuchinhos; tudo muito symetrico, mas (confessemos) muito caricato. Os versos de Castilho, que devem datar de 1820 e tantos, celebram a fonte primitiva.

Pag. 63 — **Monumento junto a Alcaacer do Sal**

Do *Diccionario popular*, dirigido por Manuel Pinho Chagas transcrevemos o seguinte, como explicação do monumento em que se lêem os versos de Castilho.

«Já os constitucionaes tinham occupado Lisboa, e feito retirar os miguelistas que haviam voltado a cer-

car a Capital, quando no dia 3 de Novembro de 1833 houve em Alcacer um combate desastroso para as tropas de D. Pedro, e que não concorreu pouco para prolongar a luta, animando os miguelistas, que estavam já n'essa epoca bastante desalentados com as suas successivas derrotas.

«Andava no Alemtejo o General miguelista Lemos, congregando reforços para enviar ao exercito do General Macdonell, concentrado e fortificado na magnifica e quasi inexpugnável posição de Santarem. Os constitucionaes tambem para esse lado fáziam as suas diversões; e, tendo o General Lemos abandonado Alcacer do Sal, foi logo esta villa occupada por uma força das tropas de D. Pedro, debaixo do commando do Coronel Florencio José da Silva. Mas Lemos voltou atraz subitamente, e o Coronel Florencio teve a desastrosa ideia de abandonar as ligeiras fortificações que tinha em Alcacer. para ir esperar o inimigo em campina raza, apoiando os flancos da sua linha, exclusivamente de infantaria, n'uns terrenos abertos, por onde parte da cavallaria inimiga facilmente o torneou, ao passo que outros esquadrões o atacavam de frente. Uma linha de infantaria, envôlta assim, de subito, de todos os lados, por uns poucos de esquadrões de cavallaria, é infallivelmente posta em debandada. Foi o que succedeu; mas com tão má ventura, que, fugindo para o lado de uns pantanos, ali foram acutilados ou aprisionados pelos miguelistas, ao passo que outros fugitivos, encontrando no Sado as lanchas da fragata *D. Maria II*, que estava em Setubal, fugiram com ellas pelo rio a baixo, deixando os marujos, que tinham saltado á terra para entrar em combate, expostos á furia do inimigo.

«A perda dos constitucionaes foi bastante grave, em relação ás poucas tropas que entraram em combate, porque subiu, entre mortos, feridos e prisioneiros, a 436 homens. O Coronel Florencio respondeu em conselho de guerra por este desastre devido incontes avelmente á sua impericia, mas o conselho absolveu-o. Por outro lado Lemos, o vencedor, foi promovido a Tenente General, e recebeu a Comenda de Christo. A victoria foi effectivamente muito proficua á causa miguelista, assegurando-lhe a posse do Alemtejo, d'onde tiravam largos recursos, e

levantava o moral das tropas, bastante abatido pelos infortunios da campanha».

Pag. 65 — Hyems

As traducções de verso para prosa são a melhor demonstração do quanto vale a forma. Ao passo que os originaes se lêem com deleite e admiração, as traducções em prosa, estiradas e pallidas, pouco agradam, quando não desagradam. A concisão da linguagem poetica, os segredos do rythmo, não os pode supprir a prosa.

Ainda assim, abalançámo-nos á tarefa ingrata de desfiar em portuguez os dysticos melodiosos de Castilho, a fim de que os percebessem as pessoas não versadas no latim. Ahi vai pois, coxeando e envergonhada, a nossa interpretação dos opulentos hexâmetros e pentâmetros do Mestre.

O INVERNO

(ELEGIA)

Das arvores cahiu a fronde; calaram-se as aves; e endureceu a terra, sob o seu triste lençol de neve. Já ao longe troou a atmosphéra nas condensadas nuvens; e os ennegrecidos campos brilham com os relâmpagos repentinos. De toda a parte a sombra cai entre ventanias furiosas; e nenhuma estrella reluz no firmamento. Agora, eia, varões, recolhei a lenha que o temporal vertiginoso derrubou pelos campos. O' deuses, mitigae o frio ao nosso pobre turgurio, e por toda a noite reluz o fogo na lareira. E vós, rapazes, e vós, raparigas, apressae-vos; e sente-se a turba faladora entretida nas suas varias labutações. Adeus, neveiros, adeus, campos; em quanto brilha a fogueira, a turba aldean zomba das ameaças da aragem. Em quanto volvem as suas tarefas no liso fuso, entôam as moças ao desafio as suas cantilenas; e o pastor acompanha na branda avena as melodias e as doces palavras de Filis.

Esta celébrea os fachos que desprezou do deus alado, e as settas que ella repelliu do seu peito juvenil. E em quanto vai cantando, e se esforça em alardear a sua isenção soberba, não sei que tático rubor lhe sobe ás faces. Riem todas, todas misturam ditos joocosos, e lhe augmentam a ella a confusão. Não sei a

que *Menalca* se referem, que ella desconfessa; e vejo que não houve historieta mais sabida de toda a aldeia. Chegou o praso dos apódos picantes; ousam-se agora expressões mais livres. Senão quando, uma velhinha fiandeira, correndo com a lembrança os seus longos annos, começa a contar historias, no meio do silencio de toda a companhia. Um' hora, canta a chronica de um Rei, erradio pelas sombras da noite, e que ao longe avista uma luz em certo palacio magico; outr' ora os muros sem portas de uma encantada torre, onde um tiranno Moiro encerra uma donzella que raptou. Todos guardam silencio longo, em quanto o nóto raiva furioso, sem lhe ser dado penetrar. Mas ¿por que vos interrompeis? chegou a occasião de se tomarem os copos; chegou o ensejo de espertar com vinho as conversações. Já oiço o crepitar das castanhas loirinhas e sem casca, depois de as terem posto sob o ardente borralho; vamos, afastae a cinza; cada qual furte as melhores, e enchâmos outra vez de bello vinho as taças. Tres e quatro vezes nos regalêmos com as dádivas do radiante Baccho; e vergonha cáia nas taças que ficaram vazias. As apressadas ventanias, o retroar dos trovões, os chuveiros, desprezêmol-os. Vai e vem alternadamente a âmphora de mão em mão. Contendem entre si as risadas e phrases jocosas, a alva turba dos amorinhos armados de carcaz, as graças leves e as pesadas, e mais a loira mocidade, que os acompanha no seu brincar. Saltitam beijos, mixtos com o fervente Lieu, assim como suaves trovas inspiração das nove deusas. Andae, homens, andae, mulheres, desterrae vossos cuidados; não se entende comnosco a colera de Jove. Pereça todo aquelle que se atreve a conduzir pelo caprichoso mar um fragil baixel, ou o soldado que só emprega o tempo nos despojos que arrebatá; e pereçam todos os que já-mais desampararam os seus lares. A nós cá, abrigam-nos em vólta, verdadeiras muralhas de bosque, os arvoredos do carvalhal: Jupiter não costuma ferir arvores tão suas. O mesmo raio que percute as altas torres, poupa as choças de palha; cabanas não inspiram odios. A nós, defende-nos a boa singeleza, a fecunda piedade, e a mãe da alegria, e o juvenil amor. A nós convém-nos o remanço, o entregarmos-nos a um genio facil, o cantar, e o cingir-nos de

quasquer verduras. Já feneceram as rosas da primavera; já cahistes, ó espigas, e já lá vai a uva, tão grata ao deus dos pampanos. Dentro em poucas luas fugirão os dias invernosos, e ha-de a terra produzir as ephémeras violetas. Tudo passa, mancebos, certo é; e, em quanto nol-o permite a idade, aproveitem-se para o praser as breves horas que nos cabem. Os dias de primavera darão gôsto a outros, que entorpecem longos somnos n'um clima melancolico; vós, porem, confinados no lar, e isentos de cuidados, folgae; ha muito tempo para deixar de o fazer. Nem vos arreceeis de furtar beijos a esses tenros labiosinhos, nem em roubal-os á viva força, nem em proferir phrases de galanteio. ¡Ai de mim! entre estas moças oxalá estivesse um momento a minha Julia! Se assim fosse, isto que vos aconselho eu o ensinaria com o exemplo.

Pag. 69. — Sendim ; seus tres retratos
de Castilho

O primeiro a que allude o Poeta, feito em 1836, datado e assignado por Sendim, é a lithographia que (muito reduzida) reproduzimos no 1.º volume das *Excavações*; o 2.º é um quadro a oleo, assignado e datado de 1838, e que existe em poder dos filhos de Castilho; o 3º tambem datado e assignado, é a lithographia grande dos *Quadros Historicos*.

Quanto a este pintor, duas palavras, já que mais não pode ser:

Trata d'elle o nosso Innocencio no *Diccionario*, a proposito de um opusculo de elementos de desenho; e diz, com todo o criterio, não perceber o motivo por que Raczyński omittisse no seu livro o nome d'este pintor portuguez seu contemporaneo. Sim, tem rasão o eminente bibliographo, cuja indole era fogosa e arrebatada, mas cujo espirito era fundamentalmente justo.

Quem deseje pesquisar alguma noticia sobre Sendim procura logo, em primeira mão, o livro de Raczyński, e acha-se logrado. Esse critico entendeu não valer a pena demorar-se com elle dois minutos, ao passo que se detem com certos desenhadores, gravadores, e pintores, pouco menos que obscuros. Quem sabe se não andariam ahí agulhas ferrugentas, inimigos, officiaes do mesmo officio, como an-

daram (muitos annos depois) a respeito do livro de Mad. Rattazzi *Le Portugal à vol d'oiseau*?

Quereríamos preencher aqui a lacuna do erudito mas precipitadissimo Allemão; por desgraça nada podemos. Os mortos passam depressa. Foi-nos impossivel apurar dados biographicos de Sendim; consta apenas ter sido professor particular de desenho e pintura dos mais considerados na Lisboa de 1820 a 1850 e tantos, e ter gasto o seu talento (que o tinha a valer) em tarefas de pouco alcance: retratando muita gente, e desenhando lithographias para esta ou aquella publicação.

O seu desenho não foi sempre correcto, porque este homem era um *Lucca fa presto*, e trabalhava para viver, com os seus editores á espera da pedra; mas nos retratos a oleo é admiravel. O seu colorido limpo e verdadeiro tem cunho especial, e tons de verdade irrecusavel.

Foi professor particular de muitos artistas amadores. A fallecida snr. Viscondessa de Fontainhas, D. Maria Rita da Silveira, mulher do Visconde de Fontainhas José Cordeiro Feyo, celebre mathematico, aprendeu com Sendim, e pintava bem.

Sendim foi autor de magnificos retratos da Familia Real, que estão na Casa-pia de Belem, onde era professor; de um esplendido retrato da senhora D. Maria II em trajo Real, com manto e sceptro, sentada n'um throno riquissimo, o qual retrato vimos á venda haverá seis annos (1898?) n'uma loja de marceneiro da rua de S. Bento; do dito retrato de Castilho, que ainda possuímos, pintado em 1838, e muito apreciado pelo bom juiz Miguel Lupi; de mais tres retratos da familia do Poeta, perdidos por um desastre; de outros que existem aqui perto de nós, na quinta do Livramento, estrada da Torre, Lumiar, e são os seguintes: da snr.^a D. Camilla Adelaide Teixeira Netto de Mello e Vasconcellos; de seu marido Antonio Ludgero da Silva; de seu filho Luiz Antonio Netto da Silva, quando era pequenino. A lista completa dos retratos pintados pelo habilissimo Sendin, se a possuíssemos, levaria paginas.

Lithographou tambem muitissimo, e possuímos bastantes d'esses desenhos, mas seria prolixidade enumeral-os.

Pag. 70, lin. 31 — Pinta o Meónio

Denominação poetica de Homero, tirada de um dos presumidos logares da sua naturalidade. O autor quer dizer que Homero, com os seus versos, é um verdadeiro *pintor*; que Apelles com os seus pinceis, é um verdadeiro *poeta*; que Phydias, com os seus escôpros e os seus marmores, é um *musico* harmonioso, visto que todas as Bellas Artes teem a mesma essencia, e são irmans.

Pag. 72, lin. 13 — Alpheu

Era Alpheu um rio muito principal do Peloponésio; namorou-se de uma das nymphas do séquito de Diana. Esta, ciosa da sua *dama*, transformou-a em fonte; de modo que o pobre Alpheu ficou logrado.

Pag. 74, lin. 4

..... Amalia
de meus brincos pueris ligeira sócia

Esses amores innocentes do Poeta, os primeiros da sua vida (aos cinco annos), e cujo theatro foi o jardim da quinta dos Azulejos no Paço do Lumiar, veem minuciosamente narradas no livro auto-biographico de Castilho *A chave do enigma*, 2.º d'esta nossa collecção.

Pag. 74, lin. 15

..... De Agenor o filho...

Cadmo, filho de Agenor, foi personagem talentoso, emprehendedor, e valente das eras pre historicas. Depois do rapto de Europa, mandou-o seu pae correr terras em busca da irman. N'essas peregrinações, perdida a Patria, fundou Thebas na Beócia.

Pag. 79, lin. 2 — D. Maria Constança Arnaud de Medeiros

Esta senhora, cheia de talento musico, e dotada de uma voz admiravel, era, pelo seu estro e pela sua elegancia, um dos astros da sociedade de 1834. Filha do celebre advogado Arnaud de Medeiros.

Pag. 85, lin. 2 — Filippe Folque

Doutor em Mathematica por Coimbra, Lente da Escola Polytechnica, do Conselho de S. M., Fidalgo

da C. R., Par do Reino, Conselheiro de Estado, General Director da Commissão geodésica, etc.

Era conhecido de Castilho desde longos annos. Além dos seus variados talentos, possuía a apreciavel prenda de flautista exímio, e grande entendedor musical. Casou, ainda em vida de Francília, em Lisboa, freguezia da Lapa, a 2 de Setembro de 1831, com a senhora D. Maria Luzia Possollo Picaluga, sobrinha direita da mencionada Francília (D. Francisca de Paula Possollo da Costa). Portanto, a Epistola de Castilho deve ser de Agosto de 1831. A snr.^a D. Maria Luzia era filha de Possidonio Sancho Picaluga e de sua mulher e prima D. Joanna Ignacia Possollo.

Pag. 88, lin. 9—Intertecido a trança luzidia

Houve quem nos apontasse ahi um lapso typographico: *intertecido*, por *intertecida*. No feminino dava sentido igual; mas conservámos a lição de Castilho, porque a reputamos intencionalissima. E' um latinismo e grecismo de construcção, subintendido o *circa*.

Pag. 92, lin. 15

...O mez do umbroso Jano

Allusão a ter sido em Janeiro o nascimento de Castilho, mez em que nasce a constellação da Lyra. Lá disse Ovidio:

*Institerint Nonæ; missi tibi nubibus atris
Signa dabunt imbres exoriente Lyra.*

Apparecerão as nonas de Janeiro, e os chuveiros desfechados das nuvens negras se annunciarão, ao erguer da constellação da Lyra.

Pag 101, lin. 4

*Non semper idem floribus est honos
Vernis...*

São de Horacio essas palavras, na Ode 11.^a do Livro II; isto é: nem sempre dura o mesmo viço ás flores da primavera. Logo, por que havemos de ralar-nos com cuidados? Essa Ode horaciana, dirigida a Quincio Harpino, é leve e iriada como uma borboleta.

Pag. 109 lin. 1 — João José Borges.

Distinto cultor da musica em Coimbra, e pae do honrado Desembargador José Maria Borges, a quem ainda tivemos a fortuna de conhecer.

Pag. 115, lin. 10

Docte sermones utriusque linguae

Verso de Horacio, Odes, Livro III, VIII, dirigido a Mecenas, tão versado nos usos da sociedade e da Lingua de Roma, como nos da Grecia, isto é: mestre da pragmatica elegante de Roma e Athenas.

Pag. 121, lin. 7—M.^{elle} Pauline Flaugergues

Acerca do illustre pae de M.^{elle} Flaugergues, traduziremos aqui palavras por ella propria redigidas, e enviadas a M.^{me} George Sand:

«Nascido em 17⁵⁹ em S. Cypriano, junto a Rodez, de uma familia antiga e respeitavel, mostrou Pedro Francisco Flaugergues, desde tenros annos, intelligencia sagaz e fina. Ao rebentar a revolução, já obtivera exito brilhante na tribuna forense. Seguiu o espirito revolucionario, temperando-o com a equidade generosa que era base da sua indole. Nomeado em 1790, depois de ser dispensado na idade, Presidente da administração do seu Departamento, protegeu sempre com a sua autoridade os mais expostos a perigos. Quando a revolução se fez terrorista, a generosidade d'elle tornou-se suspeitosa, e viu-se denunciado pelo ex-capuchinho Chabot, e arrastado ao tribunal. Ergueram-se vozes generosas; e o decreto condemnatorio foi annullado. Passados dois annos e morto Luiz XVI, o snr. Flaugergues condemnou em alta voz e affeito aquelle tragico successo; teve a ousadia rara de se vestir de luto, e foi por isso posto fora da lei. Teve de se homisiar no seu logarejo natal. E' uma região montanhosa cortada de algares e gargantas fundas. Ahi viveu onze mezes, dormindo ao ar livre, e recusando, por medo de os comprometter, a hospitalidade dos amigos. Como toda a gente lhe queria, não se achou um traidor. Por uma especie de telegraphia, era avisado diariamente da direcção que tomavam nas buscas os seus perseguidores: penduravam as aldeans, pelas janel-

las ou pelas arvores, roupa de tal ou tal côr, como se a quizessem enxugar.

«Certo dia, avistando o proscrito uns militares seus perseguidores a entrar n'uma ribeira, julgando poderiam passal-a a váu, sahiu a toda a pressa do seu esconderijo, e gritou-lhes avisando-os de que iam irremediavelmente afogar-se. Depois de lhes salvar a vida, tornou a esconder-se.

«No tempo do Directorio, descobriu o snr. Flaugergues nas propriedades de seu pae uma mina de pedra hume, e foi-se á Belgica estudar a exploração d'esse mineral. Prezo em Liège, teve de comparecer perante um conselho de guerra, com outros dois Francezes desconhecidos seus. O primeiro chamado foi condemnado, e fuzilado com pouca demora. O segundo era Flaugergues; defendeu-se com talento, com todo o calor da verdade, e provou que a sua viagem só tinha motivo scientifico. O terceiro accusado cahiu-lhe commovido nos braços, supplicando-lhe o defendesse. Permittiram-lh'o, orou, e salvou-o; verdadeiro triumpho, que lhe grangeou muitas affeições.

«Do regimen Imperial acceitou a Subprefeitura de Villefranche, onde ferviam dissensões politicas e religiosas; graças ao seu character firme e conciliador, conseguiu evitar grandes desgraças.

«Por votação *unanime* dos seus administrados foi em 1812 eleito Deputado, sendo elle o primeiro que n'aquella assemblêa de mudos ousou levantar a voz. Respondeu ao Duque de Massa, quando este al-cunhava de *inconstitucional* uma das suas propostas: «Aqui o unico inconstitucional sois vós, que vindes presidir uma assemblêa onde nem sequer assento podeis ter.» A 22 de Dezembro de 1813 foi a final nomeada uma Commissão extraordinaria para syndicar da pasta dos Estrangeiros; compunham-n-a cinco membros: Lainé, Flaugergues, Raynouard, Maine-Biran, e Gallais. Todos se lembram ainda hoje do resultado, e das duras verdades do parecer da Commissão.

«Flaugergues, Deputado outra vez em 1814, tomou logar na esquerda, onde deu na vista pela independencia dos seus pareceres, e por um talento raro de improvisação. O seu relatorio sobre o tribunal de *cassation* obteve grande fama, e contribuiu mais que muito para a conservação do dito tribunal.

«Em 1815 foi elle quem, depois de Lanjuinais, alcançou mais votos para a presidencia da Camara, e varias vezes occupou a cadeira de Vice-presidente.

«Chamado depois como relator ao Conselho de Estado, teve ensejo de prestar ahi não menos eminentes serviços.

«Foi arrebatado ao carinho dos seus em 1836. Tinha sido casado com M.^{lle} de Patris, pessoa encantadora, que veio a fallecer de 85 annos.»

GEORGE SAND — *Dernières pages*,
pag. 222 e seg.

Pag. 125 lin 5

La lyre harmonieuse au burin de l'histoire
Est unie en ta main.

Allude a poetisa aos versos de Castilho, e á sua prosa dos *Qu dos histoicos*, que estavam sahindo então.

Pag. 137 lin. 5 — Lund

D'este poeta dinamarquez não nos foi possível alcançar noticias biographicas. Só diremos que o Gray a quem se refere Castilho é o poeta inglez Thomas Gray (1716-1771), autor de uma terna Elegia sobre um cemiterio rural. Esta mesma ideia, por outra, este mesmo quadro melancolico, já o leitor se recorda d que o nosso poeta o tratou na *Amor e melancolia* e na *Primavera*.

Pag. 134 lin. 2 — Adão Oehlenschlaeger

«Poeta dinamarquez, nascido em 1778 em Copenhague, fallecido em 1850. Filho de um almoxarife do paço de Fredericksborg. Durante o cerco de Copenhague pelos Inglezes bateu-se com valentia, e cantou em verso as victorias dos seus. Publicou em 1803 um volume de poesias, que deram na vista, e estabeleceu a sua fama com o poema dramatico *Aladino, ou a lampada maravilhosa*. Esteve de visita na Allemanha, e em Paris; ahi compôz a tragedia *Palmatoke* e outras. D'ahi seguiu á Suissa e á Italia. Voltando a Copenhague quattrous annos andados (1805 1809), foi nomeado Professor de bellas-lettras na Universidade. Exercitou-se em todos os generos: tragedia, epopêa, drama, idyllio, opera. Além do *Aladino*,

são as suas melhores obras: *Os deuses do Norte*, poema sobre a mythologia escandinava; *A morte do Correggio*, drama (traduzido em francez por X. Marmier), 1834; *Hakon-larl*, *Axel e Valborg*, tragedias. Deriva o seu principal merito de ter creado um theatro nacional, que relembra aos Dinamarquezes os semi-deuses e os heroes de que falam a Edda e os Sagas escandinavos. Compôz uma *Arte poetica*. Pertencia á escola dos romanticos. Oppunha-lhe uma parte da opinião publica o outro poeta dinamarquez Baggesen.»

Extrato de um Dictionario
biographico.

Pag. 143, lin. 6

E recaí tudo em seu primeiro somno

Este verso é identico a um do Canto III da *Noite do Castello*.

Pag. 149 — O acalentar da neta

Esta ballada original de Castilho foi traduzida em francez pelo poeta Jules Zanoletti, que esteve em Lisboa em 1846. Vamos dar essa elegante traducção, precedida de uma carta do talentoso Zanoletti.

«A Monsieur A. F. de Castilho.

«Monsieur.

«En arrivant à Lisbonne j'avais beaucoup entendu parler de vous. La réputation que vous vous êtes acquise par vos ouvrages place votre nom dans toutes les bouches; et lorsque je questionnais quelques uns de vos compatriotes, sur l'état actuel de la poésie en Portugal, ils s'empressaient de me répondre en me citant avec éloge, et de manière à me prouver combien ils étaient fiers de votre célébrité, les charmantes productions auxquelles vous avez donné le jour. J'étais alors trop peu versé dans la langue du Pays pour pouvoir me procurer le plaisir de les lire; mais forcé d'ajourner cette satisfaction, je n'en désirais pas moins vivement connaître l'auteur.

«J'avais manifesté ce désir à M. le C.^{te} de Farrobo, qui m'avait promis de me faciliter les moyens d'entrer en relations avec vous, et m'avait assuré que j'aurais quelquefois l'occasion de vous rencontrer dans

son salon. Cette occasion, que j'attendais avec une impatience bien légitime de ma part, ne s'est malheureusement pas présentée jusqu'ici, et chaque fois qu'il m'est arrivé d'aller chez M. le C.^{te} de Farrobo, j'ai eu le regret de ne pas vous y appercevoir. Sous ce rapport les circonstances m'ont mal servi.

«J'aurais craint, Monsieur, de me montrer importun en me présentant directement chez vous. Cependant je me décide aujourd'hui à aller au devant de cette occasion qui m'a trop longtemps échappé, et à vous demander la permission de vous faire une visite. Je sais que vous accueillez avec beaucoup de bienveillance les étrangers, et je voudrais vous prier de me donner votre avis sur une matière qui est entièrement de votre compétence, et que personne n'est, aussi bien que vous, en état de traiter. Il s'agit de poésie.

«Le hasard a fait tomber, il y a quelques jours, entre mes mains une très jolie pièce de vers d'un auteur Portugais. Elle m'a paru si gracieuse, que je n'ai pu résister au désir de la traduire. J'ai essayé de l'imiter autant que le permet la différence des deux langues. Cette copie est assurément bien loin de valoir l'original; j'ai cherché néanmoins à en reproduire, aussi fidèlement que possible, la couleur; et c'est à cet égard que je désirerais obtenir votre sentiment.

«Si vous voulez bien, Monsieur, disposer d'un instant en ma faveur, vous m'obligerez de me faire connaître l'heure à laquelle il me sera permis de vous rencontrer chez vous, sans vous incommoder, et sans nuire à vos occupations.

Recevez, Monsieur, l'assurance de ma considération la plus distinguée.

16 Décembre 1846.

J. ZANOLE.

Rua da Orta Secca
n.º 18, 2.º andar.

DORS, MA FILLE

IMITATION D'UNE BALADE DE M. A. F. DE CASTILHO

Dors, ma fille, dors, cher enfant,
Pour mériter demain une caresse.
Dors, je te vais chanter, mon ange, en te berçant,
Un cantique de ma jeunesse.

*

Sous l'humble habit de pèlerin
La belle Auzende de Moline
Capace en tête, et bourdon à la main,
Cheminait vers la Palestine.

Tu pars, et peut-être demain,
Lorsqu'elle aura connu ta fuite,
Ta mère, Auzende, en mourra de chagrin,
Et tes sœurs la suivront bien vite.

Mais que t'importe leur douleur?
Que te font aujourd'hui leurs peines?
Celui pour qui seul soupire ton cœur
Du Sarrazin porte les chaînes.

Du fond de ce triste séjour,
Un mot de lui t'a fait connaître
Que, loin de toi, ton ami nuit et jour
Gémissait sous le joug d'un maître.

Mais pour lui c'est peu de souffrir;
C'est ton destin seul qu'il déplore.
Sans te revoir il ne veut pas mourir,
Ni te laisser en pays Maure.

*

Dors, ma fille, dors, cher enfant.
Et toi, fuseau, file, mon fuseau, file.
Je suis près de la Vierge, et je file en chantant.
Devant ma lampe qui vacille.

*

Ausende a vendu ses bijoux
Pour acheter bourdon, rosaire;
Elle chemine et par monts et par vaux,
Et va vers cette Sainte Terre.

Elle va quêtant ses secours,
Et marche sans que rien l'arrête.
Pleine d'ardeur elle marche toujours
Par le soleil et la tempête.

Un soir, il faisait presque nuit,
Elle apperçoit un ermitage.
Ce saint asyle où le sort la conduit
De Notre Dame offrait l'image.

*

Dors, ma fille, dors, chère enfant,
Et toi, fuseau, file, mon fuseau, file.
Merci, Vierge Marie, et je file en chantant
Devant ma lampe qui vacille.

*

Elle entre, et se jette à genoux
Aux pieds de cette douce image.
«Vierge, dit-elle, ayez pitié de nous,
«Faites cesser son esclavage.»

La Vierge au ciel leva les yeux;
Des pleurs mouillèrent son visage.
On entendit un vent impétueux,
Qui fit trembler tout l'ermitage.

Auzende, le cœur inquiet,
Sortit de ce lieu solitaire.
Elle était seule au sein d'une forêt;
La nuit couvrait tout la terre.

En vain elle veut avancer;
Une ombre épaisse l'environne.
Déjà la peur commence à la glacer,
Et son courage l'abandonne.

Sur un arbre appuyant son bras,
Le corps caché sous le feuillage,
Elle songeait, en murmurant tout bas,
Aux jours passés de son jeune âge.

«J'ai tout perdu, pays, palais,
«Ma mère, ma mère que j'aime,
«Peut-être, hélas ! celui que je cherchais
«Je le perds, et le perds moi-même.

«Don Giralde, ami de mon cœur,
«Seule notre foi vit sans cesse.
«Tu sais pour toi jusqu'où va mon ardeur,
«Je sais jusqu'où va ta tendresse.

«Si je dois mourir en ces lieux,
«Mon Ange gardien, je t'en prie,
«Va lui porter, avec mes derniers vœux,
«Le dernier souffle de ma vie.»

Auzende exhalait sa douleur
Dans ce triste et sombre langage.
L'Ange gardien, c'était sa jeune sœur,
Qu'elle chargeait de ce message.

*

Dors, ma fille, dors, cher enfant,
Et toi fuseau, file, mon fuseau, file.
Je suis à toi, Marie, et je file en chantant
Devant ma lampe qui vacille.

*

Ses yeux semblent s'appesantir,
Un voile couvre sa paupière,
Puis elle entend le feuillage frémir,
Et croit voir fuir une lumière.

Son effroi redouble, et soudain
Elle pâlit, tremble, et chancelle;
Tombe à genoux, jette, en tendant la main,
Un regard furtif autour d'elle.

A pas lents elle voit venir
Une ombre, à la démarche fière;
Elle se signe, et se sent tressaillir
Sans pouvoir dire une prière.

*

Dors, ma fille, dors, cher enfant,
Et toi, fuseau, file, mon fuseau, file.
Veille sur moi, Marie, et je file en chantant
Devant ma lampe qui vacille.

*

L'air triste, le front soucieux,
Sans bruit le fantôme s'avance,
Fixe sur elle obstinément les yeux,
S'arrête, et regarde en silence.

Puis, vers elle tendant les bras,
D'une voix qui semble la brise,
«Eh! quoi!, dit-il, ne reconnais tu pas
«L'amant à qui tu fus promise?

«Tu vas pour chercher cet amant,
«Moi je cherche la pèlerine,
«Ton âme, Auzende, à mon corps qui t'attend
«Devait s'unir en Palestine.

«Nos Anges gardiens à tous deux,
«Dans leur triste et muet langage
«Nous avaient dit qu'ici même, en ces lieux,
«Se terminerait ce voyage.

«Dieu veut envoyer à la fois
«A l'âme un corps, un corps à l'âme...»
Il dit. Auzende, en écoutant sa voix
Sent de son cœur mourir la flamme.

*

Dors, ma fille, dors, cher enfant;
Et toi, fuseau, file, mon fuseau, file.
Vierge, reçois mes vœux; et je file en chantant
Devant ma lampe qui vacille.

*

La nuit poursuit son triste cours;
Auzende est là, gisant à terre.
Auzende, hélas! a terminé ses jours;
Elle a vu finir sa misère.

Mais qui viendra dans ce moment,
Au milieu de la nuit obscure,
Rendre à ce corps, privé de sentiment,
Les honneurs de la sépulture?

Le fantôme se trouva lors
Tout seul dans ce lieu de mystère;
Et pas un prêtre à genoux près du corps
Pour réciter quelque prière.

Et depuis onc dans la forêt
On ne vit rien à cette place.
De cet étrange et miraculeux fait
Nul ne put découvrir la trace.

*

Dors, ma fille, dors, cher enfant,
Et toi, fuseau, file, mon fuseau, file.
O Vierge, je t'implore, et je file en chantant,
Devant ma lampe qui vacille.

*

On voit les étoiles pâlir;
Le jour dissipe les ténèbres;
L'oiseau des nuits, qu'on entendait gémir,
A suspendu ses cris funèbres.

Le coq, annonçant le matin,
Par son chant au réveil invite,
Bat de l'aile, et va se poser soudain
Près de la couche de l'Ermite.

La cloche dans l'air retentit;
Aussitôt s'ouvre l'ermitage;
L'autel s'allume, et la Vierge sourit;
On voit rayonner son visage.

*

Dors, ma fille, dors, cher enfant,
Et toi, fuseau, file, mon fuseau, file.
Je distingue la Vierge, et le file en chantant
Devant ma lampe qui vacille.

*

Bientôt arrive un Etranger,
Ou Pélerin, ou Pélerine,
Qui vers ce lieu semblait se diriger,
Et parle de la Palestine.

Vient-il de ce pays lointain?
Ou de ce pas va-t-il s'y rendre?
Dans ses discours tout est vague, incertain;
L'Ermite n'y peut rien comprendre.

«Dieu veut, dit-il, par ses décrets,
«Que pendant neuf jours je le prie,
«Pendant neuf jours, puis aussitôt après
«Devra finir mon agonie.»

Loin de là, dans le même instant,
Par sa bonté toute divine,
Dieu permettait qu'un autre événement
S'accomplit dans la Palestine.

On vit de Giralde à minuit
S'ouvrir la tombe solitaire;
Puis se dresser lentement et sans bruit
Un corps enveloppé d'un suaire.

*

Dors, ma fille, dors, cher enfant,
Et toi, fuseau, file, mon fuseau, file.
Que la Vierge m'entende, et je file en chantant
Devant ma lampe qui vacille.

*

Puis dans l'air, comme un rayon d'or,
On aperçut briller une âme;
La Vierge Sainte a guidé son essor;
Un Ange suivait Notre-Dame.

L'âme vient animer soudain
Ce corps qui tenait à la vie;
Puis avec l'Ange il poursuit son chemin;
La Vierge était déjà partie.

Vers la fin du neuvième jour,
L'Ermite achevait sa prière,
Un Pèlerin se présente à son tour,
Et s'approche du Sanctuaire.

Le Vieillard l'interroge en vain;
Sur ses desseins rien ne s'éclaire;
Ainsi que l'autre, il cache son destin,
Et s'enveloppe de mystère.

La Vierge sourit à tous deux,
Comme à son enfant une mère;
Un jeune Prêtre apparaît radieux,
Tout resplendissant de lumière.

Sous son rochet, qui, sans mentir,
Est plus blanc que la neige même,
On voit briller deux ailes de saphir
D'une délicatesse extrême.

Il prend leurs mains, et d'un souris
Accompagnant chaque parole,
«Au nom du Ciel, dit-il, je vous unis»,
Et sur eux il met son étole.

*

Dors, ma fille, dors, cher enfant,
Et toi, fuseau, file, mon fuseau, file.
Gloire, gloire à Marie! et je file en chantant
Devant ma lampe qui vacille.

*

Neuf ans venaient de s'écouler
Depuis ce pieux hyménée.
L'Ermite au soir entendit appeler;
La douzième heure était sonnée.

Il ouvre, et, placé sur le seuil,
Il voit entrer dans la chapelle
Deux corps unis dans un même cercueil,
Vrai chef-d'œuvre, où l'or étincelle.

*

Dors, ma fille, dors, cher enfant,
Et toi, fuseau, file, mon fuseau, file.
Je suis avec la Vierge, et je file en chantant
Devant ma lampe qui vacille.

*

Tous deux se tenaient embrassés;
On eut dit qu'ils dormaient encore;
De blanches fleurs ornaient leurs fronts glacés,
Leurs fronts, que la candeur décore.

Portés par d'invisibles mains
Ils sont entrés dans l'ermitage,
Et l'on entend dans l'air des hymnes saints,
Sans que l'on voye aucun visage.

*

Dors, ma fille, dors, cher enfant,
Et toi, fuseau, file, mon fuseau, file.
Je suis devant la Vierge, et je file en chantant
Près de ma lampe qui vacille.

*

En Biscaye on a conservé
Ce récit transmis d'âge en âge,
Et sur le marbre on peut le voir gravé
Au fond d'un modeste ermitage.

Ce marbre ne porte aucun nom,
Aucun signe qui le rappelle;
Mais de Giralde et d'Auzende, dit-on,
Là git la dépouille mortelle.

C'est là qu'ils ont fini leur sort
Sans avoir vu briser leur chaîne.
Ils sont encore unis après leur mort,
Et la Vierge fut leur marraine

*

Dors, ma fille, dors, cher enfant,
Le lin me manque, et ma tâche est remplie.
Je te dirai demain, mon ange, en t'éveillant,
Une histoire encor plus jolie.

Lisbonne 15 Décembre
1846

J. ZANOLE.

NOTAS AO VOLUME III

Pag. 7, lin. 2. — Epigramma

O chiste d'esse epigramma, que é do tempo em que o Poeta frequentava a Universidade, está no ultimo verso. O estrangeiro pouco versado na nossa Lingua difficilmente o saboreará, se não souber que a phrase *pôr-se a andar* tem, além da sua accepção óbvia e natural, a de fallecer. *Pôr-se a andar* para o outro mundo é synonymo de morrer.

Pag. 9. — Francisco de Assis Rodrigues

Refere-se Raczyński a este mestre, com cautella, e sobriedade um tanto avara; chama-lhe: «artista applicado, estudioso, e não falho de pericia», *qui ne manque pas d'habileté*. E' pouco. Assis merecia mais. As *Memorias de Castilho* exforçam-se em collocar este notavel homem no lugar que lhe compete.

Ainda tivemos occasião de conhecer o bom Assis Rodrigues, de quem varios discipulos seus se recordam, como nós, com saudade.

Filho do escultor Faustino José Rodrigues, e de D. Febronia Rosa do Carmo, era um verdadeiro lisboeta, influenciado ainda pelo Portugal velho. O seu porte, a sua sizudez, o seu respeito a tudo e a todos, a sua religiosidade sincera, as suas theorias ordeiras e tradicionaes de Arte, o seu classicismo de fórma, tudo estava revelando o mancebo educado á antiga, e o homem confirmado n'essa educação pelo costume, pela convicção, e pelo attavismo.

Foi um bello sujeito, alto, encorpado, bem vestido sem affectação, rosto rapado, tez corada, e ca-

bello de prata. Nos olhos serenos e bondosos não havia os raptos dos artistas de genio, mas lia-se a honradez, que até nas producções artisticas do Mestre se manifestava.

Na conversação revelava-se logo como artista, já nas acertadas e commedidas apreciações de obras alheias, já no respeito e enthusiasmo com que falava dos mestres gregos e romanos, já na grande massa de conhecimentos technicos que lhe autorisavam as criticas. Contava historias dos escultores da Ajuda, porque presencéara umas, e outras ouvira a seu pae, artista de bastante nomeada no primeiro quartel do seculo xix, Faustino José Rodrigues; conhecêra em novo o grande Joaquim Machado de Castro, e por este elo prendia-se a Francisco Vieira Lusitano, de quem falava com respeito e veneração (como se o tivesse conhecido), e por Vieira ao Lutti e ao Trevisani. Havia na conversação d'este bom velho uma longa cadeia ininterrupta de tradições de Arte, verdadeiro encanto para quem sabe comprehender estes assumptos immateriaes, tão dominadores e tão cheios de luz.

No trato com os seus alumnos era um pae, mais que um mestre: ensinava-os com paciencia e carinho, sempre desvelado em lhes incutir os bons principios technicos, e a moral e o acatamento aos nomes primaciaes das artes do desenho. De mais a mais, foi sempre justiceiro nos seus juizos, propendendo para a indulgencia quando via o fiel da balança indeciso.

Innocencio dá-o nascido a 12 de Outubro de 1801; matriculado alumno na aula e laboratorio de escultura, então addida á Repartição das Obras publicas, e da qual era Professor Joaquim Machado, e substituto o dito Faustino José Rodrigues; nomeado Ajudante da mesma aula por aviso de 30 de Dezembro de 1823; promovido a Professor em 25 de Maio de 1829; nomeado Professor de escultura na Academia de Bellas-Artes por decreto de 25 de Outubro de 1836, e em 7 de Maio de 1845 promovido a Director, cargo que exerceu até fallecer.

Na peça de versos a que servem de annotação estas poucas linhas, allude Castilho a varias obras do escultor; entre ellas, a que motivou esta Epistola foi o busto do Poeta, feito a rogo do autor em 1836, e que já publicámos n'um dos volumes d'esta collec-

ção, segundo a photographia do snr. José Arthur Barcia, photographo amator. D'esta obra, classica e bella, muito apreciada ainda hoje pelos entendedores, nomeadamente pelo optimo juiz o snr. José Simões de Almeida Junior, Professor de escultura na Academia Real das Bellas Artes, fez Assis um exemplar em cera, que se destruiu em S. Miguel por um desastre, e varias copias em gesso. Do mesmo ha tambem uma em pedra lioz na Avenida da Liberdade, na frente do predio do snr. Nunes Corrêa (hoje pertencente por compra á Companhia das aguas), e outro em marmore de Carrara, que pertenceu aos Condes da Quinta das Canas, e estava n'uma sala do palacio da dita quinta em Coimbra, hoje por compra (depois da morte dos Condes) ao Contralmirante Augusto de Castilho.

Alem dos escritos de Assis Rodrigues mencionados por Innocencio, ha o *Diccionario tecnico e historico de pintura, escultura, architectura, e gravura* — Lisboa — 1875 — 8.º 1 vol.

Pag. 12, lin. 12 — As filhas de Machado
de Castro

Nos *Vivos e mortos* se encontram documentos comprovativos d'estas asserções de Castilho, quanto ao beneficio realisado em S. Carlos a favor das desvalidas filhas do grande Escultor. Apesar da boavontade do Publico, essas duas senhoras viveram sempre, e falleceram, pobres.

Pag. 14, lin. 14 — Inscrição da estatua
equestre

Em portuguez diz assim:

«A José I, augusto, pio, feliz, pae da Patria, dedicou em 1775 o Senado com o Povo de Lisboa, reconhecidos a ter o mesmo Senhor mantido os direitos da Realeza, emendado as Leis, propagado o Commercio, restaurado o Exercito e as Boas-artes, reedificado com maior elegancia a Capital, inteiramente destruida pelo terremoto, sendo seu conselheiro e ministro o Marquez de Pombal, e auxiliando-o o corpo do Commercio. Joaquim Machado de Castro modelou e esculpiu. Bartholomeu da Costa fundiu em bronze a estatua equestre.»

Pag. 15. lin. 11 — A Nayade

Era uma elegante estatua, representando uma Nayade, derramando agua da sua urna. Foi feita para a cascata que se erigiu no topo setentrional da alameda central do Passeio publico, de saudosa memoria. Esbelta, graciosa, pudibunda, era um encanto vel-a na sua gruta sombreada de heras, a encher o tanque semi-circular que se lhe abria aos pés, e onde nadavam immoveis dois formosos cisnes de pedra lioz, obra do mesmo Mestre Assis Rodrigues. Com a demolição da cascata e o arrazamento do Passeio, a Nayade passou para o jardim da Estrella, e os cisnes continuam a nadar n'um tanque do Campo-grande.

Pag. 18, lin. 23 — Thorwaldsen

Celebre escultor dinamarquez, por nome Bartholomeu Thorwaldsen, filho de um maritimo, e nascido a bordo do navio de seu pae, em 1779. Falleceu em 1844, deixando pelo seu trabalho consideraveis haveres, que legou ao Museu de Copenhage, sua fundação. Classico e severo no estylo, é reputado ainda hoje verdadeiro mestre.

ADDITAMENTO

Como commentario e explicação cabal a algumas das peças politicas das *Excavações poeticas*, transcreveremos n'este logar os capitulos I, II, e III, do Livro III das *Memo-rias de Castilho* por Julio de Castilho.

De 1834 a 1840

I

O nascer do sol da Liberdade em Portugal. — Alvo-
roço na alma de Castilho. — A sua Epistola ao se-
nhor D. Miguel.

Aquelle prodigioso acordar de Portugal entre destroços levou, apesar de desgostos inauditos, grandes esperanças aos liberaes sinceros; e se não fossem essas esperanças, donde iriam elles encontrar valor para o combate domestico e diario, que ia succeder ao campo das batalhas?

Sahindo do regimen velho, passava Portugal uma crise cruelissima.

Estavam de pé, no meio da assolação, todos os elementos antigos. A causa nova era uma nobre orphan, cujo patrimonio disputavam muitos interesses feridos pela mão inexoravel e brutal da reforma. Cessára a peleja nos redutos e nos acampamentos; a bandeira bicolor desfraldava-se em Lisboa, e em larga extensão do Reino. Cada dia regressavam regimentos, mutilados, esfarrapados, gottejando sangue, mas arvorando já o symbolo da paz nas suas baionetas; e a população, quasi toda de luto, acclamava-os, e coroava-lhes de rosas os estandartes. Estava a cahir, por instantes, a resistencia tenaz e valorosa que na opinião mantinham os absolutistas. Cada semana vinham tornando os emigrados, cheios de animo, inundados na luz da Europa. Almoester e a Asseiceira iam ser confirmadas em Evora-Monte. Respirava-se em Lisboa uma fraternisação geral. As tristes escaramuças da rua, as vindictas partidarias, as desfeitas publicas, os assaltos á propriedade e á immuniidade, manchas vilissimas que por desventura empanaram o brilho da victoria, iam já rareando, estavam a pacificar-se.

*

Mas principiava outra luta, menos cruenta, e ainda mais séria talvez: o apprendizado longo e difficil das instituições, o movimento da nova machina constitucional, cujas engrenagens, desconhecidas ao Povo, nol-o enchiam de terror. Ia começar outra luta de

todas as horas contra os preconceitos, a ignorancia, a nossa indifferença portugueza, os enredos, os despeitos, em que já ardêra a emigração, as ambições nobres e ignobeis, ¿que sei eu? um mundo de chicanas pequeninas, que em nome do nobre archaismo chamado Portugal, ia impedir ás massas a rapida intelligencia do formoso neologismo, tão problematico inda assim, chamado a Liberdade.

Appellou-se para as eleições directas. Acudiram as provincias ao chamamento, enviando ás Côrtes os seus representantes. Preparava-se a augusta officina das Leis. O futuro da Patria estava ali.

Estava. ¿Mas o Povo sabia por ventura o que ia faser? ¿o Povo sabia por acaso, que em cada urna eleitoral ia conter-se a felicidade ou a desgraça de seus filhos? E quando digo *Povo*, não me refiro só á população proletaria dos circulos ruraes; refiro-me á parte maxima do *Publico* das cidades.

Agitados como estavam ainda pelas desavenças da vespera, careceram os povos de que supprisse tudo uma entidade abstracta, muito augusta, a que se chama o bom senso popular, o bom senso e a cordura da excellente gente portugueza.

*

N'aquellas horas das primeiras incertezas, o nosso poeta (voltemos a elle) pôz quanto sabía a sua lyra ao serviço dos sentimentos nacionaes.

Ninguém o ouviu dedilhar queixumes pro-

prios; ninguém o viu nas deliciosas tarefas egoistas da poesia amena; o que então vibrou na sua voz, foi ora o carme apaixonado da Epistola ao senhor D. Miguel

Em hora má do porto desafferres,

ora a grave exhortação ao Povo nas eleições de 1834,

Povo, ó nobre sem fausto, ó rei sem jugos.

(Ambas tiveram varias edições em poucos dias.) ¹

*

A primeira d'essas duas Epistolas, modelo de vehemencia, de concisão nervosa, e elevação de forma, versos ardentes como látegos, é hoje por alguns rigoristas acoimada de exageração inconveniente, por ser composta quando o senhor Rei D. Miguel deixava para sempre a sua terra.

Uma tal critica é leviana; tem o defeito da maior parte das criticas: é formulada por quem não toma o cuidado prévio de se transportar ao tempo em que a obra criticada foi feita, e identificar-se de todo com o autor.

¿Quê!? ¿Pois hão-de tolher á Poesia o direito de gravar no bronze? ¿Pois hão-de prohibir-lhe que assignale com o ferrete? ¿Hão-de negar-lhe que açoite no pelourinho da Historia as grandes figuras que a Historia

¹ *Excav. Poet.* — pag. 151.

condemna? ¿Em nome de que principio se ha-de riscar o impetuoso

facit indignatio versum?

¿Pois hão-de tolher a um bardo, que sai de um exilio de sete annos entre umas serras, o direito sagrado do desabafo, quando esse desabafo responde ao grito da maioria da Nação?!...

Ponham-se no logar d'elle, com as crenças d'elle, com as dores d'elle, com o talento d'elle, e digam-me se a furia que o abraçou não era digna de se exhalar em versos.

Perguntem ao vulcão o seu *porquê*.

*

Se aquelles versos fossem o clamor subjectivo das suas amarguras proprias, se os ditasse um solipsismo esteril, muito nas boas horas lh'os estranhassem; mas quando o bardo se faz intérprete do pensar e sentir de innumeraveis, e formúla uma imprecação que em si mesma contém tudo que ha de grande, aceitem-lhe a intenção e respeitem-n-a, attendendo a que n'aquelles cantos, possessos de amor patrio, o vate não olhava já talvez para o passado: considerava o porvir.

¿Personalidades? ¿Quem fala de personalidades perante um Principe? os Principes não se pertencem; pertencem á Historia.

De mais a mais, o poeta, que assim abria os diques á indignação, á sua indignação romana de sonhador dos livros, o poeta, que assim rugia na hora em que se abria o exi-

lio para o mal-avisado Soberano, não esperára por essa hora tremenda (todos o sabem; viram-n-o todos). Nos dias do perigo deixára, com grave risco da sua vida, os seus carmes patrioticos correr de mão em mão, como exforçadores; déra o possivel auxilio aos cor-religionarios, com toda a alma, com todo o coração; e, no seu tanto, contribuíra, quanto o podia um homem obscuro, pobre, e desvalído, para manter acceza nas noites da tormenta a grande pyra liberal.

A uma natureza entusiastica, recalcada sobre si mesma durante longo tempo, concentrada no seu pequenino mundo literario, e anciosa pela paz, ¿ha-de fazer-se um crime de exultar ao ver deixar as nossas plagas o reputado causador de todo o mal!? ¿E' isso crime? não o era então; e essa circumstancia é importante: se não era crime então, ¿como o é hoje?

¿Seria mais christão esquecer tudo? seria; indubitavelmente; mas a commoção das primeiras horas não conhece reflexão; e verberando um Homem, desafrontava um Reino.

«Oh! ¿como a politica dos nossos dias é sêcca e espinhosa! — lamentava o mesmo poeta n'um brado eloquente—«¿Como é impossivel escrever n'ella sêm molhar algumas vezes a penna em fel!» ¹

*

As classes aristocraticas, pela maior parte, tinham adherido ao senhor D. Miguel por-

¹ *Tributo port.*—Prefação, pag. xxvii.

que eram ordeiras, autoritárias, amigas do bem pela tradição, e Elle parecia symbolisar a ordem, a autoridade, o bem, e a tradição; porque precisavam viver constituídas em corpo, e Elle representava os principios d'onde ellas vinham.

As classes populares, fascinadas pelo Rei affavel, pelo Rei cavalgador, pelo Rei toireiro, pelo Rei religioso, pelo Rei peninsular dos quatro costados, tambem na sua maioria tinham voz por Elle.

As classes médias, onde já residia mais luz, mais experiencia, mais vida, mais reflexão, mais sciencia da dor, e menos preconceitos sociaes, combatiam de alma e coação o senhor D. Miguel.

Ora d'essas classes médias é que nasceu o brado que principia:

Em hora má do porto desafferres,
ó Principe das trevas, cujo nome
é do bardo fiel defeso á lyral

*

Se essa Epistola fosse escrita vinte annos depois, era altamente reprehensivel a intenção, com que, por assim dizer, se ia a sangue frio insultar um vencido. ;Mas então, santo Deus! ;então! ;quando para muitos não estava ainda decisivamente ganha a causa nova! ;quando a opinião das turbas era, por fanatismo politico e religioso, absolutista em quasi toda a parte! ;quando, depois de tres ou quatro tentativas abortadas, desde Gomes Freire, apenas então, sobre montões

de cadaveres, se chegava á méta! ;quando todo o Reino andava de luto por paes, irmãos, parentes, e amigos! ;quando os animos jaziam desconfiados da impopularidade do Governo! ;quando os justicados da vespera pendiam nas fôrças, baloiçando ao vento o espectro da vingança! ;quando a chronica da Patria era quasi tão lacrimosa como a das familias, dizimadas pelo chólера e pela guerra! ;quando eram rôtos, em nome d'aquelle mesmo Principe, todos os laços de parentesco, todos os vinculos legaes, todos os compromissos moraes!, desconhecer a sincera justiça d'aquelle grito de lagrimas, mais ainda que de odios (odios não os tinha, a final, aquelle coração), é desconhecer tudo; é negar todos os direitos, toda a grandeza épica das execuções perante a Historia, toda a eloquencia dos cadafalsos, toda a logica das covas e das vallas, todo o sagrado character das verdadeiras dores, toda a immensa rebellião da justiça intima.

*

Mas o que é de veras nobre, é que, dez annos depois, o mesmo poeta esquecia os seus impetos iracundos de 34, e escrevia estas palavras generosas e santas:

«Na Epistola a D. Miguel vejo retratada uma hora diabolica, não do meu coração, que nunca esse (com a mão sobre a consciencia o digo) quiz mal deveras a ninguem, mas do meu espirito. *Genus irritabile*.

«D. Miguel acabava de cahir do throno;

devêra ter sido esse o dia da indulgencia plenaria. O raio que derrete um sceptro dentro na dextra que havia annos o apertava, e uma corôa sobre a cabeça que nunca pensou em perdê-la, e que fica viva, é um tão espantoso executor da divina Justiça, que depois d'elle já aos odios humanos não deve ficar mais nada que fazer.» ¹

E sete annos andados, como se aquella ideia o perseguisse, bradava:

«Por mim digo.....
..... que, se D. Pedro avulta, no meu conceito, como figura antiga e homérica, um dos mais serios gravames que ás vezes sinto na consciencia, quando pela noite, que é boa conselheira, me ponho a conversar comigo só, é aquella virulenta e furibunda despedida, que n'uma hora de cobarde delirio dirige a D. Miguel; j como se o cahir de um throno para um desterro fosse infortunio e miseria que se devesse acrescentar!

«D. Pedro (confesso-o) é o meu Homem; mas D. Miguel tem para mim, se não a consagração, ao menos a grande absolvição de dezassete annos fora da Patria, dos amigos, dos parentes e do sol, entre extranhos soberbos, no purgatorio caliginoso da Inglaterra. Temia-o; odiava-o. Agora, porque o não posso temer, creio que, por isso mesmo que o odiei, o começo a amar pela caridade.» ²

¹ *Excav. poet.*

² *Jornal A Semana* — vol II, n.º 11 — Março de 1851.

*

Em presença pois de taes escritos conciliadores e magnanimos, aceitemos (este é que é agora o nosso ponto), aceitemos, comprehendâmos, relevemos (embora, se quizerem, não a louvemos), a intenção patriotica e altaneira, que soltou no 1.º de Junho de 1834 aquella Epistola memoravel, no momento em que a fragata «Stag» desfraldava na bahia de Sines gávias e traquetes, levando a seu bordo o desthronado Cavalleiro.

Sólta a vela; ergue as ancoras; restruge
com o canhão derradeiro a praia livre;
desapparece. E prestes no horizonte
se te abysmem, co'a vista d'estes cumes,
as illusões e as ultimas esp'ranças.
¡Ah! ¡quaes vão ser teus longos devaneios,
da tremula amurada debruçado
sobre a rôta, fugaz, sonora espuma!...

O Leopardo inglez abrigava na hora da desgraça a Majestade succumbida. Na praia porem despontava, atonita de si mesma, outra Realeza juvenil; essa, chamavam-lhe a Liberdade; e n'aquelle lance a tuba iracunda e rouca da Poesia era a sua grande voz.

.....

*

¡Por Deus! eu não insulto um morto.
No senhor D. Miguel-homem, vejo uma reliquia, vejo um exilado, vejo um infeliz, que remiu, com as suas dores e a sua dignidade nobilissima, os seus erros (¿quem os não teve?).

No senhor D. Miguel-Rei não vejo isso: vejo um moço leviano, com muitas qualidades Reaes, é certo, taes como a grandeza de animo, a affabilidade, a persistencia inquebrantavel, a valentia, a isenção, um todo severo e gracioso de paladim; mas que, pessimamente aconselhado, e levado de misera-veis que admittia, esqueceu o que devia ao seu sangue, ao seu grande nome, e á sua terra, que elle tanto estremecia, rebaixando o papel paternal que á Realeza incumbe, illudindo um juramento, e impondo pelo terror a sua supremacia problematica.

Hoje o Rei de 1828 pertence á Historia; só perante ella me atrevo a discutil-o. Como homem, não. Como homem honesto e independentissimo, como pae, como chefe exemplar de uma familia pobre, como victima resignada, e como proscrito, respeito-o, mantereí em toda a parte os seus direitos a não ser discutido, e ajoelharia com toda a effusão d'alma sobre a sua sepultura, como sobre a de um infeliz devorado de crueis amarguras.

Esse respeito porém á Pessoa, áquellas honradas barbas brancas, áquelle sorriso gazalhador, áquella fronte despovoad e melancolica, não impede que eu, e todos, julgemos como soubermos os actos publicos d'este Principe, infeliz por não ter sabido ser do seu tempo, infeliz por não ter recebido educação politica apropriada, infeliz por ter tido de voltar a sua espada de Portuguez contra os seus, infeliz, tres vezes infeliz, por ter morrido longe do seu Portugal, comendo um pão negro gottejado de prantos de saudade.

*

Hoje fazemos de bom grado estas distincções entre o Rei, e o homem; em 1834 ninguém as fazia, ninguém as podia, nem as sabia, nem as queria fazer. Em 1834 commentava-se com virulencia aquella personalidade complexa de bom e mau, e parecia aos animos quebrantados por tantos annos de jugo, que o verberar o nome do senhor D. Miguel era exaltar a Patria.

¿Quem pensava então em que o senhor D. Miguel ia já pelo mar fóra? Por uma illusão psychológica, de que tambem ha exemplo nas leis physiológicas, aquelle membro amputado parecia estar ainda no seu lugar. O partido fôra vencido, não morto; ameaçava erguer-se. O nome do Chefe d'esse partido, e a sanha dos seus sequazes, ainda punham medo.

O senhor D. Miguel não era então o que foi para nós outros, geração subsequente: um vulto historico, triste e inoffensivo, projectando as suas linhas grandiosas na penumbra de Brombach, vivendo de saudades, como um ancião, e inspirando melancolia, como uma ruina. O senhor D. Miguel possuia ainda toda a vitalidade energica do systema de que fôra symbolo; era um ente perigoso, e, para maior perigo, rodeado do prestigio do mysterio. Sahira de Portugal, sim; ¿mas onde estava? Ora se dizia que tinha desaparecido de Inglaterra, que ia chegar a Lisboa á frente de uma expedição; ora se lhe attribuia connivencia nos motins que dessocegavam a Hespanha; ora a com-

posição e indole do gabinete inglez impunha receios aos constitucionaes; ora se commentava com terror o celebre manifesto attribuido á mão do Principe desthronado, documento datado de Genova a 20 de Junho, em que Elle protestava contra os termos da Convenção, que disia ter assignado coacto, e só a fim de evitar calamidades maiores. Para uma grande parte portanto dos vencedores, o exilio do senhor D. Miguel era apenas a sua Ilha d'Elba.

Todos estes symptomas se agrupavam, se cotejavam, e bastavam para desnortear o Povo, receoso de ter derramado de balde, por um mytho inalcançavel, ondas do seu mais generoso sangue.

*

E foi então que nasceu a Epistola.

E foi então, que, voltado para o mar, como os bardos de Ossian, o poeta portuguez desafogou em torrentes de inspirada eloquencia a dor nacional, entre o applauso dos seus correligionarios.

¡O' mar, a cujas brenhas o Impio affoita
a vida, n'este solo mal segura!
¡O' mar, que em tua infancia devoraste
por criminosa a geração dos homens;
que profundo, que indómito, que immenso,
és emblema e pregão de liberdade
estampado por Deus na face do orbe,
ahi tens o Usurpador!...

Criminar o poeta por esse desafôgo poetico, seria grave injustiça. Em todos os tem-

pos de tranzição se escutaram troar nas lyras as indignações publicas.

Esta Epistola, lida, decorada, e reimpressa varias vezes em poucos dias, foi a formula do grito dos constitucionaes.

II

Castilho politico. — O jornalismo. — As facções. — A emigração. — Rebatem-se algumas apreciações injustas ácerca da não-emigração de Castilho.

O papel politico militante de Castilho em 1834 e 35, se bem que logico, firme, sincero, não teve comtudo uma condição, sem a qual todo o politico perde uma parte dos seus meios de acção e de resistencia: a fleugma, que só a longa pratica parlamentar ou jornalistica sabe trazer, ou que suppre as predisposições naturaes.

Predisposições naturaes para a polemica insidiosa, para a esgrima sophistica do jornalismo, muito acerbas em tempo anormal como era aquelle, não as possuia o estudioso ermitão do Caramulo. Constitucional entusiasta, acceitou os livros e a meditação por educadores; e não eram esses de certo os melhores mestres, para quem tinha de vir a viver entre os publicistas apaixonados e turbulentos do nascente jornalismo. Se lhe falleciam as predisposições naturaes, fallecia-lhe ainda mais a pratica do officio improbo de politicante.

Entrou pois na arena jornalistica de 34 com o seu cabedal de saber, de eloquencia, de utopias, de leituras historicas, de apho-

rismos civilisadores, de sonhos de felicidade geral, de ingenuas esperanças nos homens e nas instituições, mas sem calcular que era mistér dar tempo ao tempo, deixar assentar as primeiras irreflexões, acalmar as primeiras rivalidades, amalgamar o velho com o novo, tornar acceita a novidade ao publico, sequioso e já descrente! sem pensar que era mistér que a longa contracorrente da immigração, a chegada dos prófugos, e com ella a entrada das ideias brilhantes da Europa, trouxessem aos estadistas militantes, e ao Povo espectante, o de que mais careciam: a serenidade, e a mutua confiança.

*

Castilho não o entendeu assim, nem podia entendel-o. Para a sua natureza exuberante, mas pouco pratica, havia só um caminho entre o estado actual e a perfeição: esse caminho de perfectibilidade era sempre e em tudo a linha recta, a linha intransigente e absoluta, que rompe, expropria, e vence.

E vence — disse eu? Não; infelizmente essa linha, a mais philosophica, a mais bella sem duvida, não vence. Nada se faz sem a transição. A Natureza procede por linhas tortuosas, recua para avançar, ladeia para insinuar-se, não tem os saltos perigosos, que parecem abreviar, e mentem.

Castilho era em politica (diga-se o termo) um visionario.

*

Nos poucos annos do seu homisio tinha vivido seculos, mas seculos de meditação abs-

tracta, sem applicação aos vai-vens da vida. Amára desde creança isso a que se chama a Liberdade. Os arreboes sinistros de Gomes Freire, ennevoados dos fumos das fogueiras do Campo de Sant'Anna, despertaram sentidos carmes á sua lyra quasi infantil. O monarchismo temperado do senhor D. João VI reconciliára-o, nos seus sinceros republicanismos de Plutarcho, com a grande fórma social, quasi religiosa, chamada a Realza. Os delirios de 1820 e 26 acharam n'elle ecco sonoro, que ainda hoje ressoa na lyra. A Usurpação posera-lhe n'alma um luto pesadissimo; desafozá o em prantos e em odios que não soubera reprimir. O acordar de Portugal em 34 abria-lhe aos olhos sôffregos uma torrente de luz, que o deslumbrava. Para elle a Liberdade tinha grandes direitos, mas enormes obrigações tambem. Pagava-lhe como podia os direitos inconcussos; exigia lhe em alta voz as tremendas obrigações.

Mas a Liberdade nascia apenas; podia pouco.

*

De mais, na hora da cordura e do socego, dividiram-se em bandos, em corrilhos, os proprios filhos da Constituição, desunidos moralmente por varias interpretações da Carta, pelo ciume, e pela supposição erronea de ser cada um dos grupos o Messias so ial d'este cantinho da Europa.

D'ahi as iras, as ironias, os satyricos desabafos do homem chão, mas exagerado, que julgava, nas visões do seu pessimismo, es-

bulhado Portugal do thesoiro que tanto custára a todos grangear-lhe. D'ahi as tristezas, gemidas em estylo exaltado, em versiculos calorosos, filhos de seiva romantica já inculada em nossas Letras. D'ahi os desanimos doentios do traductor das *Palavras de um crente*, e do autor d'*A voz do propheta*. D'ahi os seus desencantamentos prematuros dos homens e dos negocios. D'ahi o negrume, que entrou a toldar os horizontes da alma de certos sonhadores, e muito em especial os da alma doentia de Castilho.

A verdade é que elle nunca soube conhecer os homens, nem então nem depois.

Os homens vi melhor mais longe d'elles

exclamou o poeta n'um verso memoravel.

*

Como quer que fosse, começou por este tempo para o devaneador da Castanheira do Vouga o seu periodo utilitario e operoso de jornalista; mas, segundo acabo de notar, a longa solidão, e a baldada expectativa do muito que sonhára para logo logo, trouxeram-lhe um azedume e umas incontentabilidades, que o prejudicaram.

«Acreditámos nos principios de Rousseau — diz elle algures — «como em oraculos possiveis; em Plutarcho e nos seus homens grandes, como bons modelos para seguir; e Tacito, revelando nos todos os segredos da perversidade humana, não nos parecia muita vez mais que um novelleiro eloquen-

te. Infancia passada, por obediencia e gosto, n'um gabinete solitario (do que boas testemunhas são todos os que d'esse tempo nos conhecem); adolescencia recatada entre poucos amigos literatos; e oito annos de virilidade ainda mais recatadamente vividos entre serras ermas, prohibiram-nos (não sem vergonha o confesso) prohibiram-nos conhecer o mundo tal qual é; e a nossa maxima, HONRA PRIMEIRO QUE FORTUNA, parecia-nos a unica vantajosa para quaesquer tempos, para quaesquer circumstancias.»¹

Alem d'isso, não tinha Castilho commungado nos trabalhos, nos sacrificios, nas virtudes, nem nos erros, da emigração. Era *homo novus* para a maior parte dos politicos, como elles eram *homines novi* para elle.

O nome d'elle soava aos recém-chegados como o de um poeta; e esse titulo não sôa bem a politicos; ;como se uns e outros não fossem todos poetas! ;sonhadores do mesmo ideal! ;uns pelo bello, outros pelo util! ;operarios da mesma seara! ;guias da mesma turba para a mesma Promissão!

;Que importava? trabalhou; sentiu-se abraçado no calor da juventude, e trouxe para o *forum* portuguez a sua lyra de Romano. A prefacção do *Tributo portuguez* o explica. ;Mas com que ardor o fez! ;com que sincera abnegação! Nem admira que assim fosse, e que lhe corresse tormentosa aquella quadra da sua labutação patriotica; se tinha ainda

¹ Cart. biogr. ao povo—*O Nacional* de 20 de Janeiro de 1835.

então (palavras d'elle) «amores politicos, e portanto todo o seu natural cortejo de ciumes, odios, e tempestades!» ¹

*

Partidario acerrimo do Codigo politico, doado pelo Duque de Bragança, filiou-se Castilho no grupo cartista; n'essa qualidade entrou como redactor, ou collaborador, assiduo mas officioso, nos jornaes da Carta e da Rainha *A Aguia* ², *A Aguia do Occidente*, ³ *O Nacional*, ⁴ *A Guarda avançada*, ⁵ e *O Patriota*.

Foi um redactor apaixonado, energico em sustentar o que elle julgava os bons principios, dedicado ao seu partido, mas pouco *politico*, segundo o sentido util e arteiro da palavra.

*

Ha um pormenor de immensa graça, que ouvi contar, e que pinta a boa e leal camaradagem de alguns adversarios jornalisticos; é o seguinte:

Um dos mais acirrados contendores do poeta, era um seu intimo amigo e condiscipulo, o talentoso José Frederico Pereira Marescos. Viam-se quasi todas as tardes, ora em casa de um, ora em casa do outro; e era rara a manhan em que se não aggre diam nos

¹ *Excav poet.*

² Desde 11 de Julho de 1834.

³ Desde 1 de Outubro de 1834.

⁴ Desde 31 de Outubro de 1834.

⁵ Desde 6 de Fevereiro de 1835.

seus jornaes contrarios. Havia n'isso o que quer que fosse de paladins cortezes: fóra da estacada, quitado o murrião, despidos os arnezes do torneio, apertavam sinceros as nobres mãos um ao outro.

Ora como Castilho não podia prescindir de secretario, muita vez ditava ao seu amigavel antagonista a furibunda réplica ao artigo, com que pela manhan fôra assaltado.

—José Frederico, senta-te ahi, faze favor, e escreve a resposta que vou dar amanha ao teu arrasoado de hoje.

—Vamos a isso, meu Antonio; prompto — tornava Marecos sentando-se e molhando a penna.

E Castilho ia ditando.

No meio, interrompia com fogo o secretario :

—¿Que estás tu a dizer? a isso respondo eu...

—Cala-te agora, e responde amanha em letra redonda; agora falo eu.

E José Frederico ria a bom rir, e ia escrevendo... contra si.

O gran bontà dei cavalieri antichi!
Eran rivali, eran di fè diversi,
E pur...

diria o Ariosto; e pur... faziam d'estas, que teem um chiste immortal.

E assim se pelejava em 1834.

*

Demasias de phrase (e mais do que essas), houve-as em todos os campos. Não ti-

nham ainda tido tempo os gladiadores da palavra para aprender aquella serenidade, que dá tanta força á discussão. E' preciso pois desculpar a todos o exaltado da forma e do fundo das suas facundias tribunicias.

¿Que se podia esperar de um tempo, em que a publica opinião se espedaçava em corrilhos intranzigentes, o Parlamento era muita vez arena de improperios, as galerias intervínham tumultuarias nas discussões, e os corredores de S. Bento foram theatro de frequente pugilato!?

Alem de tudo isso, que é extra-official, os documentos mais graves appareciam eivados de uma rhetorica furibunda, tonante de adjectivos, sabendo á polvora das batalhas, e insultando sem reboço o Irmão do Regente, o senhor D. Miguel cahido, e a sua parcialidade derrubada.

Do jornal «*A Guarda avançada*», por exemplo disia Castilho depois:

«... Jornal campeão da Carta e da Rainha, como todos os d'esse tempo, sem exceptuar um unico; jornal exagerado, e muitas vezes injusto sem querer, como o serão sempre os redigidos por almas novas e ardentes, sinceras e poeticas, inexpertas e temerarias, que presumem que uma revolução pode realisar os philanthropicos sonhos de um solitario; jornal emfim de que eu fui collaborador quando vivia da politica, ainda que não da politica, e do qual perante minha consciencia me recordo com pesar, mas sem pejo, porque talvez fez males, e grandes males, não aspirando senão ao bem.

! Tanto é verdade, que só a moderação é capaz de dar frutos abençoados! » ¹

*

O estado geral do Paiz (diga-se a verdade) não era prospero; e quem n'elle se affirmasse, reconheceria que, sob aquellas apparencias de jubilo domestico, lavrava muito soffrimento occulto.

Via-se o thesoiro publico exaustivo; ás dividas antigas tinham accrescido novas. O pagamento dos juros e a amortisação de uma parte do capital absorviam cada anno porção larga da fazenda. Os tratados exigiam manutenção de forças em terra e mar. A agricultura jazia prostrada pelos tributos, pela falta de braços, pelas assolacões da guerra, pelas forçadas extorsões, pela deserção dos grandes proprietarios, pelo desanimo no porvir; em vez de ser fonte de receita, exigia empate. A viação era miseravel. A instrucção publica um mytho. E alem de tudo isto, accresciam as pensões de sangue, divida de honra ás viuvras e orphãos. ²

Foi sobre tão precaria situação, que se abriu em 34 a Representação nacional. 15 de Agosto foi de festa em Lisboa.

*

Celebrada Missa na Cathedral, a que assistiram em trajo de cerimonia os Pares e

¹ *A Primavera*—2.^a ed.—pag. 311.

² *O Nacional*—n.º 2.

Deputados, á 1 hora da tarde chegaram ás Côrtes a Rainha, o Imperador, e a Imperatriz, com as suas brilhantes comitivas, entre vivas e musicas, e no mais rigoroso lustre da pragmatica.

O discurso da Corôa proferido pelo Regente é longo, mas energico; parece uma pagina de Historia; ha ali o calor e a paixão das chronicas; palpita nas suas phrases a satisfação do dever cumprido. Ouviram-n-o todos em religioso silencio. A assembléa era imponente pelo esplendor dos nomes, e pela ideia que os reunia.

A' noite, recita de grande gala em S. Carlos. A Familia Real assistiu na tribuna, e recebeu aclamações estrepitosas ao som dos hymnos. Estava toda Lisboa. Lá por fóra eguaes transportes de alegria, luminarias em todas as casas, e philarmonicas percorrendo as ruas.

Tal foi a inauguração official e popular do ancioso dia 15 de Agosto de 1834.

*

Não é para aqui o apreciar o papel do Governo e o da Opposição no seio d'aquellas Côrtes. Isso pertence a outro genero de livros. Estreou se o combate renhidamente na liça aberta; foi terrivel o impeto com que arrancaram nos recontros os pelejadores da palavra, os que iam firmar a eloquencia da tribuna portugueza, ao firmarem as bases constitutivas da nova familia social.

Ha muito que aprender na leitura d'aquellas tumultuosas sessões. Abstrahindo dos

desmandos inevitaves n'um periodo iniciador, paira sobre tão conspicua reunião uma ideia que tudo resgata: o patriotismo sincero.

Ao mesmo passo, vinham chegando os emigrados. A narração do que elles pade-ceram lá fóra, os seus sacrificios e as suas esperanças, espertavam os timidos; foi de muito alcance para a nossa civilisação aquella emigração de 28 a 34. *Viros potentes migrare fecit, et vagati sunt in gentibus alienis* — diz o Ecclesiastico. A essas nações alheias levaram os nossos as suas magoas, e de lá trouxeram a sua força.

*

Ora na exaltação d'aquellas horas arden-tes, ergueu-se no seio da Representação nacional um Deputado, ornamento da Camara, e hoje brasão do fôro ¹, e impressionada pelas ideias do tempo, propôz, no seu odio contagioso aos chamados *miguelistas*, a exclusão d'elles de todos os empregos, titulos, ou habitos, dados ou por dar. Como documento do effeito da intolerancia nos espiritos mais cultos, merece consultado o projecto do legislador; o peor é, que, sob o ferrete de *miguelistas*, iam incluidos, segundo o espirito de um dos artigos do projecto, muitos dos mais convictos e uteis constitucionaes.

Aquelle documento pareceria, se não viesse de quem veio, mais um libello encapotado

¹ Capitulo ainda escripto em Setembro de 1878. Essa pessoa falleceu ha muito poucos annos.

ad homines, do que providencia legislativa de alcance geral. Digo isto sem o mínimo azedume; entendo, aprecio, justifico, a intenção que ditou semelhantes paragraphos. Em occasião de tanta anarchia, até aquellas malquerenças eram salutareas. Usavam de meios taes os primeiros oradores.

N'uma sessão dos Deputados, por exemplo ¹, o eminente estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães exprobrou encobertamente ao Deputado pelo Douro, Augusto de Castilho, seu adversario, o não ter *emigrado*; ¿e em que termos o fez? dizendo, em tom significativo e phrases encobertas, olhando para o Deputado, que elle orador nunca recebera ordenados do Governo intruso.

O tiro ia certo ao seu alvo, e provocou uma replica energica da parte do homem tão injustamente aggredido.

*

¿Não emigraram os dois irmãos Castilhos? não de certo; não emigraram; é questão de facto. Como porém isso dá, ou deu, motivo a reparos, discutâmos o ponto.

Não emigraram.

¿E por que haviam de emigrar?

Emigrava-se, ou para fugir, ou para ir combater nas phalanges do Duque de Bragança. ¿Podiam combater aquelles dois? ¿Oh! ¿quem dera que o podessem, elles maniata-dos ao seu poste, um pelo seu character sacerdotal, outro pela sua enfermidade! ¿quem os alistasse nos troços constitucionaes!

¹ A de 29 de Outubro de 1834.

Não o podendo pois, restava-lhes emigrar para fugir.

¿Não foi, pergunto, maior sacrificio á causa dos seus correligionarios o não fugir? foi de certo; vou demonstral-o; e será pela insuspeita bocca de um publicista, que não sei quem era, então adversario politico dos Castilhos.

Tratando em these essas doutrinas, exclama o jornal «*O Tempo*»:

«¿Quantos centenares de empregados por legitima nomeação, apesar dos seus honrados sentimentos liberaes, tiveram a felicidade de escapar á cega e feroz perseguição..... e conservados em empregos que nenhuns serviços prestaram á sua..... causa, não cessaram de fazer os mais arriscados á da Liberdade? ¿Quantos, que, tendo escapado por algum tempo, foram depois implacavelmente perseguidos? ¿Quantos despendiam todos os seus meios em soccorrer os presos ou emigrados, em transmittir a uns e outros as noticias do que se passava, e em alimentar por todos os modos possiveis a esperança, e o espirito de reacção que tantas vezes assustou nossos oppressores, e que finalmente os aniquilou? ¿Quantos de todos os modos serviram depois a causa da Patria? ¿E não será uma ingratição monstruosa confundir estes homens, com os malvados que foram espontaneos instrumentos das atrocidades da Usurpação?»¹

Falou-se nos que *serviram o Usurpador*.

¹ Artigo de fundo politico do jornal *O Tempo*, de 4 de Março de 1835.

«¿Mas o que é *servir o Usurpador*?— pergunta o mesmo insuspeito orgam da imprensa. — «Eis ahi onde está o odioso sophisma. Entre *servir o Usurpador*, e ter estado em algum emprego durante a Usurpação, ha uma grande e essencial differença; e n'este caso comprehendem-se muitos honrados Portuguezes, que fizeram até notaveis serviços á causa da Liberdade.» ¹

¿Será possível que alguém suspeite, de boa fé, que os dois serranos do Caramulo auxiliaram, n'um ponto que fosse, a causa absolutista? fôra uma gargalhada a resposta, se podesse sequer formular-se a irrisória asserção.

Mais ainda:

¿Será exageração collocar aquelles dois nomens entre os maiores amigos da boa e sensata Liberdade, entre o grupo dos *honrados Portuguezes que fizeram até notaveis serviços á causa da Liberdade*?

Responda a narração veridica e sincera de todo o Livro II d'estas Memorias.

Respondam os escritos do poeta espalhados nos mais negros dias do terror.

Respondam os sermões do Parocho, pregados, com perigo gravissimo, em todo o Priorado e nos limitrophes.

Respondam os constitucionaes homisiados á sombra da pobre casa da Castanheira.

Respondam as perseguições, de que foram alvo todos os membros constitucionaes da familia.

¹ O Tempo de 9 de Março de 1835.

Responda a guerrilha que organisaram, e conseguiram fazer entrar no Porto.

¿Emigrar?! ¿para quê? ¿Que teria lucrado a ideia, se elles, desamparando a mãe sexagenaria, e a irman, de quem eram os ultimos arrimos, desamparassem ás represalias de autoridades brutaes uma Parochia onde tinham amigos, e onde levedava (graças á influencia d'elles) o fermento constitucional?

Continuar a servir um emprego do Estado, ou da Egreja, não pode confundir-se com *servir o Usurpador*, isto é servir, advogar, preconisar, propagar, os interesses absolutistas, aceitar ou sollicitar do Governo graças, mercês, isenções.

E' de uma revoltante injustiça comprehender no mesmo labéo todos os que não emigraram; não attender aos poderosos *porquês*; não ver que na não-emigração houve muitas differenças, ou cambiantes: houve os que por abstenção de crenças deixaram de emigrar; houve os que de todo não puderam emigrar; e houve até os que, apesar de todos os riscos que iam padecer, preferiram não emigrar, por pensarem que ficando prestavam á sua causa melhor serviço.

A emigração (disia-o alguem) é sem duvida titulo bem honroso, mas não exclusivamente. E' preciso reconhecer com sinceridade, que ella foi em grande parte *um merito de circumstancias*.¹

E se não, digam-me ¿se alguem se atreverá a denegrir a memoria de Moreira Freire, que não emigrou, militar pelo Governo de facto,

¹ *O Tempo* de 4 de Março de 1835.

Commandante da Brigada Real de Marinha, e comtudo autor e victima da conspiração de 1829 a que me referi no Livro antecedente?! ;Ou a memoria de outro valente militar, que tambem não emigrou, Albino de Figueiredo, o celebre *agente incognito*, cujas tentativas descrevi?! ;Ou, em summa, a de tantos outros que não emigraram, mas ajudaram de coração e com efficacia a sua causa?!

Quem pega nos Almanacks do tempo do senhor D. Miguel, e corre as listas dos empregados, militares, diplomaticos, administrativos, judiciais, etc., vê o numero incalculavel de pessoas conhecidas depois pelos seus sentimentos *liberaes*, e talvez até já então, e comtudo constrangidas pela força dos factos, ou a acceitarem empregos do Estado, ou a continuarem nos que já tinham recebido da senhora Infanta, ou d'el-Rei D. Pedro IV, ou d'el-Rei D. João VI. E nem por isso esses cidadãos mereciam ser reputados caracteres pouco dignos, nem auxiliares do Governo de facto.

*

Ha nas apreciações philosophico-historicas um erro grave, umas vezes provindo de inadvertencia, outras de menos boa fé; e vem a ser: o attribuirem-se a uma só de muitas causas os resultados obtidos na politica dos povos. Cada regeneração, cada transformação, cada victoria, cada desastre, nasce de um sem-numero de motivos complexos, que é preciso estudar todos, e reunir.

Assim, a implantação do regimen consti-

tucional entre nós não foi obra *exclusiva* dos sete mil e quinhentos bravos do Mindello, nem do Duque de Bragança, nem do Duque de Saldanha, nem do Duque da Terceira, nem do Duque de Palmella, nem de pessoa alguma em especial. Para essa conclusão contribuíram muitas premissas; contribuiu tudo: as dores, as alegrias, as saudades, os odios, a Religião, a impiedade, as magnanimidades, as vinganças, os sacrificios, as especulações, a espada, a Lei, a penna, a palavra, os que emigraram, os que ficaram, os que lá fóra militaram com a espada ou a espingarda, os que militaram cá dentro com a persuasão, o exemplo, a resignação, e o infortunio.

«¿Podiam, ou deviam emigrar todos os empregados? — pergunta o já citado articulista que soube compendiar a questão—«Eis aqui duas perguntas, que ninguem é capaz de provar affirmativamente. E não podendo, ou não devendo, fazel-o, ¿cumpria que se demittissem, para serem esmagados? ¿Quem ousaria hoje ser apóstolo do martyrio? Pelo lado brilhante, póde em geral affirmar-se que é mais brioso quem fica, do que quem foge. O cutello na mão do algoz, o punhal do assassino, e as labaredas sotopostas ao cadafalso, teem alguma coisa ainda de mais terrivel, do que o ferro e o fogo nas mãos do inimigo que se combate em campo equal. Pelo lado do util, sem a cooperação poderosa dos que não emigraram, não cabia na força dos emigrados salvar a Patria, e menos conquistál-a; e a retirada dos sete mil e quinhentos seria mais celebre,

«por sua desgraça, do que a dos dez mil de «Xenofonte.» ¹

«A Nação inteira — accrescenta a mesma folha—«sabe e avalia os serviços do sempre chorado Pedro, do Duque da Terceira, Marquez de Saldanha, e dos heroes que o acompanharam em suas lidadas victorias, e tributará sempre a seus nomes respeito e admiração; mas tambem sabe que sete mil e quinhentos homens não conquistam tres milhões de habitantes, e que mil e duzentos não entram n'uma capital de duzentas e cincoenta mil almas, se uma efficaz co-operação interna lhes não abre o caminho..... A salvação da Patria foi obra de muitos; a emigração foi um dos mais poderosos elementos de combinação, mas outros muitos indispensaveis se lhe reuniram, e que estavam no meio da Usurpação.»

*

Essas são, quanto a mim, as doutrinas verdadeiras, e imparciaes. N'ellas insisti, bem contra o meu gosto, aggravando talvez as feridas da Patria, porque era necessario illibar n'um ponto grave o character do homem honrado que retrato n'estas Memorias.

Agora basta, e não voltarei ao assumpto; mas repetirei com a Attilia de Metastasio:

Piango in Roma, e rammento i casi sui.
Se taccio anch'io, chi parlerá per lui?

¹ Jornal *O Tempo* de 4 de Março de 1835.
VOL. XVIII

III

Alegrias e lutos no Reino. — 4 de Abril, e 24 de Setembro de 1834 em Lisboa.

Terminou a guerra. Os Generaes embai-nharam as espadas. O Imperador, já a entrar no seu ultimo combate, o da morte, des-cança momentaneamente; e pelas ruas da Capital vê o povo passar todas as tardes, na carroagem a quatro, precedida de batedores, e não raro seguida de acclamações espontaneas, a formosa branca e loira, a Imagem Real da Liberdade.

Passa, e deixa como um perfume de bem-querença; passa, e vai acenando affavel ao seu Povo, que Ella não conhece ainda, mas que a adora; passa, traçando um rasto luminoso, a filha das amarguras, a innocente Mãe do Povo portuguez.

Passa. Na fronte immaculada traz a auréola da desdita. ;E' tão novinha, e padeceu já tanto! os seus pequeninos pés trilharam a senda durissima do exilio; e o seu vulto aéreo pairou como Archanjo de victoria sobre os acampamentos.

Por Ella desembainhou o Duque de Bragança a espada, que arrancou por ventura á panoplia de D. João I. Por Ella correu os mares com um punhado de bravos. Por Ella fez reviver as proezas dos paladins. Por Ella, em fim, por Ella que é a luz, que é a graça, que é a paz, raiou em Portugal uma aurora.

Aquella formosa rapariga traz nos olhos

azues um sorriso de bonança. O veterano deu por Ella o sangue, e viu-a, phantastica, allumiar lhe os sonhos. O vestido que traz, branco e azul, como que ondulava nas bandeiras dos batalhões; e o seu hymno, o hymno d'Ella, d'Ella que a soldadesca mal conhecia, era em toda a parte uma marcha de triumpho.

O seu nome é o da IMMACULADA, symbolo da doçura. E assim pois, a Soberana, que sabe como se padece, e vai aprender como se soffre, que ainda é filha e dentro em pouco será esposa, resume na sua entidade juvenil todas as dedicações, todos os sacrificios, todos os amores.

*

¡Com que entusiasmo raiou o seu decimo-quinto anniversario em Lisboa! ¡4 de Abril! ¡Com que festas espontaneas lh'o não celebraram!

E' ler nos jornaes do tempo, ou melhor, é ler nas «Excavações poeticas», livro de crenças, a rapida menção do que foi esse festejo, e sentir bater o coração como já hoje não bate. E' que as festas da Monarchia foram sempre as festas do Povo; e os sentimentos monarchicos d'esta população excellente foram sempre anhelos filiaes.

.....
A's 11.^h da manhan ouviram Suas Majestades Missa na Capella Real do seu Paço das Necessidades; e um quarto de hora depois do meio dia sahiram em grande estado, acompanhadas das pessoas dos seus sequi-

tos, e dirigiram-se, entre as acclamações, até ao palacio do Rocio, o antigo Paço dos Estãos.

A' hora e meia começou o concorridissimo beija-mão; ás 3 a parada.

As tropas formavam em roda do Rocio, e continuavam pela rua do Oiro e rua Nova d'el-Rei até quasi ao Terreiro do Paço. O Imperador desceu do palacio, e montou a cavallo; seguido do mais esplendido estado-maior passou revista aos seus regimentos, ao som das descargas de artilharia e mosquetaria, e tornou-se para os Estãos. Logo depois, desfilaram todos os corpos em continencia pela frente das janellas, onde se via a joven Soberana, o Duque Regente, e a Duquesa de Bragança. Os vivas atroavam todo o Rocio, adornado dos ricos e vistosos trajos das senhoras.

A's 5 e meia voltaram Suas Majestades ás Necessidades, e ás 7 e meia da noite davam entrada em S. Carlos, recebidos de pé, em grande gala, e ao som de vivas. A's 11 sahiram; e compareceram no baile que lhes offereciam os empregados do Arsenal do Exercito.

*

Entre as muitas solemnidades do dia 4, figurou este baile, realisado por iniciativa do Inspector do Arsenal do Exercito.

«As salas — escreveu Castilho, testemunha presencial, — «brilhavam ornadas todas de tropheos de armas. Por ellas giravam alguns dos generaes de D. Pedro, com os

seus laureis da vespera ainda viçosos. Por baixo das janellas corria o Tejo nunca deslebrado das suas glorias velhas.» ¹

Castilho e seu irmão Augusto tinham sido convidados, e instados para recitarem na presença dos Soberanos algumas poesias adequadas ao acto. Compareceram no baile, como meia Lisboa, mas nada chegaram a recitar, porque uma subita alteração na saúde da Rainha, pelo extraordinario calor das salas, e o seu desejo de apparecer ainda n'essa noite em varios outros festejos publicos e illuminações onde a esperavam, não consentiram que as Pessoas Reaes se demorassem no Arsenal mais de um quarto de hora.

Os cinco sonetos de Castilho, e os dois de seu irmão, sahiram logo impressos no «*Periodico dos Pobres*» de 24 do mesmo mez, e reimpressos nas «*Excavações*». São versos cheios de enthusiasmo, e cuja apparente exaggeração afina perfeitamente pelo tom de todas as publicações officiaes e não officiaes do tempo, com a differença de serem estes versos alta poesia. Entre a vibrante commoção d'elles, vê-se porém a melancolia de quem acabou de curtir longos annos de angustia.

No ultimo soneto de Castilho Antonio, por exemplo, ha um lindissimo contraste. Do centro d'aquella festa politica, do burborinho de todo aquelle enxame doirado e alegre, do rutilante d'aquelle sarau aristocratico e popu-

¹ *Excav. poet.*

lar, marcial e pacifico, afasta o poeta por um momento os olhos d'alma, e vai poisal-os nas vallas dos campos de batalha. Entre os vivos, lembra-se dos mortos.

Se é licita uma lagrima nas rosas,
com que ó noite de Abril nos ris coroadas,
dos Martyres da Patria libertada
uma lagrima ás sombras generosas !

*

!Pressentimento singular! d'esses tem-nos a Poesia muita vez. !Quem diria aos alegres convidados do admiravel baile, aos festeiros do dia 4 de Abril, que iam chegar tão prompto os lutos de 24 de Setembro!

Chegaram. O Imperador definhava a olhos visto.

Depois de agonia longa, cheia de pormenores de terrivel melancolia e amargura, finou-se o «Libertador» no Paço de Queluz.

Tenho consultado testemunhas, tenho espreitado com attenção os ultimos fragmentos que ainda restam d'aquella pagina da Historia viva; e convenço-me de que estes dois dias memoraveis, 4 DE ABRIL, natalicio da Rainha, e 24 DE SETEMBRO, fallecimento do Duque de Bragança, foram dos de mais profunda commocão de todo aquelle anno cahotico e anormal.

A Rainha era um symbolo; o Imperador era um chefe, um pae. Na Rainha raiava uma aurora; a morte prematura do Imperador, apagado aos trinta e seis annos, deixava Portugal n'uma orphandade inesperada.

O quanto vibrou a tamanho golpe o nosso

poeta, que o digam os seus artigos politicos, ditados de um jacto e com lagrimas, passados de mão em mão entre o publico, em varios jornaes, taes como «*A Aguia*,» «*A Guarda Avançada*» e «*O Independente*», e enfeixados depois, como ramalhete de saudades, no livrinho modesto e sincero «*Tributo portuguez á memoria do Libertador*.»

Todos os homens d'aquella geração tinham um culto pelo senhor D. Pedro. Castilho conservou-o toda a vida. Perguntei-lhe uma vez se o tinha conhecido pessoalmente. Respondeu-me, que, por ordem do Regente, tivera uma vez unica a honra de o visitar em Queluz, indo com Joaquim Antonio de Aguiar, que o apresentou.

INDICE

A

Aborto de uma satyra.....	I, 51
Acalentar (O) da neta, xácara.....	II, 149
Traducção franceza d'essa poesia pelo poeta Jules Zanoletti.....	III, 73
Advertencia dos Editores ás Excavações poeticas.....	I, 5
Aguiar (Joaquim Antonio de) Menciona- se esse antigo amigo dos Castilhos	I, 68
Albuquerque (Affonso de) Insiste Castilho com o escultor Assis Rodrigues para que faça a estatua d'esse grande ho- mem.....	III, 16
Alexandrino—Vide <i>Verso alexandrino</i> .	
Almeida—Vide <i>Morgado de Assentiz—Si- mões de Almeida (José)</i>	
Almeida Garrett. Compareceu em certa reunião de Castilho em 1839 ou 40....	II, 127
Alpheu. Rio do Peloponésio.....	III, 68
Alfieri. Cita-se um verso d'esse eloquente poeta italiano.....	III, 60
Almofalla—Vide <i>Barão de Almofalla</i> .	
Amalia. Primeiros amores de Castilho, de- tadamente mencionados na <i>Chave ao enigma</i>	III, 68
Amigo (A um). Versos no dia dos seus an- nos.....	I, 163
Amor (O) e o tempo. Conto em verso....	II, 77
Anacreonte. Menciona-se	II, 32

Andrade Corvo (João de). Literato, politico, e homem de sciencia; sobrinho do Lente Sebastião Corvo.....	III, 44
Andrade Corvo (Sebastião de). Lente da Universidade de Coimbra.....	I, 69
Censura sua ás composições recitadas nos oiteiros da Universidade em 1823	I, 70 e seg.
Traços da sua biographia.....	III, 43
Anjo (O) da harmonia. Cançoneta.....	II, 79
Antor. Companheiro de Evandro	III, 39
Apparição (A). Versos recitados n'um oiteiro politico da Universidade.....	I, 73
Argalê, junto a Alcacer do Sal. Ahi ha um monumento aos constitucionaes mortos em certa batalha.....	III, 62
Arnaud de Medeiros (D. Maria Constança). Cançoneta a essa talentosa senhora	II, 79
Era uma elegante cantora de sala em 1834	III, 63
Assentiz —Vide <i>Morgado de Assentiz</i> .	
Assis Rodrigues (Francisco de). Epistola a esse insigne estatuario.....	III, 9
Escreveu a biographia de seu proprio pae, o escultor Faustino José Rodrigues...	III, 9
Foi discipulo do grande Joaquim Machado de Castro.....	III, 9
Membro da Commissão promotora do beneficio em favor das filhas do seu antigo e saudoso mestre.....	III, 12
Apreciação rapida de Assis Rodrigues como homem, como professor, e como artista	III, 83
Datas da sua vida official.....	III, 84
Aulete—Vide <i>Caldas Aulete</i> .	
Avarento. Epigramma a um.....	II, 49
Azenha-Velha—Vide <i>Quinta da Azenha-Velha</i> .	

B

Baggesen, Poeta dinamarquez, de quem traduziu Castilho uns versos.....	I, 47
Notas biographicas do mesmo.....	III, 40
Balas. O que eram na antiga technica typographica.....	III, 62

Banão. Assássino e rufião assalariado, matador da monja Iria on Irene	I,	29
Baptisado. Versos na festa de um	III,	5
Barão de Almofalla. Foi Antonio José da Silva Leão, militar distinto	III,	60
Barão Hyde de Neuville. Palavras em que aprecia o character e o talento do senhor D. Miguel de Bragança	III,	46
Barros (Miguel Antonio de). Menciona-se Outra vez se menciona	I,	18
	III,	28
Barros—Vide <i>Conde de Basto</i> .		
Basto—Vide <i>Conde de Basto</i> .		
Bastos. Pintor das sallinhas da modesta <i>Thebaida</i> do Morgado de Assentiz ...	I,	19
Desconhecemos esse artista, vivo pelos annos de 1830	III,	29
Bersanes. Mencionam-se	I,	18
Quatro noticias d'elles	III,	26
Bocage. Cita se com enthusiasmo	I,	18
Epigrammou os medicos	III,	7
Borges (João José). Epistola a esse notavel musico conimbricense	II,	109
Este apreciado compositor foi pae do Desembargador José Maria Borges	III,	70
Borges (Dr. José Maria). De quem foi filho	III,	70
Boye. Poeta dinamarquez. Traduz Castilho versos d'elle	II,	141
Britaldo. Filho do Governador godo de Nabancia, o Conde Castinaldo	I,	23
Bulwer—Vide <i>Litton Bulwer</i> .		
Bussaco. Menção da celebre Fonte fria ..	III,	62
Vide <i>Fonte fria</i> .		
Byron (Lord). Teve a infeliz petulancia de chamar <i>escravos</i> aos Portuguezes	III,	60

C

Cabral—Vide <i>Costa Cabral</i> .		
Cadmo. Filho de Agenor	III,	68
Calçada do Duque. Hortas que ahi houve, e que hoje ninguem suspeita	III,	39
Caldas Aulete (Francisco José). Contador da Relação de Lisboa; menção de		

- um seu bello predio urbano e rustico
 sito na calçada do Duque..... III, 39
- Camões.** Poemeto dedicado a elle..... I, 105
- Menciona-se o grande epico..... I, 117
- Fez Assis Rodrigues a estatua d'elle.. III, 15, 20
- Campanario (O) de Fárum.** Poesia dinamarqueza de Boye traduzida em portuguez..... II, 141
- Cantata.** Poesia de Castilho em nome de certo militar namorado..... III, 55
- Canuto de Forjô (José Theotónio).** Menciona-se..... I, 19, texto e nota
- Foi traductor de Cornelio Tacito..... III, 29
- Caparica—Vide *Conde de Caparica***
- Cardoso de Almeida—Vide *Morgado de Assentiz***
- Carvalho (Antonio Joaquim de).** Menciona-se esse poeta..... I, 18
- Noticias d'elle..... III, 28
- Carvalho—Vide *Dias de Carvalho—Lobo de Carvalho***
- Carta a João Jorge de Oliveira e Lima, Conego Loyo de S. João Evangelista..** I, 136
- Cassia.** Mulher do Conde, ou Governador, de Nabancia..... I, 24
- Castilho (Antonio Feliciano de).** Seu retrato lithographado por Mauricio José Sendim em 1836. No frontispicio do vol. I d'estas *Excavações*. Vide *Sendim*. Em 1819, 8 de Julho, é nomeado Castilho por el-Rei D. João VI para a Correição de Coimbra..... I, 79
- Trez vezes foi retratado por Sendim.. II, 69
- Deu a ideia para um beneficio em favor das desvalidas filhas do grande Machado de Castro..... III, 12
- Nasceu em Janeiro, sob o influxo da constellação da Lyra..... III, 69
- Castilho (Padre Augusto Frederico de).** Menciona-se..... I, 67
- E' convidado para recitar versos em certa festa constitucional..... I, 173
- Autor de dois sonetos..... I, 175 177
- Foi uma das pessoas que em 1839 ou 1840 assistiram ás reuniões de seu ir-

mão Antonio em honra da poetisa Mademoiselle Flaugergues.....	II, 127
Castilho (Augusto Vidal de) Contralmirante.—Possue por compra o busto de seu Pae em marmore de Carrara, outr'ora pertencente aos Condes da Quinta das Cannas.....	III, 85
Castilho (José Feliciano de). Reuniu na Bibliotheca Publica uma Commissão de homens de Letras promotora do beneficio para as filhas de Machado de Castro, segundo o alvitre de Castilho Antonio.	III, 12
Castinaldo. Conde ou Governador godo de Nabancia, hoje Thomar.....	I, 24
Castro (D. João de). Insiste Castilho com o escultor Assis Rodrigues para que faça a estatua d'esse heroe	III, 16
Castro.— Vide <i>Gomes de Castro—Machado de Castro</i> ,	
Cemiterio (O) campestre. Poesia dinamarqueza de Lund, traduzida em portuguez.....	II, 137
Chagas—Vide <i>Pinheiro Chagas</i> .	
Chagas (Alto das). A lindissima vista d'este pequenino largo foi em parte entupida pelas edificações do snr. José Dias Ferreira	III, 54
Chronica constitucional. Antecessora da folha official <i>Diario do Governo</i>	III, 61
Citações latinas hoje proscritas. ¿Que mal havia n'ellas?	III, 44
Clarim (O). Anacreontica	II, 31
Clero. Considerações geraes	II, 46
Commercio (O) de Cythera. Cançoneta..	II, 129
Conde de Basto. A' sua entrada para o Ministerio no governo do senhor D. Miguel dirigiu Castilho uma ode satyrica	I, 93
Traços biographicos d'esse sanguinario Ministro	III, 47
O dos tempos modernos não tinha parentesco algum com os antigos Condes de Basto, Castros	III, 50
Conde de Caparica. O actual é filho do ultimo Marquez de Vallada.....	III, 50

Conde da Quinta das Cannas. Possuiu um bello busto de Castilho em marmore italiano. Onde pára hoje.....	III, 85
Condes do Basto. No seculo xvieram Castros dos de treze arruelas.....	III, 50
Condes de Nova-Gôa. Mencionam-se.	II, 86, nota
Condessa de Basto. Duas noticias a seu respeito.....	III, 49
Cordeiro Feyo (José) Celebre mathematico, Lente da Escola Polytechnica, e Visconde de Fontainhas	III, 67
Corvo—Vide <i>Andrade Corvo</i>	
Costa—Vide <i>Fernandes Costa — Pereira da Costa</i> .	
Costa Cabral (Antonio Bernardo da). Depois Conde e Marquez de Thomar. Quando Ministro, mandou pôr uma inscripção latina no pedestal da estatua equestre d'el-Rei D. José em Lisboa..	III, 14
Costa e Silva (José Maria da). Allusão ao seu poema <i>Isabel, ou a heroína de Aragon</i>	III, 62
Courrier de l'Europe. Jornal francez de 1844, d'onde se traduz uma noticia...	II, 46
Cruz (Antonio Diniz da). Cita-se o seu poema <i>O Hyssope</i>	III, 25
Cunha (D. Rodrigo da). Arcebispo de Lisboa. Transcreve-se a sua narração do martyrio de Santa Iria.....	III, 30

D

Defensa de um inconstante. Cançoneta. Tem musica do mestre João Évangelista Pereira da Costa	I, 129
Desejos (Os) do romeiro. Canção.....	III, 56
Deserção (A) gloriosa. Cantata.....	I, 35
Dias de Carvalho (Jacintho José) Membro Thesoureiro da Commissão do beneficio para as filhas de Machado de Castro..	I, 122
Duas (As) primaveras	III, 12
Duŕos (Jean). Francez estabelecido em Dinamarca, traductor da poesia <i>A infancia</i> , de Baggesen.....	II, 101
	III, 40

E

Elegia ad Musam <i>quod latine scribere incipiam</i>	I,	95
Elegia (Hyems)	II,	65
Elegia in natalem meum	I,	97
Elegias latinas de Castilho. Suas traducções em prosa portugueza	III, 50,	51, 64
Elogio a * * *	II,	55
Epigramma a um velho Thomé, que se lembrou de casar	I,	45
Epigramma a um avaro	II,	49
Epigramma a certo escriptor	II,	55
Epigramma a Filinto Elysio	I,	145
Epigramma contra a Medicina	III,	7
Explica-se aos estrangeiros o chiste d'esta quadra, que nós outros, os nacionaes, entendemos á legua	III,	83
Epistola epithalamica a Philippe Folque ..	II,	87
Epistola ao senhor D. Miguel	I,	155
Extranha-se, mas justifica-se, o tom acrimonioso d'essa poesia politica de Castilho ..	III,	59
Epitaphio no tumulo de um rico benefico	I,	115
Epitaphios a um frade bebedor ..	II,	81
Escálabi. Antigo nome de Santarem	I,	32
Escultura. Para ella tinha Castilho altas disposições	III,	9 e seg.
Eu, Antão Verissimo, e a môsca. Parábola	I,	169

F

Fénelon—Vide <i>Apparição (A)</i> .		
Fernandes Costa (José). Transcreve-se uma primorosa quadra d'esse poeta ..	III,	30
Festa (Na) de um baptisado	III,	5
Feyo—Vide <i>Cordeiro Feyo</i> .		
Filhas de Joaquim Machado de Castro. Em beneficio d'ellas realisou-se um espectáculo em S. Carlos a 11 de Agosto de 1844	III,	13
Filinto Elysio. Epigrammas contra elle ..	I,	145
Elogios leaes de Castilho a elle	I,	147

Fez epigrammas contra a Medicina.....	III, 7
Os epigrammas de Castilho contra Filinto como e quando nasceram, segundo Ribeiro Saraiva.....	III, 16
Flaugergues (Mademoiselle Pauline). Versos seus.	
Vide <i>Poesia franceza</i> .	
Biographia do seu illustre pae por ella propria	III, 70
Flaugergues (Pedro Francisco). Sua biographia.....	III, 70
Flores (As). Canção.....	I, 37
Folhinhas (As) antigas e as modernas. Conto	II, 45
Folque (Filippe). Epistola ao casamento d'elle	II, 85
Quem era e que cargos exerceu.....	III, 68
Com quem casou, e quem era sua mulher.....	III, 69
Fonseca Magalhães (Rodrigo da). Compareceu em certa reunião de Castilho em 1839 ou 40.....	II, 127
Membro da Comissão do beneficio para as filhas de Machado de Castro..	III, 12
Fontainhas. Vide <i>Visconde e Viscondessa de Fontainhas</i> .	
Fonte Fria (A) do Bussaco. Ode.....	II, 51
A obra moderna estruiu essa majestosa fonte rustica.....	III, 62
Forjó—Vide <i>Canuto de Forjó</i> .	
Francisco (Infante D.). (Irmão d'el-Rei D. João V). Tinha por Moço da sua Camara a Pedro José Suppico de Moraes.	I, 18

G

Gama (Vasco da). Lembra Castilho ao estatuario Assis Rodrigues que faça a estatua d'esse grande navegador.....	III, 16
Garrett—Vide <i>Almeida Garrett</i> .	
Gessner. Menciona se.....	I, 163
Allude-se a elle.....	III, 54
Gomes (Francisco). Antigo creado da casa da Castanheira de Vouga....	I, 21 texto e nota

Gomes de Castro (José Joaquim). (depois Conde de Castro)—Presidente da Commissão promotora do beneficio realisado no theatro Real de S. Carlos em favor das desvalidas filhas do illustre Machado de Castro.....	III, 12
Gray(Thomas). Allusão a esse poeta inglez	II, 137
Outra allusão.....	III, 72

H

Herculano (Alexandre). Menciona-se. I, 19	texto e nota
Compareceu ás reuniões de Castilho em 1839 ou 40.....	II, 127
Horacio. A sua ode <i>O navis</i>	I, 92
Menciona-se	II, 115
Cita-se a sua Arte poetica.....	III, 21
Cita-se outra vez o poeta.....	III, 42
Uma ode sua traduzida por Janin.....	III, 45
Outra citação.....	III, 61
Outra	III, 69
Outra	III, 70
Hortas da calçada do Duque. Ahi se achava Castilho em 1840.....	I, 41
Onde e como eram essas hortas.....	III, 39
Hyde de Neuville—Vide <i>Barão Hyde de Neuville</i> .	
Hyems elegia latina de Castilho.....	II, 65
Traducção portugueza em prosa d'esses bellos versos.....	III, 64
Hymno cantado em S. Carlos na festa do juramento da Carta em 1836.....	II, 21

I

Impertinencia das mãos, adivinhação moral.....	II, 57
Inconstante (Defensa de um).....	I, 129
Infancia (A). Traducção do poeta dinamarquez Baggesen.....	I, 47
Traducção franceza da mesma poesia por Jean Dubos em 1826	III, 40
VOL. XVIII	9

A traducção castiliana deve ser de março de 1838	III, 42
Inscrição para um monumento junto a Alcacer do Sal.....	II, 63
Inscrição latina no pedestal da estatua equestre d'el-Rei D. José. Traducção..	III, 85
Instituto historico e geographico do Brazil. Dedicatoria das <i>Excavações</i> poeticas a essa sábia corporação.....	I, 7
Iria (Santa). Xácara.....	I, 23
Isabel, ou a heroína de Aragon. Allusão satyrica a esse poema de Costa e Silva	III, 62

J

Janin (Julio). Lamentava o geral esquecimento do latim.....	III, 45
Sua traducção de uma ode de Horacio..	III, 45
João VI (El-Rei D.) Decreto seu concedendo uma mercê a Castilho em 1819.	I, 79
José (El Rei D.) Sua estatua equestre em Lisboa. No pedestal se poz em 1844 uma inscrição latina.....	III, 14
Jugurtha. Rei antigo da Numidia.....	III, 56
Juvenal. Cita-se.....	III, 33

L

Lapa dos Estelos. Ahi esteve Castilho em Maio de 1826.....	II, 101
Leal—Vide <i>Silva Mendes Leal</i> .	
Leão. Inspector do Arsenal do Exercito em 1834.....	I, 173
Vide <i>Barão de Almofalla</i> .	
Leite de Barros—Vide <i>Conde de Basto</i> .	
Lemos. General miguelista.....	III, 63
Leoni (Francisco Evaristo). Menciona-se	I, 19, texto e nota
Menciona-se outra vez	I I, 29
Liberdade Suas vantagens e seus contras	I, 61
Lima—Vide <i>Oliveira e Lima</i> .	
Língua patria. E' mais prudente versejar n'ella, que nas estrangeiras.....	II, 115

Litton Bulwer (Lord). Cita-se o seu lindis- simo romance sobre Pompeia.....	III, 54
Loba que amamentou a Romulo e Remo. Era ruiva, segundo Virgilio.....	III, 44
Lobo, poeta portuguez. Menciona-se.....	I, 18
Lobo de Carvalho (Antonio). Cita-se....	III, 26
Loureiro— Vide <i>S. uza Loureiro</i> .	
Lund, poeta dinamarquez. Traducção por- tugueza de versos d'elle.....	II, 137

M

Macacos (Os) Apólogo.....	I, 55
Macdonell. General miguelista.....	III, 63
Machado de Castro (Joaquim) Seu enthu- siasmo ao ver uma escultura de Casti- lho ainda menino. Documento.....	III, 10
As filhas d'este grande artista cahiram na miseria. Beneficio em favor d'ellas no theatro de S. Carlos.....	III, 12
O mesmo assumpto.....	III, 13
O mesmo	III, 85
Magalhães — Vide <i>Fonseca Magalhães</i> .	
Maiusculas no começo dos versos. Clama- se contra essa inveterada costumeira..	III, 45
Malhões. Mencionam-se.....	I, 18
Outra vez.....	III, 26
Marcial. Epigrammou os medicos.....	III, 7
Marecos. Vide <i>Pereira Marecos</i> .	
Marquez de Vallada, D. José de Menezes da Silveira e Castro. Representant e dos antigos Condes de Basto....	III, 50
Martin (Miss) Joven senhora ingleza, para cujo album Castilho escreveu versos..	I, 101
Mattos, poeta. Menciona-se.....	I, 18
Mattos— Vide <i>Xavier de Mattos</i> .	
Maximo (Valerio) Rapida apreciação d'es- se anecdotista romano.....	III, 28
Mechas. Antecessoras dos nossos fosforos.	III, 62
Medeiros— Vide <i>Arnaud de Medeiros</i> .	
Medicina. Epigramma contra ella.....	III, 7
Meditação. Versos n'um oiteiro politico da Universidade em 1823.....	I, 81
Mello (D. Thomaz de) Allusão ao seu en- graçadissimo livro <i>Bohemia antiga</i> ...	III, 56

Mendes Leal—Vide <i>Silva Mendes Leal</i> .	
Meónio. E' Homero.....	III, 68
Metamorphoses de todos os tempos.....	II, 107
Miguel (O senhor D.). Epistola a elle na sua sahida de Portugal.....	I, 151
Apreciação rapida d'esse infeliz e mal aconselhado Principe.....	III, 46
Minusculas no principio dos versos. Usaram-se na versificação latina.....	III, 45
Foi Castilho o primeiro que as introduziu no começo dos versos portuguezes.	III, 45
Moda O que é, segundo Antonio Diniz da Cruz.....	III, 25
Molière Epigrammou os medicos.....	III, 7
Monumento aos constitucionaes mortos em batalha com os miguelistas junto a Alcacer do Sal. Extrato do <i>Diccionario popular</i> de Pinheiro Chagas.....	III, 62
Moraes—Vide <i>Suppico do Moraes</i> .	
Morgado de Assentiz. A elle dirige Castilho uma Epistola em Dezembro de 1830.....	I, 15
Castilho incita-o para que escreva casos da sociedade do tempo antigo.....	I, 17
Certidões authenticas do seu nascimento e obito.....	III, 22
O seu companheiro valído foi talvez Bocache.....	III, 25
Morte (A') da Chronica constitucional.	II, 35
Mulheres São providencialmente loquazes, por indole e costume.....	I, 63
Murteira—Vide <i>Quinta da Murteira</i> .	
Musicas nos Arcos das Aguas livres.....	I, 20
	texto, e nota.

N

Nabão, rio que passa em Thomar.....	I, 32
Nayade do Passeio publico, estatua por Assis Rodrigues.....	III, 15
Descreve-se, e diz-se onde pára hoje....	III, 86
Neuville—Vide <i>Barão Hyde de Neuville</i> .	
Noite (A) do Castello. D'esse poema de Castilho repetiu o autor um verso no poemeto <i>O campanario de Fátum</i>	III, 73

O

- Obras antigas de qualquer poeta. Quanto apparecem desfiguradas, sempre que o autor as examina longos annos depois de compostas..... I, 59
- Ode parodiada de uma de Horacio..... I, 93
- Oelenschlaeger, poeta dinamarquez. Traducção de versos seus em portuguez.. II, 134
- Sua biographia..... III, 72
- Officiaes das Secretarias de Estado. Eram proprietarios da folha official intitulada *Chronica constitucional*..... III, 62
- Oiteiros absolutistas na Universidade em 1823; como entrou n'elles Castilho.. I, 64 e seg.
- Oliveira Leite de Barros (José Antonio de). Antigo Ministro de Estado. Vide *Conde de Basto*.
- Oliveira e Lima (João Jorge de). Conego Loyo. Sua visita á Castanheira do Vouga I, 133
- Ovidio. Uma citação sua..... III, 44
- Outra..... III, 69

P

- Parentesco de Castilho com Tolentino. Como era..... III, 55
- Passos—Vide *Silva Passos*.
- Pereira da Costa (João Evangelista). Autor da melodia aos versos de Castilho *Defensa de um inconstante*..... III, 56
- E da do madrigal *Os sonhos* III, 61
- Pereira Marecos (José Frederico). Compareceu em certa reunião de Castilho em 1839 ou 40..... II, 127
- P.rguiça. Era terrivel e incuravel na indole do Morgado de Assentiz.. I, 19, texto, e nota na pag. 20
- Persio. Uma citação sua..... III, 42
- Pinheiro Chagas (Manuel). Cita-se o *Diccionario popular* dirigido por esse talentoso literato..... III, 47
- Plinio, o Moço. Allusão á sua carta des-

criptiva da erupção do Vesuvio no anno 79 de Christo.....	III, 54
Poesia anacreontica. Algumas considera- ções a respeito d'ella.....	II, 32
Poesia dinamarqueza. Traducções..	II, 133 e seg.
Poesia franceza.....	II, 115
Poesia romana. Primeiros amores litera- rios de Castilho.....	I, 87 e seg.
Politica. O egoismo veste-se com o manto d'ella ..	I, 16
Pompeia. Transcrevem-se versos de Cas- tilho á erupção do Vesuvio que soter- rou esta florescente cidade da Campa- nia.....	III, 54
Povo (Ao) Epistola nas eleições de 1824..	II, 7
Prologo d'estas Excavações poeticas. E' de Março de 1844	I, 9
Porque se lhe poz essa data.....	III, 21

Q

Quadro (O) animado. Anacreontica.....	II, 23
Quadros historicos de Portugal. Allusão a essa obra de Castilho.....	I, 35
Menciona essa obra Mademoiselle Flau- gergues	II, 125, III, 72
Quinta da Azenha Velha, onde Castilho habitou em 1839. Onde fica.....	III, 29
Quinta das Cannas—Vide <i>Conde das Cannas</i> .	
Quinta da Murteira, na Bairrada. Ahi se achava Castilho em Abril de 1823.....	I, 37
Pertencia a um tio do poeta.....	III, 38
Quintiliano. Menciona-se.....	I, 129
Quita (Domingos dos Reis). Allusão a esse bom poeta portuguez.....	III, 54

R

Rebello da Silva (Dr. Luiz Antonio). Membro da Commissão promotora do beneficio para as filhas de Machado de Castro.....	III, 12
---	---------

Remigio. Monge velho, confessor de Santa Iria.....	I, 27
Rendez-vous a uma senhora.....	II, 43
Resende (Garcia de). Cita-se.....	III, 56
Revista (A). Jornal lisbonense, órgão do partido miguelista.....	III, 42
Ribeira (A) e o lago. Fabula.....	II, 93
Ribeiro Saraiva (Antonio). Conta como e onde nasceram os epigrammas de Castilho contra Filinto.....	III, 57
Rodrigues (Faustino José). Pae de Francisco de Assis Rodrigues.....	III, 83
Rodrigues—Vide <i>Assis Rodrigues</i> .	

S

Sacrificio (O) a Camões, poemeto.....	I, 105
Salomão. Allude-se a uma sua sentença... Citação do mesmo.....	I, 59 III, 42
Sancho I (El-Rei D.) Lembra Castilho ao escultor Assis Rodrigues que faça a estatua d'esse valente e magnanimo Rei.	III, 16
Sand (George). Menciona-se.....	I, 118
Extrato do seu livro <i>Dernières pages</i> ...	III, 70
Saraiva—Vide <i>Ribeiro Saraiva</i> .	
Satyra—Vide <i>Aborto de uma satyra</i> .	
Saudades da Patria. Versos de Oelenschlaeger traduzidos em portuguez....	II, 134
Seabra (Antonio Luiz de), depois Visconde de Seabra) — Compareceu n'uma reunião de Castilho em 1839 ou 40...	II, 127
Sendim (Mauricio José). Trez vezes retratou ao seu amigo Castilho.....	II, 69
Epistola de Castilho a esse pintor.....	II, 69
Explica-se quaes foram os retratos que fez de Castilho.....	III, 66
Apreciação d'esse talentoso artista.....	III, 66
Seneca. Citação de um trecho do seu tratado <i>da Ira</i> , e traducção d'elle.....	III, 58
Seu (O) a seu dono. Explicação leal de Castilho ácerca dos seus epigrammas contra Filinto Elysio.....	I, 147
Silva (Florencio José da). Coronel constitucional batido em Alcacer do Sal...	III, 63

Silva (Innocencio Francisco da). Citado muitas vezes.....	III, 28
Silva — Vide <i>Costa e Silva — Rebello da Silva</i> .	
Silva Leão (Antonio José da). Barão de Almofalla, e Inspector do Arsenal do Exercito em 1831.....	III, 60
Silva Mendes Leal (José da). Compareceu em certa reunião de Castilho em 1839 ou 40.....	II, 127
Membro da Commissão do beneficio para as filhas do grande Machado de Castro.....	III, 12
Silva Passos (Manuel da). Compareceu n'uma reunião do seu amigo e antigo condiscipulo Castilho em 1839 ou 40..	II, 127
Silva Tullio (Antonio da). Foi um dos convidados a uma reunião literaria de Castilho em 1839 ou 40.....	II, 127
Foi secretario da Commissão promotora do beneficio para as filhas de Machado de Castro.....	III, 13
Simões de Almeida (José). Este nosso eminente estatuario, autor do busto de Castilho em marmore de Carrara, que se acha na Bibliotheca publica, é muito admirador do busto do mesmo poeta pelo seu antigo mestre Assis Rodrigues.....	III, 85
Soneto recitado pelo joven Castilho em certo oiteiro da Universidade em 1823.	I, 85
Soneto ao Usurpador nos dias da sua omnipotencia.....	I, 103
Sonetos no anniversario de S. M. a Rainha D. Maria II, (4 de Abril de 1834)..	I, 173
Sonhos (Os). Cançoneta... ..	II, 5
Este madrigal teve musica de João Evangelista Pereira da Costa.....	III, 61
Sousa Loureiro (Francisco de). Membro da Commissão do beneficio para a familia de Machado de Castro.....	III, 12
Suppico de Moraes (Pedro José). Quatro noticias a seu respeito.....	III, 28

T

Tardes de Oeiras.....	I, 20, texto e nota
Tejo. N'elle desagôa o Zêzere.....	I, 32
Tempestade (A). Anacreontica.....	II, 27
Thebaida. Retiro do Morgado de Assentiz em Lisboa.....	I, 19, texto e nota
Thorwaldsen (Bartholomeu). Duas noti- cias biographicas d'esse talentoso es- cultor dinamarquez.....	III, 86
Tolentino. Menção honrosa.....	I, 18
Dá-se Castilho como seu parente.....	I, 117
Explica-se o parentesco.....	III, 55
Treze (Os) annos. Cantilena.....	I, 41
Esta cançoneta foi posta em musica....	III, 39
Tullio—Vide <i>Silva Tullio</i> .	

V

Vallada—Vide <i>Marquez de Vallada</i> .	
Verso alexandrino Considerações sobre esse opulento metro.....	I, 53
Verso sôlto Ponderações a seu respeito..	III, 23
Versos no album de Miss Martin.....	I, 101
Versos latinos.....	I, 195 e seg.
Versos liberaes.....	I, 59 e seg.
Vidal—Vide <i>Xavier Vidal</i> .	
Virgílio Citação da sua <i>Eneida</i>	III, 39
Outra vez.....	III, 44
Outra.....	III, 60
Outra.....	III, 61
Visconde de Fontainhas celebre mathe- matico.....	III, 67
Viscondessa de Fontainhas pintora de certo merito, discipula de Sendim....	III, 67

W

Weise (Carlos Hermano) Sabio director de uma accurada edição de Horacio..	III, 45
--	---------

X

Xácara de Santa Iria A proposito d'ella transcreve-se a narração do martyrio da Santa, escrita por D. Rodrigo da Cunha.....	III, 30
Xavier de Mattos (João) Quatro noticias auto-biographicas d'elle.....	III, 27
Xavier Vidal (Manuel Claudio) Cargos burocraticos d'esse sogro de Castilho.	III, 60

Z

Zanole (Julio) Poeta francez, que esteve em Lisboa em 1846. Carta d'elle a Cas- tilho, e traducção dos versos <i>O acalen- tar da neta</i>	III, 73 e seg.
Zézere Rio onde desagôa o Nabão.....	I, 32

Indice do Volume I

	Pag.
Advertencia dos editores.....	5
Dedicatoria	7
Prologo do autor.....	9
I—Epistola ao Morgado de Assentiz ...	15
II—Santa Iria, xácara	23
III—Os desejos do romeiro.....	35
IV—As flores.....	37
V—Os treze annos.....	41
VI—Epigramma.....	45
VII—A infancia (de Baggesen).....	47
VIII—Aborto de uma satyra.....	51
IX—Os macacos.....	53
X—Preambulo aos versos liberaes.....	59
XI—A apparição.....	73
XII—Meditação.....	81
XIII—Soneto.....	85
XIV—Ao Estado.....	87
XV—Elegia ad Musam.....	95
XVI—In natalem meum, elegia..	97
XVII—Versos no album de Miss Martin....	101
XVIII—Ao Usurpador nos dias da sua omni- potencia.....	103
XIX—O sacrificio a Camões.....	105
XX—Epitaphio.....	115
XXI—A deserção gloriosa	117
XXII—Defensa de um inconstante.....	129

	Pag.
XXIII—A João Jorge de Oliveira e Lima...	133
XXIV—Epigrammas.....	145
XXV—Ao Usurpador, na sua sahida de Portugal.....	151
XXVI—A um amigo meu, no dia dos seus annos.....	163
XXVII—Eu, Antão Verissimo, e a môsca...	169
XXVIII } a } XXXIV }	Sonetos á Rainha D Maria II. 172 e seg.

Indice do Volume II

	Pag.
XXXV—Os sonhos.....	5
XXXVI—Ao Povo, nas eleições de 1834	7
XXXVII—Hymno, no anniversario do juramento da Carta	21
XXXVIII—O quadro animado.....	23
XXXIX—A tempestade.....	27
XL—O clarim	31
XLI—Á morte da <i>Chronica constitucional</i>	35
XLII—Rendez-vous a uma senhora	43
XLIII—As folhinhas antigas e as modernas	45
XLIV—Epigramma.....	49
XLV—A' fonte fria do Bussaco	51
XLVI—Elogio a * * *	55
XLVII—Impertinencia das mãos.....	57
XLVIII—Inscrição para o monumento de Argalé.....	61
XLIX—Hyems, elegia.....	65
L—A Mauricio José Sendim	69
LII—O Amor e o Tempo.....	77
LIII—O Anjo da harmonia	79
LIII—Epitaphios de um frade.....	81
LIV—A Filippe Folque	85
LV—A ribeira e o lago.....	93
LVI—As duas primaveras.....	101
LVII—Metamorphoses de todos os tempos	101
LVIII—Ao snr. João J. Borges, musico.....	107

	Pag.
LIX—Poesia franceza.....	115
LX—Réponse de Monsieur de Castilho...	119
LXI—A Madame de Castilho	121
LXII—A Monsieur de Castilho.....	123
LXIII—Horoscope.....	127
LXIV—O commercio de Cythéra.....	129
LXV—Poesia dinamarqueza: Saudades da Patria	133
LXVI—O cemiterio campestre	137
LXVII—O campanario de Fárum.....	141
LXVIII—O acalentar da neta.....	149

Indice do Volume III

	Pag.
LXIX—Na festa de um Baptisado.....	5
LXX—Epigramma.....	7
LXXI—A Francisco de Assis Rodrigues....	9
Notas dos Editores	21 e seg.
Additamento.....	87

ERRATA

VOLUME I:

Pag. 159 — lin. 13 — Em lugar de *insultosa* deve lêr-se *insultuosa*.

VOLUME II:

Pag. 65 — lin. 12 — Em lugar de *Pauperes* deve lêr-se *Pauperis*.

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora



LIVRARIA MODERNA
85-RUA AUGUSTA-LISBOA